

oferta
-O. NOV. 1998

ANO IV N. 159

1

JUNHO

1944

PREÇO AVULSO

ESC. 1\$5.0

O xadrez da invasão!

Veja neste número uma notável síntese do que poderá ser a guerra se a Europa fôr invadida!



BIOTEC
CENTRO

**VIDA
MUNDIAL**

No seu discurso, ao inaugurar o II Congresso da U. N., Salazar respondeu a quantas interrogações a Nação fazia em relação ao mundo.

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

Poema do meu vagabundo

CA dentro de mim, um pequeno vagabundo que anda seguindo um sonho desde que eu nasci. Um sonho belo feito de promessas e de esperanças. Um sonho tão grande como a própria vida, tão grande como o próprio mundo. Por isso mesmo não se cansa do caminho o meu pequeno vagabundo...

Sei lá o que ele tem corrido!... Já viveu no alto da serra, sofrendo o frio que sofrem os pastorinhos seus irmãos, já andou no mar tempestuoso, em qualquer barca dum porto qualquer, já dormiu numa enxérga e comen o pão duro que Deus dá aos que têm fome...

Às vezes, sinto-me contente e há qualquer coisa, em mim, que, de repente, me entristece. É o meu pequeno vagabundo. Vem-me aos olhos e os meus olhos ficam cheios da melancolia que reviste os dias amarelados... Vem-me à boca e eu provo o fel de tudo aquilo que já perdeu a doçura... Vem-me ao coração e eu tenho remorsos de pensar que era feliz, quando a vida é assim...

Correu os caminhos de todo o mundo, o meu pequeno vagabundo. As suas botas esburacadas e sujas gastaram-se na poeira de todas as terras, de todas as raças. Mas não vem desiludido. E há-de correr, de novo, os caminhos cruzados do mundo. E há-de sentir, de novo, o desprêzo e o ódio, a inveja e a cobiça, a maldade e ambição. Nada o fará desistir da sua jornada!

Porque há flores lindas, de muitas cores, que recebem mil cuidados, e outras flores, também de muitas cores, que morrem abandonadas sem ter quem cuide delas?

Porque há gente que se queima e morre ao sol e outra gente que precisa de sol para viver?

Porque não é o céu sempre azul, porque não gozam todos os passarinhos da mesma liberdade, porque não vão todos os rios dar ao mesmo mar?

O meu pequeno vagabundo anda seguindo um sonho que sabe tudo isto. É um sonho mágico. Chama-se felicidade...

Talvez um dia, meu pequeno vagabundo, consigas realizar o sonho que é teu e que nasceu comigo. Talvez um dia possas responder a todas as interrogações e explicar todos os enigmas. Talvez um dia... Mas tu nunca deixarás de existir, meu pequeno vagabundo... Terás então outro sonho, mais belo ainda, para realizar. E continuarás a correr os caminhos cruzados de todo o mundo!

GENTIL MARQUES

Anita desgrenhada

(Foto Álvaro Colaço)



Nos tempos do Santa Rita, pintor...

Talvez os leitores mais novos desta revista não tenham ainda ouvido falar do Santa Rita, pintor. É a eles, especialmente, que se dedica esta crônica de evocação. De recordações dos bons tempos, quando Lisboa era outra e a mocidade era outra também, quando havia mais personalidade, melhor espírito e menos meninos «pumbas»...

Relembrar Santa Rita, pintor — é relembrar toda a geração dos futuristas, geração onde alguns degeneraram, mais tarde, mas onde elementos houve que ficaram para sempre na vanguarda da vida intelectual portuguesa.

Pensemos no Mário Sá Carneiro, gordo e bonitinho, esse poeta excepcional, que foi o fundador do glorioso «Orfeu» e que já anos antes da sua morte previa o trágico suicídio «numa cidade cheia de nevoeiro, dum país do norte», profecia autêntica pois que em Paris, no seu «appartement» romântico ele estolrou o crânio com as balas dum revólver qualquer... Pensemos em Ferreira Gomes, o Ferreira Gomes dos contrastes, que tão depressa se penteava à Alfred Musset, como deixava crescer a cabeleira à Dumas, como amputava o bigode para se parecer com o seu ídolo, Edgar Poe...

Pensemos no José Pacheco, outro grande desse tempo, português com espírito de parisiense, que um dia, tendo de abandonar Paris esbofetou um francês só porque ele ficava lá... Pensemos no Rui Coelho, que hoje já ganhou fama e louros, no Reinaldo Ferreira, que a morte roubou tão cedo e tão ingloriosamente, no genial Fernando Pessoa — Álvaro de Campos — Alberto Caeiro — Ricardo Caeiro, no maravilhoso Stuart, esse Stuart inconfundível, mestre na caricatura e na observação — que hoje é o mesmo de ontem, criança e artista... — e em muitos outros e em muitos outros. Mas não lembramos os nomes de todos. Há nomes que convém esquecer, ou, pelo menos, desligar desse tempo, desse passado...

Santa Rita, pintor — porém — foi, talvez, o mais característico desses rapazes audaciosos que conseguiram, como alguém disse, e muito bem «a europeização de Portugal do século XX e que, sacrificados, ficaram sob a ameaça do esquecimento ingrato e injusto, na balbúrdia confusa do cemitério da sua grande guerra — soldados desconhecidos sem homenagem».

Estão a vê-lo, como o lápis prodigioso de Stuart o caricaturou: muito

alto, muito magro, sempre de negro, desde o chapéu até às botas...

Ah! Santa Rita, que de lembranças o seu nome não evoca. «Blagueur», como poucos o sabem ser — as suas histórias valem bem uma época e uma personalidade.

Conta-se que, um dia, ele gritou furioso a sua vingança para um companheiro canalha e poltrao.

— Vou matá-lo! — berrava o Santa Rita. — Ninguém o salvará!

Estranharam esses modos e perguntaram-lhe, admirados:

— Falas a sério? Tu não és capaz de fazer mal a ninguém.

Santa Rita encolorizou-se mais: — Ah sim? Estão enganados... A este, vou matá-lo, sem misericórdia!

— Mas como?

Santa Rita fez uma pausa. Estendeu as mãos ossudas e explicou:

— Escondo-me, numa noite destas, num corredor da sua casa e quando ele entrar e passar perto de mim, grito-lhe: «Béu! Béu — Béu!». Tenho a certeza de que morrerá imediatamente.

Era assim o espírito de Santa Rita. Não se sabe o número de quadros que ele pintou. Mas sabe-se que as suas anedotas não têm fim...

Basta dizer que à hora da morte, quando os médicos desesperavam de o curar, Santa Rita perguntou:

— Doutores, isto não serão febres de África?

Os outros olharam-no, numa esperança. E um deles, já alvoroçado:

— Bem... Bem... Então o senhor esteve em África?

Santa Rita abanou a cabeça, sorrindo:

— Não... Nunca estive... Mas às vezes... Podia ser...

E daí a um minuto ou dois morreu, a sorrir da última partida que fizera, da sua última «blague»...

REPÓRTER DOIS

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

Sendo antigo leitor da «Vida Mundial Ilustrada», é a primeira vez que escrevo a esta secção, para expor o seguinte caso:

— Fui no dia 17 do mês passado a um cinema de Lisboa ver o filme «A Corça de Ferro».

Abriam o programa com o documentário «Fontes de Roma» que, em virtude da sua música, exigia o mais absoluto silêncio. Pois, silêncio é que não havia!

Calcule V. que já passavam 15 minutos e, segundo o velho costume lisboeta, ainda estava a entrar gente!

Além disso, eu estava belíssima-mente «enguçado»: à minha frente, tinha duas senhoras que, durante a passagem do filme, só falaram da vida particular de outrem. À minha retaguarda, uma respeitável mãe, com cara de poucas amigas, acompanhada de seus dois filhos pequenos a quem interessava mais uma história qualquer do que o documentário. Do meu lado direito, um bebé ao colo do papá não havia meio de estar quieto. E, havia ainda, aqueles meninos que têm a mania de ser engraçados com os seus comentários ao filme.

Ora, tudo isto incomoda o espectador que é bem educado e paga o seu bilhete para ver o programa do princípio ao fim.

No 1.º caso que exponho, há remédio prático e simples. Darem em 1.º lugar os documentários porque são de curta metragem e deixando simplesmente entrar os retardatários na mudança de um pequeno filme para o outro.

No 2.º caso, temos bem visível a falta de educação do nosso povo que, por o documentário não lhe interessar, faz todo o possível para que os outros não o possam ouvir.

Este mal é de remédio mais difícil mas, se todos quisessem, tornar-se-ia fácil.

Que direito tem um miúdo de menos de 10 anos de ir ao cinema? Só para incomodar a gente.

E as piadinhas dos meninos engraçados talvez com um pouco de vigilância acabassem...

AFONSO MARCELINO FERREIRA — Rua das Escolas Gerais, 18, 1.º D. — Lisboa.

Estou absolutamente de acordo com as duas cartas que publicaram sobre o Círculo de Cultura Musical, em que se põe em dúvida — e com muita razão — os intuitos de Cultura que essa instituição diz pretender servir. O que não estou nem posso estar de acordo é que essas duas cartas apenas visassem o Círculo de Cultura Musical quando existe uma outra associação, denominada Sociedade de Concertos de Lisboa, que enferma do mesmo mal.

A cultura musical do nosso povo é medíocre. Isto é estafado lugar-comum. Mas como não há-de ser, se unicamente se tem em vista o negócio, se bem que encoberto com fins nobres e altruístas?

UM MÚSICO

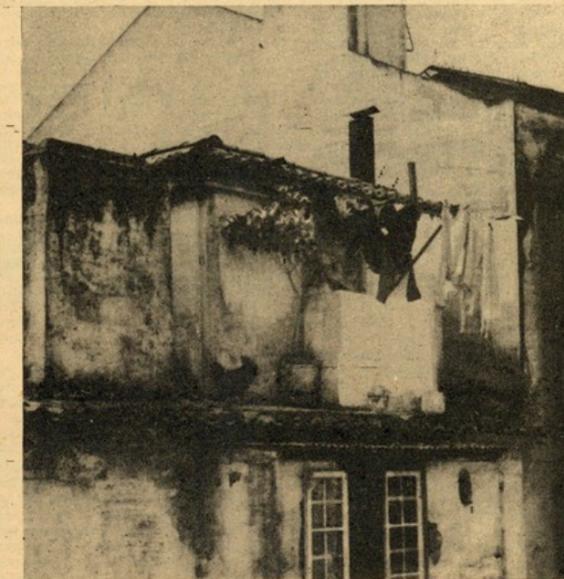
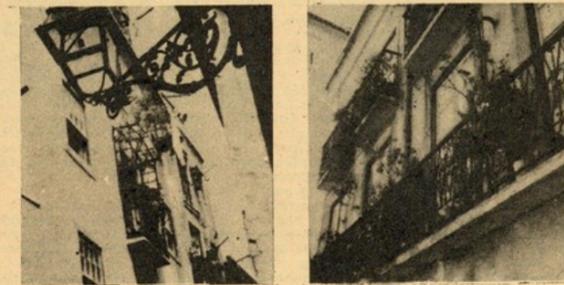
Há dias, entrei numa pastelaria da rua de São Paulo, na intenção de comprar alguma coisa para lanchar. Sobre o balcão, encontrei alguns pratos com bôlos. Estavam, porém, expostos às moscas, num local impróprio, de modo que cada freguês ou caixeiro que se aproximava, roçavam as mangas e as bandas do casaco. Protestei contra aquilo, que é um autêntico crime, mas o empregado, com o arzinho mais ingénio ou parvo deste mundo, perguntou-me:

— Então, onde é que o senhor queria que pússemos os bôlos?

Excusado será dizer que me vim embora sem lanchar. Não sei se o zeloso funcionário teria compreendido que o melhor lugar para guardar os bôlos é nas vitrines...

JOÃO DIAS DOS SANTOS

GRADES FLORIDAS



LISBOA podia ser um jardim florido. Cada recanto, cada curva de rua podia guardar um pequeno canteiro garrido, a quebrar a monotonia do cinza e do amarelo dos prédios, enfiados. Mas não acontece assim. Lisboa não tem flores, porque a Câmara não quer — preferindo que os recantos de Lisboa fiquem escuros, sombrios de dia e sem uma lâmpada à noite. Por isso os lisboetas, amigos de flores, fazem das suas janelas um canteiro alegre e gritante. De cada parapeito, de cada grade, precipita-se uma catadupa de cravos e sardinheiras. Às vezes, até surge uma árvore — nespereiras, sobretudo — a fazer recordar um pomar que talvez tenha ficado na província e que dê a ilusão de que há fruta barata em Lisboa...

(Fotos Sêrvadio)

UM INQUÉRITO A CORRER...

Qual é a fruta que prefere?

A fruta, dizem as donas de casa, custa os olhos da cara. E, na verdade, apetitosas e belas as rubras cerejas, taladas, vendem-se a seis e sete escudos o quilo. Ainda há dias, vimos um vendedor, ajoujado, com dois enormes cabazes cheinhos. Parou, a uma esquinha, a descansar. Batidos de sol, os céstos com o vermelho das cerejas tentava os olhos dos que passavam; adiantou-se, então, um pobre homem, já idoso, calças delidadas, uma expressão de temor no rosto macilento. E pediu: «deixa-me tirar uma cereja?».

O vendedor acedeu, sorrindo.

— Obrigado, disse o velhote, julgava que nunca mais provava a fruta de que mais gosto; está tão cara que até nos assusta...».

A fruta de que mais gosta! Eis um motivo de curiosidade jornalística!

Cada um de nós tem predileção por uns frutos que o nosso paladar, gulosamente, reclama. As talhadas de melancia, fresquinhas, comidas no calor das hortas, em mangas de camisa; o adocicado melão, gasoso, «Palha Branco», dum amarelo torrado que seduz; as sumarentas laranjas de Setúbal, finas e doces, que consolam; os morangos de Colares que os saloteiros trazem à cidade nos cabazes — e apregõem por essas ruas; os pêssegos — ah! os pêssegos! — que só o aroma torna tentadores! — enfim, toda a série de frutos que o lindo sol de Portugal sabe fazer medrar, nesses abençoado campos...

Foi por termos ouvido dizer àquela velhote que eram as cerejas a fruta de que mais gostava — que nos lembrámos de perguntar a meia dúzia de pessoas, conhecidas do nosso público, qual a predileção do paladar, diante dum autêntico cabaz «cocktail» de frutos.

No intervalo da «Rosa Cantadeira», Herminia, a popular vedeta que o público admira, ainda com a última canção nos lábios, responde, prontamente:

— «Eu gosto muito de toda a fruta. Não posso passar sem ela. Aprecio imenso, uma boa talhada de melancia, comida num retro, quando o calor aperta. Acho que a melancia vale um poema... fadístico!».

— E cerejas?

— E a artista, que tantas ovações tem arrancado, com vivacidade atirou logo: como se diz num fado — as cerejas são os brincos dos pobres!

Abalámos do teatro. A mesa do café, na «Brasileira» um conhecido economista lê, alheio ao ruído que vai à sua volta. Tivemos recelo de despertar o ilustre professor daquele mundo de cogitações. Por fim sempre nos resolvemos:

— Diga-nos, doutor, qual o fruto que prefere?

Os seus olhos cintilaram, debaixo das grossas lentes — teve uma hesitação — e depois como se tivesse despertado dum sonho:

— Para exportação... a laranja. Mas bem acondicionada, nada de precipitações. Os direitos alfandegários, as tarifas...

— Nada disso, doutor! A nossa pergunta é para uma questão de paladar, de gosto...

— Ah! compreendo! Então nesse caso, as frutas cristalizadas — porque não têm o perigo de estarem azédas...

Na rua, em pleno Chiado, encontramos Maria Sídónio, a vedeta da rádio. Ia para a Emissora, com uma pasta cheia de canções e sambas — essas sambas que ela interpreta com a alegria de Carmen Miranda.

— Qual o fruto que mais aprecio? — Olhe, poderia gostar do melão... do ananaz, daqueles rosados pêssegos que fazem crescer água na boca. As amoras também me tentam. Como vê, não sei escolher...

— Nesse caso prefere uma salada?

— Sim, uma salada bem fresquinha.

E lá se foi a cantorolar: «al que calor... ou... ou!».

Ao entrarmos na redacção demos mesmo de cara, com o respeitável guardacívico, que de mãos atrás das costas, faz o giro nesta área. Já é um conhecimento de «boas-tardes», como está?

Por isso lhe perguntámos: — qual é o fruto que mais aprecia?

— É ele a sorrir, lembrando-se da aldeia — é do Minho — onde os pomares são às dúzias:

— A pêra, a pêra é a fruta que mais gosto! Muito saborosa!

— E da castanha, não gosta?

— Sim — mas bem passada... no forno! Só nós ficámos a pensar que, quem nos tira a uva... moscatel, tira-nos tudo!

Com licença...

É uma lei sem excepção. Em tempo de paz, fala-se da guerra. Em tempo de guerra, fala-se de paz. Nem chega a ser coisa de passar. É um fenómeno natural, uma consequência inevitável desta lei de mais nos interessarmos por aquilo que menos conhecemos, que mais remoto se encontra, que mais longe reside do horizonte da nossa observação e do universo do nosso mais acessível entendimento.

Hoje, que escutamos o choque dos ferros com que os homens se batem em asanhada fúria, todos nos aventuramos em indagações do mesmo espírito. A cadeia de perguntas rola, onda após onda, na tempestade medonha das preocupações de todos: dos homens e dos povos; dos que estão em guerra e dos que puderam manter-se neutros; dos que estão perto das zonas de batalha e dos que só lhe escutam os ecos remotos; dos que têm sobre si a responsabilidade de conduzir os povos e dos que têm consciência de que são conduzidos; dos que têm onde fazer ouvir a sua voz e do simples homem da rua, que sente o mundo inteiro e os seus arrancos no lapso pequeno onde a mulher e os filhos tanto são a sua própria razão de ser como a das suas inquietações: que será a paz? Como será? Que farão os homens para organizar as suas relações? Que farão para organizar as relações entre os povos?

O sr. dr. Augusto de Castro — com a sua experiência de diplomata e a sua qualidade de jornalista — considerou oportuno, há dias, trazer a público o seu depoimento. Fê-lo, naturalmente, com aquele brilho próprio da sua categoria de elegantíssimo e espirituoso cronista, em que não fica mal ver, num passo ou noutro, a influência de leitura prolongada e saboreada de Ramalho Ortigão. Em dois artigos seguidos, o director do «Diário de Notícias» tratou do conjunto de problemas que se prendem com a organização da sociedade internacional, repudiando o princípio a que se chamou da segurança colectiva — que considera ter-se revelado ineficaz e condenando o que chama o imperialismo da paz, à base das idéias lançadas de uma espécie de directório mundial, que comande as linhas gerais da política dos Estados. Parece que do simultâneo repêto de ambas estas fórmulas não pode resultar mais que a adopção de um fisiocrático il mundo va da se transplantado para a órbita internacional. É uma atitude — mas essa será, afinal de contas, a atitude de não se adoptar atitude nenhuma — o que parece, nos nossos tempos, ser experiência que não vale a pena renovar. Não há possibilidade. Com os meios técnicos postos à disposição dos homens, acabou-se para as nações a vida concebida de sua boíteira. Tudo se proclama e expande rapidamente: as idéias — e o trabalho. Não há portas fechadas nem fecho de as não abrir. Os regimes de economia circunscrita fizeram a sua experiência e perderam a sua razão de ser. Aqui há trigo, ali há máquinas, mais além há carnes. Cada um tem que dar o que receber: o domínio das trocas não pode ser sendo intensificado. Como? Esta necessidade proclama desde logo outra necessidade, a das relações, para cuja ordem e governo se não pode dispensar uma super-arquitectura qualquer — chame-se-lhe Sociedade das Nações ou chame-se-lhe o que se quiser.

Quando se passar do campo das relações culturais e económicas para o das relações políticas, o problema redobra de acuidade. Como se decidem os diferendos? Quem regula os conflitos de interesses? A arbitragem — responder-se-á. De certo, a arbitragem. Mas de quem? De árbitros ad hoc? De um tribunal permanente? Das potências que sem nenhum justo e reconhecido título se arroguem qualidades de protectoras? Os conflitos entre os pequenos povos serão fáceis de resolver — pela imposição dos mais fortes. Mas os que estamos entre galos de cristão? Quem lhes impõe a voz da razão? Quem declara a justiça?

O sr. dr. Augusto de Castro — e o antigo secretário de Estado adjunto americano, sr. Sumner Welles, dias depois, proclamou tese semelhante — condena a idéa do «directório» das grandes potências. A experiência dêsse espírito, na ordem da política interna, tem sido feita, de 1918 para cá, em muitos regimes nacionais. Na ordem internacional teve a sua perspectiva quando a França, a Grã-Bretanha, a Itália e a Alemanha se concertaram por um momento para dirigir toda a política europeia. Foi o «Pacto do Quatro» famoso — e a sua existência não se revelou brilhante. Na realidade, a idéa de tudo se decidir pelo simples acordo dos «grandes» — pode até mesmo ser cômoda. Mas só por acaso alguma vez será justa. De acordo, por isso, com a exclusão. Mas o sr. dr. Augusto de Castro põe de parte, também, a Sociedade das Nações, ao dizer que Genebra «não só não impediu nenhum dos conflitos que abriram o caminho à guerra actual», como ainda favoreceu a eclosão e a extensão dêsses conflitos».

Tal conceito não ficou, entretanto, sem resposta — e deu-a quem melhor o podia fazer. Doente a recompor-se de crise grave, o sr. dr. Augusto de Castro — acatado frouros genebrino — fez ouvir a sua voz para replicar, em defesa dos princípios da Liga: «se, em 1935», diz, «o Governo francês fôsse presidido por um Briand ou um Barthou...». Mas o mais ardente propagandista da segurança colectiva repousava já, definitivamente, no pequeno cemitério de Cocherel; e o homem que se arvorava em propagandista de uma concepção género «Locarno oriental» tinha caído — talvez por isso mesmo... — varado em Marselha, poucos meses antes, pelas balas dos «ustachis» que dominam hoje na Croácia: e o sorridente Doumergue tinha-lhe dado Pierre Laval como sucessor no Quai d'Orsay...

Isto quer dizer que os princípios não estão em causa. A Sociedade das Nações — uma sociedade de nações, qualquer que ela seja, tenha o nome que tiver — não poderá deixar de existir para regular e harmonizar as relações entre os povos, mas não poderá fazer valer a sua eficiência se não dispuser de meios para que sejam respeitadas as suas sentenças.

No fundo, o que há, ainda hoje, é uma longa distância das relações entre os homens das relações entre os povos, isto é, o atraso em que se encontra ainda o Direito Internacional. Mais do que isso: esse atraso, antes de se notar no plano das normas jurídicas, revela-se desde logo nas normas morais. Nas relações entre os homens, há um mínimo de regras que não precisam de estar reduzidas a escrito para se lhes dar acatamento. Mas onde está criada a moral internacional? Para um homem que se escuse ao compromisso escrito — deixa-se de entender a mão, se o caso não fôr com a polícia. Se um Estado faz outro tanto — os diplomatas sorriem. A um homem que assalte o quintal do vizinho, para lhe pilhar galinhas, acodem os «gendarmes» que lhe detêm algemas. Em situação idêntica entre dois Estados — vamos a ver...

Tardieu reclamava a existência de um corpo militar internacional pôsto ao serviço da Sociedade das Nações. A idéa pôde não ser notável, nem brilhante, nem simpática. Mas nem por todos, mais ou menos, pensarmos assim, se considera que possa dispensar-se, ali à esquina, a esquadra de polícia. E não chega o juiz de paz — é preciso todo um corpo de magistratura e a competente organização armada para a amparar. A simples enunciação das regras de direito não basta, para que o direito seja assegurado, se não fôr acompanhada da existência do aparelho de execução adequado: intimidação e coerção. Está claro que o ideal é que ninguém roube galinhas. Mas como podia haver — e parece que há — quem seja capaz de discurrir tão disparatada idéa, lá vem a lei dizer que é proibido roubar galinhas! Infelizmente, porém, não basta a lei — é precisa a polícia...

J. R. S.



DREXEL BIDDLE, AMÉRICA o embaixador dos exilados

Oi na Primavera de 1941 que ele desembarcou em Londres, vindo dos Estados Unidos, nomeado por Cordell Hull. Ia devidamente acreditado junto dos governos da Bélgica, Tchecoslováquia, Países Baixos, Noruega, Polónia, Iugoslávia e Luxemburgo, refugiados em Inglaterra, e, juntamente, levava um programa de trabalho. Depois, a lista de clientes do sr. Biddle alargou-se: a Grécia, o Luxemburgo e a Iugoslávia mudaram a sede dos governos respectivamente para o Cairo e para Otava.

Qual era, pois, o plano de trabalhos de Mr. Drexel Biddle que substituiu, só por si, um batalhão de embaixadores, junto de cada governo exilado? Basta dizer que lhe incumbia coordenar, vigiar, informar, divulgar, junto do Governo do seu país, quanto se passava dentro dos países, cujos governos se encontram exilados em Londres. Praticamente, todos os planos aliados para a invasão da Europa se baselam em informações fornecidas pela resistência de todos estes países. A maior parte destas informações não chegariam mesmo aos governos de Londres e dos Estados Unidos se não existisse o Gabinete de Biddle. Naturalmente, o facto da maioria dos seus «clientes» estar em Inglaterra, em lugar de se encontrarem espalhados pela Europa, facilita sobremaneira a missão deste norte-americano transferido para Londres, com todo o super-perfeito mecanismo dos ficheiros. Mas, também, não se julgue por isso que o desempenho das suas funções não se revista de complicadas formas, sobretudo porque esses mesmos governos estão longe da própria origem das informações.

Biddle, que num mês resolveu mais problemas do que um Talley-

rand num quarto de século, é um homem de saúde e energia formidáveis, servido de uma experiência sólida na diplomacia — uma carreira que enctou pela Noruega. Tem os seus 47 anos e parece muito mais novo, talvez porque cultiva os músculos desportivamente e o gôsto pela elegância, nas casas de bom-tom.

O «box», a esgrima, o «ski», o remo, não têm para ele segredos e até de «tennis» saiu já campeão. Rico, elegante, com uma responsabilidade que aumenta o seu prestígio, nos Estados Unidos indignam-no frequentemente futuro embaixador em França onde, de resto, já prestava serviço, na altura do grande êxodo que precedeu a derrota, viajando com Paul Reynaud no automóvel que sofreu um célebre desastre...

Seu genro, Ted Schulze, é oficial alemão em exercício nas tropas francesas, desde o episódio de Tchad, em África. Biddle tem, até um cânone de «resistência» a que pôs o nome de «Tchad», para celebrar o episódio e substituir na sua estima um delicado «Okay» que ele e sua esposa deixaram nos Estados Unidos, com recelo de que o bicho não suportasse o raciocínio em Londres...

Pelas altas, múltiplas e complexas funções que desempenha, pôsto portanto ao corrente de tudo o que de verdadeiro se pode saber de cada país ocupado, N. J. Drexel Biddle vai, decerto, desempenhar papel relevante depois da guerra. Os elementos de que hoje dispõe hão-de constituir os factores de construção ou expurgação da Europa de amanhã.

Na foto, vemos Mr. Biddle lendo ao rei Haakon uma comunicação do seu governo. Ao centro, o Primeiro Ministro da Noruega, o sr. Trigve Lie, escuta e medita.

SUIÇA PARA UMA EUROPA MELHOR

RECENTEMENTE, na «Tribune de Geneve» comentava-se um trabalho aparecido também recentemente, da autoria de Léon van Vassanhove, e que perguntava: a Europa futura não poderá adoptar uma Constituição idêntica ou mesmo igual à Constituição suíça?

Vassanhove funda a união e estima fraternal do mundo helvético, na prosperidade de todos ou nos meios que todos têm de a adquirir, concluindo que à Europa deveria ser mesmo imposto um regime capaz de criar em toda a condições idênticas de vida. E, para isso, só o estatuto actual da Suíça se adaptaria.

O jornal citado, comentando este projecto, julga que ele seja aplicação difícil, pois o autor preconiza a criação de federações no centro do Estado federal europeu, nos Balcãs e nos Países Escandinavos, por exemplo. A Grã-Bretanha e a Rússia fariam parte desta união — mas, por causa da extensão dos seus territórios, só a parte europeia nela tomaria assento.

As minorias, segundo o plano de Vassanhove, deveriam gozar de todos os direitos concedidos a todos os outros federados. O Tribunal europeu seria uma réplica ao Tribunal

Federal Suíço, como seriam uma réplica às instituições legislativas suíças, o Senado europeu — cinco delegados por país — e a Câmara federal — um deputado por cada milhão de habitantes. Em compensação, o Conselho federal europeu, eleito por duas Câmaras reunidas, compreenderia tantos membros, quantos são os Estados — o que não é o caso da Suíça.

A «Tribuna de Geneve», para reverter este plano, afirma que as razões históricas que levaram os canções suíços a agrupar-se em Estado federal não são precisamente as que levariam os europeus à mesma decisão, pois, já estavam aqueles ligados por alianças seculares, até que chegassem aos presentes resultados. Por outro lado, enquanto os suíços se agruparam para fortalecer o seu espírito de independência — no momento actual, os europeus sentiriam o desencanto de se julgar menos livres.

«Também», que se faz eco destas considerações, termina assim:

De qualquer modo, e a despeito das considerações expressas, o plano de Van Vassanhove merece que o estudemos...



O rei Pedro, cujo reino atravessa um dos mais trágicos momentos da história da Iugoslávia



Pachitch, novo chefe do Governo.



Simovich, Primeiro Ministro demissionário.

YUGOSLÁVIA

No turbilhão do tragédia

O governo iugoslavo da presidência do sr. Pourich demitiu-se, depois duma crise arrastada para a qual não é fácil encontrar solução adequada. A Iugoslávia, como se sabe, foi ocupada na primavera de 1941. As dificuldades desse país pode dizer-se que começaram com a sua aparição em seguida à conflagração de 1914-18. A pequena Sérvia dos Karageorgevich, que tinham subido ao trono graças a uma conspiração de palácio que teve o seu epílogo no sangue, encontrou um homem de Estado à altura das circunstâncias no chefe do velho, partido radical, Pachitch.

Os sérvios, que foram o ponto de partida para a primeira guerra mundial, souberam, no decurso desta, conquistar a admiração do mundo pela tenacidade do seu patriotismo e pela bravura dos seus soldados. Os tratados de paz recompensaram largamente os sacrifícios consentidos pelo povo sérvio. Mas este estava longe de haver atingido a sua maturidade cívica e foi essa, decerto, a causa principal das dificuldades que depois veio a conhecer.

A IUGOSLÁVIA DEPOIS DA GUERRA

A Sérvia, que saíu engrandecida da guerra, era depois desta o reino triunfante de sérvios, croatas e eslovenos que reconheceram a vantagem de fazerem a sua vida em comum. O drama destes povos é que essa vida em comum constitui a única solução verdadeiramente nacional para cada um deles, e nunca foi possível organizá-la convenientemente.

Entre 1919 e 1939, a Iugoslávia atravessou uma crise de crescimento que se traduz pela guerra civil endêmica e pela guerra iminente com alguns dos seus vizinhos, especialmente com a Itália e a Hungria. Os quinze milhões de elementos anta-

gónicos, que constituíam a sua população, viveram num ambiente de lutas fratricidas e de perturbações internacionais. A rivalidade implacável dos húngaros e a expansão dos italianos somaram-se, ao longo desses vinte anos, aos atentados políticos frequentes e às perseguições por motivos políticos e religiosos.

Assim, nem dentro nem fora da Iugoslávia houve quaisquer dúvidas sobre o verdadeiro significado do golpe de Estado que o general Simovich chefiou e que teve a sua eco-

lha no dia 27 de março de 1941. Esse golpe de Estado significava, mais uma vez, a guerra para os iugoslavos.

UMA DECLARAÇÃO DE CHURCHILL

Referindo-se a ele, num almoço a que estava presidindo poucas horas depois de se ter produzido, o Primeiro ministro da Grã-Bretanha proferiu a sua frase histórica: «A Iugoslávia voltou a encontrar a sua alma».

Duas semanas depois, a Iugoslávia, que pudera apenas fazer a guerra durante seis dias, capitulava. Começou então, como um quarto de século antes, o seu calvário.

Ocupada por forças estrangeiras, a Iugoslávia não se reconciliou consigo própria. Sérvios e croatas continuaram a mostrar-se irredutíveis e a expressão prática dessa incompatibilidade é a luta que opõe os chetniks de Mihailovich aos guerrilheiros de Tito. Nem os conselhos de prudência, nem as exortações amigas, nem os apêlos patéticos puderam fazer terminar uma luta que só conhece o epílogo do sangue.

ALEMANHA

NA IDADE DAS CAVES...

DEPOIS da Idade das cavernas e da pedra, do bronze, da Idade Média — e de todas as outras, incluindo a nossa... — temos a Idade das «caves»...

Senão, vejamos: por causa dos ataques aéreos, Londres viveu longos meses nos subterrâneos, todos os países abriram abrigos no subsolo — incluindo os neutros — procurando, tanto quanto possível, organizar a vida abaixo da luz do sol e à beira da água, pois as caves de Londres, durante muito tempo, estiveram transformadas em grandes tanques para o combate aos incêndios — e que os londrinos, pouco a pouco, acabaram de transformar em estâncias de pesca, povoando as águas de belas espécies de trutas e tudo o mais que puderam...

Agora, os berlinenses, por causa dos bombardeamentos, e porque tiveram que fechar quase todos os belos e grandes estabelecimentos, resolveram o problema, instalando nas caves «magazins» como este pitoresco, que se vê na foto. A roda de uma mesa, o comércio de vendas e ofertas



faz-se com toda a segurança e espírito de probidade, porque as berlinenses — sempre mulheres, as mesmas em toda a parte — era mais fácil passarem sem a sua ração de carne, do que prescindir de mudar o guarda-fato, com a mudança de estação. Antes de tudo — mulheres; depois de mulheres — elegantes...

AS CRISES SUCESSIVAS

É no meio desse drama irremediável que decorrem as crises sucessivas que em Londres e no Cairo têm caracterizado a vida precária dos governos com que o rei Pedro II, filho daquele infeliz Alexandre, assassinado em Marselha, procura, debalde, reconciliar os seus súbditos. Os partidários de Tito não reconhecem a autoridade do soberano nem a legalidade dos seus governos. Os partidários da realza sérvia são adversários intratáveis dos croatas que seguem Tito.

O último acto do drama sérvio acaba de se desenrolar, porém, longe dos campos de batalha e até das chancelarias onde se desenham os contornos futuros da Europa. A pedido do governo presidido na Croácia pelo dr. Ivan Ribar, os governos da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos, do Brasil, da Turquia e da Suíça puseram um «embargo técnico» à utilização dos fundos do Banco Nacional de Belgrado que estavam, até há pouco, aos ordens do rei Pedro e dos seus ministros. O montante desses depósitos eleva-se a vinte milhões de libras que o governo do dr. Ribar reivindica como propriedade da nação iugoslava.



JOSÉ PONTES... SEM NÓ!

Conhecêmo-lo há mais de vinte anos. Nós mudámos; êle, não. Desde que veio ao mundo se conserva, invariavelmente, o mesmo. Nem sequer cresceu. Mas como os homens se não medem aos palmos, mas às palmas, nunca vimos ninguém mais festejado. Só banquetes de homenagem, já lhe ofereceram — oito mil trezentos e vinte e cinco. Isto diz tudo. Sempre risonho, sempre bem disposto, encarando a vida como um «ring», encarando os homens como jogadores de «box», criou, não apenas um sistema característico de ginástica, mas uma filosofia própria. Formou-se em medicina. A sua terapêutica é, porém, toda atlética. Para as pneumonias receita natação; para o reumatismo corridas de Maratona; para os anémicos — luta greco-romana. A sua medicina é toda acrobática. O seu consultório é uma pista...

A maneira do Conde de Monsaraz

Eis uma cebola e uma batata dura;
Condessa, não traduz por forma alguma, creia,
Este mimo gentil a mais pequena idéia
De conseguir aquilo que o meu rival procura.

Feriu-me o brilho austero da sua formosura,
A airosa altivez dos tipos de Judeia;
Mas quanto à distinção que de mim fêz, tomei-a,
Como um sópro ideal, coisa inocente e pura,

E dou-me por bem pago e fico satisfeito
Se vir esta cebola nas curvas do seu peito
Entre os flocos subtiis das rendas transparentes;

E esta batata dura — que fantasia louca! —
Entre os finos carmins da sua fresca boca
Sob a casta pressão dos seus mimosos dentes!

A SOMBRINHA



Pede-me você, minha boa amiga, que lhe conte em dois minutos a história genealógica — digamos assim — da sua sombrinha de tafetá azul, em cuja penumbra agradabilíssima conversámos uma tarde destas em plena rua do Ouro. Oiça. Vou dizer-lhe o que sei — e que não é muito. A trisavó dessa pequenina nuvem transparente — que tanta graça dá a sua elegância requintada — nasceu no século XVIII, com as máscaras de tafetá e os sinaizinhos na face. Não se parecia com a trisneta. Era uma espécie de lanterna chinesa, escarlate, envolta em cordões e torsais de ouro, tendo ao alto um enorme penacho feito com penas de avestruz. Depois, a sua fisionomia alterou-se. Tornou-se mais graciosa, mais elegante e mais leve. O Directório teceu-a de prata, à semelhança das túnicas de Diana. Não tardou, porém, que a Restauração a recompilasse de novo, sobrecarregando-a de guarnições. Mas, de repente, quando menos se esperava, a sombrinha — então já a avó da sua sombrinha, minha amiga — surgiu, como por encanto, pequenina, discreta, susceptível de ser dobrada ao meio, ficando assim pouco maior do que um leque. Mais tarde nasceu, entre rendas, a mãe da sua actual sombrinha. Aqui tem. Dizem que a história se repete. A moda também. A sombrinha 1944 é, no fundo — no fundo e no cimo — 1900 puro. Só faz diferença numa coisa: no preço. Mas essa diferença — ai de nós! — é bastante grande...

ANTEPASSADOS



O Visconde de X, aparentado com toda a velha fidalguia portuguesa, tem numa das suas salas uma vasta galeria de retratos. Há de tudo: cavaleiros, desembarcadores, bispos e até frades. Um dia destes, o visconde, querendo ser amável com um estrangeiro ilustre de passagem entre nós, convidou-o para almoçar. Findo o almoço foi mostrar-lhe a casa, rica de móveis, de quadros, de porcelanas, de preciosidades, e levou-o, como não podia deixar de ser, à galeria dos retratos. O estrangeiro olhou, examinou-os um a um, e perguntou a certa altura ao dono da casa:

— São os seus antepassados, não é assim?
Logo o visconde:
— São, não: foram. Já todos faleceram...

O HOMEM QUE RENUNCIOU



Fausto Guedes Teixeira — cujo busto foi recentemente inaugurado em Lamego — terminou um dos seus sonetos com este verso:

— Só a renúncia é intelectual!

Não seria fácil traçar em menos palavras, não apenas a biografia do grande poeta, mas a sua própria imagem psicológica. Fausto Guedes Teixeira bem pode definir-se como «o homem que renunciou». Que renunciou, não ao culto espiritual da harmonia, da beleza, da verdade, da inocência, do amor, mas das pequenas vaidades terrenas que constituem para tantos a única razão de viver. O lírico da *Esperança Nossa* refugiou-se em si próprio, renunciando intelectualmente a tudo — que não fosse intelectual.

OS CRÍTICOS E OS GATOS



Dizia Fialho que Deus tinha feito o homem à sua imagem e semelhança e tinha feito o crítico — à semelhança do gato. Porque Deus ao crítico dera, como ao gato, a graça ondulosa e o assôpro, o *rhon-rhon* e a garra, a linha espinhosa — e a *calinéria*. Talvez assim seja. Duma coisa, porém, se esqueceu Fialho. Foi classificar os críticos, à semelhança dos gatos, em persas, «angorás» — e maltezes...

ESTANTE GIRATÓRIA



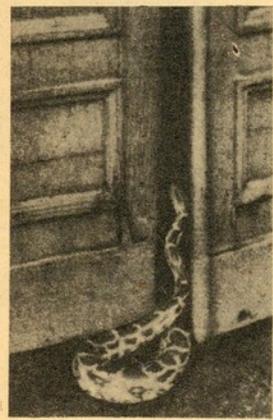
Registamos os dois volumes recebidos na «Calçada»: *Verónica*, de Augusto da Costa; e a *Vida misteriosa das palavras*, de Gomes Monteiro e Costa Leão. O primeiro é um romance em cujas páginas se descreve, com incontestável brilho literário, a história duma rapariga que se encontra, sózinha, no mundo, e a quem o amor procura, não para lhe sorrir, mas para a fazer sofrer; o segundo é um volume pitoresco em que dois espíritos, ao mesmo tempo eruditos e graciosos, se permitem — ó indiscreção! — desvendarem o mistério de muitos dizeres comuns e de inúmeras frases feitas. Estes dois livros, cada um no seu género, fizeram andar a cabeça à roda à minha estante...

Não se assustem!...



Parece que se trata de uma temível serpente, fugida de algum Jardim Zoológico. Mas enganam-se. Trata-se, apenas, de exercícios de defesa passiva, efectuado num «Zoo» alemão.

Supôs-se que uma bomba tinha caído e feito fugir a serpente. Deu-se o alarme e imediatamente ela foi capturada, por soldados especializados nestas arriscadas empresas. Como vêem, até as serpentes fazem exercícios nesta guerra...



Mais um curioso caso de divórcio...

BEM entendido, o caso passou-se na América do Norte...

A sr.^a S. L. Samuels, mulher de um membro do «Stock Exchange», de Nova York, solicitou divórcio de seu marido, sob a alegação de que ele era muito gordo.

Diante do tribunal, a senhora explicou que tinha 16 anos quando conheceu o financeiro, que contava então trinta anos, e tinha as formas um tanto excessivas. Ela aceitou casar com a condição expressa de que o marido faria dieta para emagrecer. O casamento realizou-se e, imediatamente, começaram as dificuldades. O sr. Samuels submetia-se, em sua casa, ao regime que lhe impunha a mulher, mas, ao sair, ia, escondido, a um restaurante, onde devorava copioso repasto. Desta forma em vez de emagrecer, o sr. Samuels cada vez engordava mais.

A senhora Samuels não podia explicar este fenómeno, até o dia em que, sem querer, surpreendeu seu marido entrando num restaurante. Percebeu, então, o que se havia passado, e, furiosa fez um enorme escândalo — escândalo esse que só se renouou com a presença da polícia. Depois, propôs divórcio.

E o tribunal concedeu-o, não sob o fundamento da gordura do marido, mas alegando falta de cumprimento de palavra por parte do muito gordo e muito rico senhor Samuels...



CURIOSIDADES DO MUNDO



Reparem neste extraordinário equilibrista, de cabeça assente sobre o selim. Nesta difícil posição, absolutamente vertical, o equilibrista famoso consegue fazer mil prodígios com a bicicleta.



É um dançarino alemão, o maior intérprete dos modernos bailados germânicos. Aqui o vemos, na dança na Deus Baco.

COCKTAIL

Sabe quem foi Gauguin?...



FOI em 1848 que nasceu Paulo Gauguin, esse homem extraordinário que devotou uma vida inteira à pintura.

A sua existência foi dolorosa e accidentada. Com três anos apenas, sua família levou-o para o Perú, onde viveram cerca de quatro anos. De regresso à França, Paul Gauguin iniciou os seus estudos, matriculando-se em escolas e em seminários. Todavia, o seu espírito rebelde, audacioso, queria aventuras, novos caminhos.

Aos dezassete anos, sem os pais sabermos, Gauguin deserta de casa e transforma-se em marinheiro, engajando-se como aprendiz de piloto no primeiro barco que larga o porto. Durante alguns anos — não muitos porque o jovem Paulo não podia parar muito tempo com o bolso certo — fez aquela viagem do Havre ao Rio de Janeiro. Cansou-se. Na guerra de 1870 cansou-se mais ainda. Por fim, mais calmo, regressa a casa, onde os pais lhe arranjam uma posição pacata e rendosa.

Em 1871, Paulo Gauguin inicia o seu novo trabalho: agente de câmbios. Alguns anos depois, estava rico e casado com uma jovem dinamarquesa, de nome Sofia Gad.

Aconteceu, então, qualquer coisa de estranho e de inexplicável nas relações do casal. Paulo Gauguin, de ordinário tão cerimonioso, tão amigo de passar as tardes em casa, especialmente, as do domingo, começou a ausentar-se, primeiro uma hora, depois duas e, por fim, só regressava a casa altas horas da noite.

Sofia Gad afligia-se, atribuindo aquelas ausências do marido a novos amores. Puro engano. Os amores de Gauguin eram outros — e bem diferentes. Apaixonara-se pela natureza, pelas árvores, pelas florinhas, pela cor do poente. As cores embriagavam-no. Sentia a natureza intensamente. E pintava. Pintava às escondidas, sem ninguém saber. Mal imaginava Sofia Gad que aquela extraordinária paixão do marido pelas cores, seria, em breve, um motivo de infelicidade, de miséria, de ruína para o seu lar.

Em 1833, Paulo Gauguin tomou uma decisão: abandonar tudo e entregar-se inteiramente à pintura. «Agora poderei pintar todos os dias!», exclamou, entusiasmado.

E vieram dias difíceis, faltas de recurso. Tanto ele como a mulher e os cinco filhos tiveram de passar grandes privações.

Passaram para a Normandia, onde a vida era mais económica. Daí, a esposa convenceu-o a partirem para a Dinamarca, onde tinha a sua família. Em Copenhague, Gauguin hostilizava-se com a mulher. Ninguém o compreendia — ninguém o podia compreender. E parte, com o seu filho Clovis, para Paris. Pintava, estudava manhã e noite. Para arranjar o mínimo para viver, tornara-se colador de cartazes, nas ruas.

Por fim, em Abril de 1891, senhor de uma grande técnica, de posse de todos os segredos da sua arte, abala, sozinho, para Tahiti. Trabalha sem descanso, mas a miséria pressegue-o. Os seus quadros, que enviava para Paris, não eram vendidos.

Em 1893, doente, regressa a França. A sua obra, como os seus fatos, provocam o riso e o escândalo em Paris. Mas Paulo Gauguin vive no seu mundo — um mundo que ele próprio criou: as árvores são violetas, os caminhos verdes, as praias cor de rosa. Os seus quadros são incompreendidos e escarnecidos.

Em 8 de Maio de 1903, Paulo Gauguin, o criador de tão sumptuosas harmonias, um dos grandes génios da pintura, morre pobre e abandonado, numa pobre cabana das ilhas Marquesas.

COISAS E COISINHAS...

SABE como apareceu a palavra «snob»? Pois aí vai: quando algum plebeu ousava entrar para a Universidade de Oxford, quasi exclusivamente frequentada por nobres, a secretaria.

para que não se confundissem os «senhores» com os escravos», punha à frente deste a expressão latina *sine nobilitate*, que quer dizer: sem nobreza, sem títulos nobiliárquicos.

Depois, por comodidade, passou a usar a abreviatura *s. nob*, que chegou aos nossos dias como *snob*. Isto é, indivíduo que se mete em lugar que não é o seu, que toma atitudes que não são naturais, etc.

O PRIMEIRO LIVRO DE CIÊNCIA

O mais antigo livro sobre ciência médica é um rôlo de papiro, de quatro metros e meio, datando de 1800 antes de Jesus Cristo. Foi descoberto por Edwin Smith, no Egipto, e descreve 48 casos de clínica cirúrgica, desde fracturas do crâneo até fracturas de coluna vertebral. Cada caso é estudado metódicamente: diagnóstico, exame, semiologia, prognóstico, tratamento, etc.

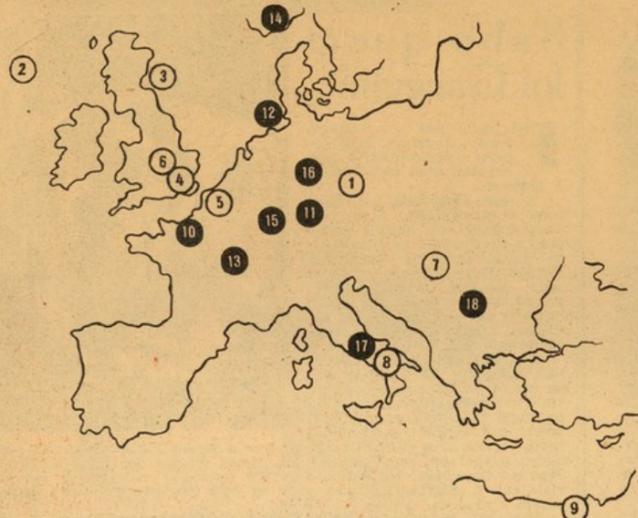
Mas o mais curioso deste livro é que faz uma observação que só no século XVIII da nossa era seria ultrapassada: que o cérebro controla os movimentos dos membros inferiores.

O ARCO DO TRIUNFO

O conhecido Arco do Triunfo, em Paris, foi mandado construir por Napoleão, para comemorar a glória dos seus exércitos, depois da batalha de Austerlitz. Todavia, só quasi trinta anos depois é que ficou terminado. O seu custo orça, mais ou menos, pela bagatela de nove milhões de francos.



Este homem, um tirolês autêntico, consegue prodígios com as suas pernas. Reparem neste extraordinário salto, onde ele derruba o chapéu, colocado a grande altura, e com uma facilidade de espantar.



Neste mapa, o leitor encontrará assinalados com algarismos em positivo, os locais correspondentes à posição actual dos generais aliados indicados para a ofensiva; os algarismos em negativo indicam os locais em que se encontram os generais alemães indicados para a defesa da Europa.

O XADREZ DA INVASÃO

SEGUNDO a lenda, o jogo de xadrez foi inventado por Palamedes, rei da Eubéia, no intuito de distrair os soldados gregos durante os longos dias de inação a que o cerco de Troia os obrigava.

A pequena cidade da Ásia Menor onde se refugiara o raptor de Helena, de Esparta, resistiu durante dez anos às agruras do assédio. Por fim, houve quem se lembrasse do estratagemas do cavalo de madeira, o qual deu ao espôso ultrajado a vitória tão ansiosamente esperada.

Análogamente, poder-se-ia dizer que durante os últimos três anos em que estabeleceram cerco à Europa, os anglo-americanos têm estado a tentar matar o tempo com o jogo de xadrez dos bombardeamentos aéreos, enquanto não acabam de pôr em pé o «Cavalo de Troia» que lhes dê a tão apetecida entrada no Ocidente europeu...

O moderno «Cavalo de Troia» pode-se considerar, alegoricamente, um nobre Pégaso, pois, parece estar representado pelos 100.000 paraquedistas que os próprios alemães anunciam estar aquartelados na Grã-Bretanha para servir de vanguarda às forças que, do exterior, tiverem de forçar as muralhas da fortaleza germânica.

A facção anglo-saxónica terminou, segundo os acontecimentos levam a crer, os seus preparativos para operações decisivas, de acordo com o temperamento e os meios bélicos dos seus soldados. As disposições de batalha dos dois adversários são impossíveis de comparar, visto existir entre eles uma grande faixa marítima.

Os futuros invasores da Europa têm uma base de ataque, cujo valor é desnecessário encarecer — ao passo que os defensores ocupam um campo entrincheirado, onde há muito tomaram as posições que julgaram convenientes.

O maior e o mais sangrento «match» de xadrez bélico, que a história até hoje regista, está prestes a ser jogado. A este respeito, estão os dois adversários de perfeito acordo.

O tabuleiro europeu parece estar preparado, com toda a circunspecção e astúcia, para os primeiros embates. Entretanto, um duplo duelo gigantesco já se travou. Dum lado, os formidáveis bombardeiros dos generais Harris e Spaatz; do outro, o fantasmagórico exército de operários dos engenheiros Speer e Sauckel.

Porém, no campo tridimensional, quem dirigirá as figuras acessórias? Quais os cérebros que se espreitam e procuram adivinhar o que se passa do lado contrário? Os nomes dos responsáveis pelos primeiros golpes activos serão Ismay e Zeitler. Se um deles avançar com uma pedra, imediatamente o contrário terá que movimentar outra correspondente... E, a partir de então, será uma embalhada de ataques e contra-ataques ininterruptos, onde só a Morte reinará como soberana incontestada.

Entretanto, no quartel de Eisenhower os tele-objectivos já estão apontados em direcção à costa da Flandres e a guarnição da «Fortaleza Europeia», com todos os sentidos alerta, espera, nervosamente, que o ponteiro da invasão atinja a hora «H»...

1 O general americano Carl Spaatz aparece sobre o tabuleiro do xadrez como a figura anglo-saxónica que durante os últimos meses tem desferido os mais violentos golpes contra as indústrias e defesas germânicas, visto comandar as forças aéreas de bombardeamento estratégico que, com a R. A. F., deve preparar o terreno para a Invasão.



10 O ministro alemão das fortificações e armamentos Speer é, de momento, a pedra principal da facção nazi. Dêe dependem as medidas contra as ameaças de invasão, a remoção dos obstáculos na fabricação dos armamentos e a solução dos problemas suscitados pela eventual paralisação, momentânea que seja, da indústria alemã, em face dos bombardeamentos aéreos.



2 É impossível saber se Kaiser, o famoso americano construtor de navios mercantes em série, é uma «Torre» ou outra figura qualquer deste trágico jogo. Seja o que for, a verdade é que ele, embora afastado dos teatros de guerra, será um dos principais obreiros da futura Invasão, visto que só, devido à sua dinâmica acção, os E. U. se podem vangloriar de possuir a tonelagem necessária para uma operação desta envergadura.



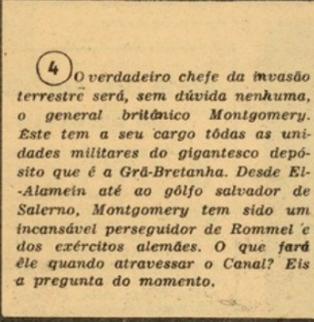
3 No esquema oficial da distribuição dos postos de comando não se consegue ainda depreender qual dos dois almirantes, Sir Bertram Ramsay ou Sir Bruce Fraser (cuja foto publicamos), comandará as forças navais de protecção às forças de invasão. O Almirantado britânico, com o 1.º Lord à frente, terá, pois, a seu cargo uma missão de grande importância, visto ser ele um dos principais pilares da abertura da 2.ª Frente.



11 Os defensores da fortaleza europeia continuam a gozar da vantagem das linhas interiores. Mas, para esse efeito, será necessário manter intactas as linhas férreas nos locais escolhidos pelos aliados para a invasão. Tal tarefa, que os bombardeamentos sistemáticos anglo-americanos têm tornado difícil, está a cargo de Dormmüller, ministro dos caminhos-de-ferro do Reich, sobre o qual recai a responsabilidade de tornar possível a movimentação das forças germânicas de reserva.



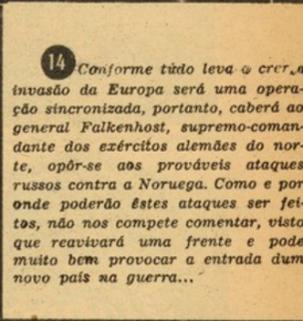
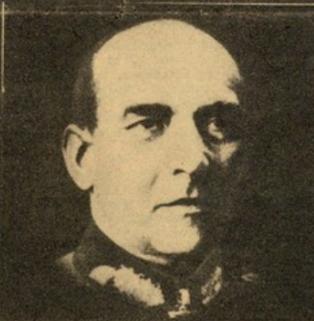
12 No momento em que soar a hora «H», reaparecerá do lado nazi um conhecido elemento de decomposição naval — o infalível submarino. Este engenho de guerra, cuja acção tem sido, provisoriamente, quase nula, travará novo combate de David contra Goliath. E, por detrás deles, estará como desde o princípio, o Grande Almirante Doenitz, que sabe, como ninguém, todas as táticas de ataque e defesa das unidades submersíveis.



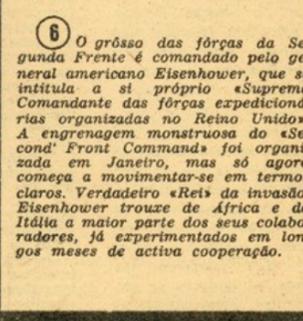
5 Os marechais do ar ingleses, Sir Trafford Leigh-Mallory e Sir William Sholto Douglas (cuja foto publicamos) têm por missão revesar-se na direcção do Comando Costeiro, chefiando simultaneamente as forças aéreas britânicas e americanas que terão a seu cargo a formação do «ecto aéreo tático» sobre os corpos de desembarque. Para este efeito, os bombardeiros anglo-americanos terão de martelar sem descanso as zonas de defesa alemãs antes de soar a hora «H».



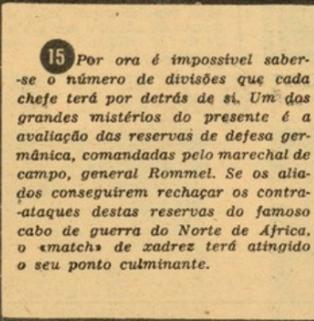
13 Logo que se realize a grande «délivrance» do oeste, o Alto Comando Alemão contra-atacará com uma das figuras mais prestigiosas do seu naipe: o marechal de campo, general von Rundstedt, que, com o seu exército entre a «Muralha Atlântica» e a «Linha Siegfried» terá de defender as vastas linhas costeiras, para o que se servirá das suas «divisões de choque» como figuras valiosas do xadrez europeu.



14 Conforme tudo leva a crer, a invasão da Europa será uma operação sincronizada, portanto, caberá ao general Falkenhorst, supremo-comandante dos exércitos alemães do norte, opôr-se aos prováveis ataques russos contra a Noruega. Como e por onde poderão estes ataques ser feitos, não nos compete comentar, visto que reavivará uma frente e pode muito bem provocar a entrada dum novo país na guerra...



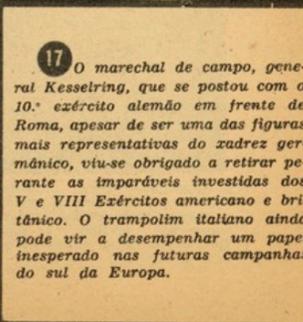
7 No dia em que os invasores desferirem o seu golpe, microscópicas e, simultaneamente, gigantescas figuras, que já mostraram em pequena escala quanto valem, actuarão dentro do coração da Europa. São os patriotas das organizações secretas de resistência que se erguerão como um só homem em auxílio daqueles a quem consideram os seus libertadores e aliados.



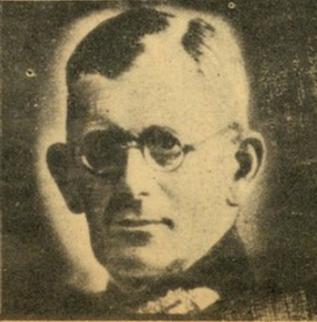
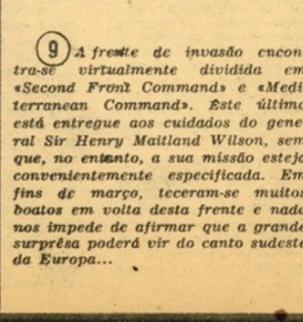
16 O marechal de campo, general de aviação Sperrle, tem à sua disposição a fina-flôr dos caças alemães. É indiscutível que a defesa de caças dentro da fortaleza europeia é ainda muito poderosa. No entanto, como a reacção contra a ofensiva aérea aliada é muito desigual, falta saber se Sperrle e Mûch estão a poupar os seus aviadores para os empregar na sua máxima força no grande dia...



8 Os exércitos de Alexander eram até há pouco pedras móveis em pleno campo de batalha. Porém, a nova arrancada apresenta êxitos iniciais, cuja exploração prossegue com boas perspectivas. A principal tática de Alexander tem sido imobilizar e absorver forças adversárias de modo a não lhe permitir que reforce outros pontos ameaçados.



17 O marechal de campo, general Kesselring, que se postou com o 10.º exército alemão em frente de Roma, apesar de ser uma das figuras mais representativas do xadrez germânico, viu-se obrigado a retirar perante as imparáveis investidas dos V e VIII Exércitos americano e britânico. O trampolim italiano ainda pode vir a desempenhar um papel inesperado nas futuras campanhas do sul da Europa.



18 No sector dos Balcãs, hoje verdadeiro campo de batalha avançado de importância vital, o marechal de campo, general von Weichs mantém-se de atalaia. Três inimigos diferentes o podem molestar: os russos no seu contínuo avanço, os ingleses em espectacular salto vindo das Ilhas e, por detrás das costas, em repentina solução à grande incógnita do Médio Oriente.

O romance do vidro

COMO, onde, quem fez e como se fez o vidro? Mistério dos mais impenetráveis. As melhores fontes da história antiga nada nos dizem sobre esta matéria. Todavia, há a plena certeza de que a descoberta do vidro surgiu no antigo Egipto. O vidro mais antigo, até hoje conhecido, data de cerca de 3.200 anos antes de Cristo. Ao princípio, os egípcios empregavam o vidro apenas para cobrir ou vidrar os objectos de barro. No ano 2.000 antes de Cristo descobriu-se que as contas e os colares poderiam ser feitos interiormente de vidro, sem salmas de outro material. Mil anos mais tarde, os egípcios haviam progredido até ao ponto de fabricar recipientes simples de vidro ou vasos para beber.

O objecto mais antigo, conhecido e conservado até aos nossos dias, é uma taça que data de 1490 antes de Cristo, e que traz uma inscrição com o nome de faraó Tutmosis II.

Foi só 250 anos A. C. que se realizou uma invenção muito importante: a arte de soprar o vidro. Não há indicações de como se chegou a este processo. É provável que alguém haja tentado assoprar contra o vidro, afim de o afastar e viu, afinal, com surpresa, como ele se expandia formando um globo bco.

O acontecimento foi proveitoso. Vasos bcos puderam ser feitos, desde então, mais fácil e rapidamente do que por qualquer outro método.

Na época de Cristo, o vidro já era material comum na fabricação de recipientes para beber. Roma tornou-se o centro da manufatura vidreira do mundo antigo.

A arte de soprar vidro, praticada de maneira bem semelhante ao processo ainda em uso no ano de 1880, irradiou de Roma para todas as suas colónias.

Após a queda de Roma, a arte da vidraria passou para Bisâncio (Constantinopla) e, com o declínio de Bisâncio, encontrou abrigo seguro, durante séculos, em Veneza.

A história do vidro entre 1600 e 1900 foi bastante significativa. A fabricação de vidros ópticos, a sua aplicação às lunetas telescópicas, telescópios, microscópios, no equipamento dos laboratórios de química e biologia e, ainda, mais tarde, a sua importância fundamental na fabricação dos tubos para Raios X, nas válvulas para a rádio, nos termómetros e lâmpadas eléctricas — deram ao vidro um papel de relevo no progresso.

O aparecimento de máquinas automáticas permitiu satisfazer as crescentes necessidades de objectos de vidro nas sociedades civilizadas. O vidro em chapa passou a ser feito, regra geral, em cilindros laminadores. Por sua vez, as ampolas das lâmpadas eléctricas são fabricadas em máquinas que produzem 7 milhões por semana. O trabalho destas máquinas equivale a 2.000 vidreiros sopradores.

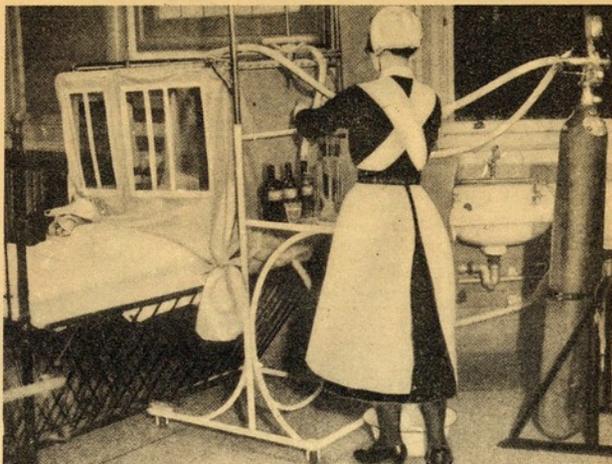
Em 1891, Siemens iniciou a manufatura de filamentos de vidro em escala comercial. Puxando as fibras, da massa de vidro fundida, a uma velocidade superior a 1.400 quilómetros à hora, produzem-se fios mais finos que a décima parte do mais fino cabelo. Assim se produz o «algodão» de vidro, que se aplica em chumaços para isolamento de edifícios, refrigeradores e tanques de água quente.

Mais tarde, estas fibras foram tecidas e apareceram os panos de vidro, que apresentam ainda certos inconvenientes.

Os vidros de segurança foram descobertos em 1904 por um químico francês. Anos depois apareceram os vidros «pirex», fabricados com bórax, e inteiramente à prova de fogo. E surgiu, ainda, o vidro imitando mármore de Carrara, com vantagens que o superiorizavam, visto o vidro não possuir poros onde se acumulem impurezas.

Também é recente a fabricação de «tejolos» de vidro. O poder isolador destes «tejolos» é duplo dos tejolos ordinários, de barro, e são tão resistentes como estes.

Não deve surpreender o facto de não ter sido possível a organização do monopólio do vidro. É porque a matéria prima é abundante em todos os pontos da terra. Com efeito, o vidro não passa de uma mistura de sílica (areia) e de um alcalino, servindo tanto o sódio como o potássio, fundidos a alta temperatura. Outros produtos se juntam, com o intuito de fazer variar as propriedades, mas a composição do vidro é fundamentalmente a mesma.



Em certas doenças, quando há o perigo da sufocação, é utilizado o aparelho que a gravura mostra. Uma tenda cobre o doente, e dentro da tenda é libertado o gás oxigénio, indo aliviar a respiração. Antes de se ter inventado esta tenda, utilizava-se uma máscara. A direita, vemos o cilindro contendo o gás.

A ORIGEM DO UNIVERSO ABC SOBRE O ABCESSO DE FIXAÇÃO

J. H. Jeans considera como ponto de partida do Universo uma nuvem gigantesca de gás extraordinariamente rarefeito — mais rarefeito até que qualquer dos vácuos produzidos por processos artificiais, aqui na terra.

Esse gás ter-se-ia condensado devido à gravidade, em vastíssimas outras nuvens, comparáveis, cada uma delas, ao nosso sistema galáctico. Cada uma das nuvens transformou-se numa esfera, ao passo que a atracção exercida pelas outras nuvens faria com que ela entrasse em movimento de rotação. Depois, as forças da gravidade fizeram cada nuvem contrair-se, acelerando por isso o seu movimento de rotação, até transformar-se num disco achatado e em forma de lente.

A matéria começou então a ser arremessada fora dos bordos dessas nuvens, e a condensar-se sob a forma de estrelas. Segundo Eddington, a quem se deve em grande parte a teoria da evolução das estrelas, estas, tais como a princípio foram arremessadas, não passavam de imensas nuvens tenuíssimas de gases incandescentes, semelhantes às actuais estrelas-gigantes. A medida, porém, que se iam contraindo pela acção das forças gravitacionais, iam-se tornando mais quentes, até atingirem finalmente, em seus centros, temperaturas de 20 milhões de graus centígrados.

Na teoria de Jeans, uma estrela aproximando-se do nosso sol (que é também uma estrela) extraiu dele um longo filamento de matéria gasosa, que se liquefez e se fragmentou em planetas, que por seu turno emitiram satélites.

O abcesso de fixação é um método de tratamento de infecções graves, que tem por fim provocar artificialmente a formação dum abcesso sob a pele, com a ajuda duma substância irritante química: a essência de terebentina. O ponto de partida para a criação do método foram as observações de Fonchier sobre abcessos naturais em parturientes com febres puerperais.

Como se compreende que um abcesso provocado sob a pele, possa curar uma infecção grave generalizada a todo o corpo? Várias teorias foram emitidas, porque o problema continua em suspenso. Alguns consideram o abcesso uma «emboscada» para micróbios, inertes imediatamente pela terebentina. De facto, não há micróbios no pus do abcesso. Outros pensam que o abcesso «fixa» os micróbios, neutraliza os vírus e os venenos, produz os anticorpos (contra-venenos fabricados pelo sangue) e localiza a infecção, provocando uma reacção de defesa do organismo, com um afluxo considerável dos nossos meios de protecção natural: os glóbulos brancos do sangue.

A técnica para produzir o abcesso é só simples na aparência. A injeção, que é dada nas coxas dos doentes, não deve ser nem demasiado superficial nem demasiado profunda, porque originaria complicações desagradáveis, e por vezes graves.

Quarenta e oito horas após a injeção, o abcesso está amadurecido, mas só no sexto dia é largamente aberto, para ser bem esvaziado e drenado. Se ao fim das 4 horas o abcesso não está maduro, é preciso recomençar a operação, mas isso é já um muito grave indicio sobre as capacidades de resistência do organismo.

O abcesso de fixação não é praticado em todas as infecções graves, mas num certo e bem determinado número delas: certas pneumonias, bronco-pneumonias, encefalites letárgicas, meningites cérebro-espinhais; casos graves de febres tifóides; intoxicações pelo chumbo, pelo sublimado, pelos cogumelos; e, sobretudo, nos casos de septicémia, isto é, de infecção geral do organismo, proveniente de complicações de diversas afecções.

A CIÊNCIA CONTRA OS INSECTOS

CALCULAM os entendidos que, nos Estados Unidos, os insectos causam, anualmente, um prejuizo de cerca de 2 bilhões de dólares, soma equivalente ao ganho bruto de mais de um milhão de homens.

Na luta contra os insectos estão a ser utilizados o som, a luz e a electricidade, como complementos físicos às applicações de póis e pulverizações químicas.

A suspensão de uma lâmpada incandescente de alta intensidade, alguns centímetros e cima de um recipiente contendo água coberta por uma camada de querosene no centro de um campo de 24 hectares, teve como resultado capturar 75 litros de insectos nas primeiras quatro noites.

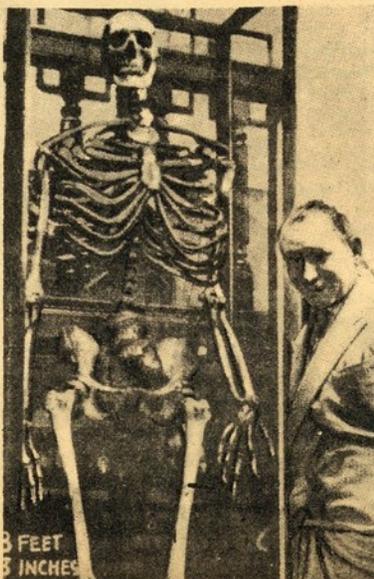
Um agricultor que usou este método, gastando 300 dólares em luz, ganhou, na altura da colheita dos tomates do seu campo, perto de 2.000 dólares.

Tem-se experimentado, também, ventiladores eléctricos, que aspiram ar para dentro de um saco colocado sob uma lâmpada eléctrica. Conseguiu-se, assim, apanhar, numa só noite, cinco quilos de várias espécies de insectos.

Outro método, utiliza certos super-sens, de altura demasiadamente grande para serem percebidos pelo ouvido humano, e que têm acção sobre certa espécie de insectos, atraindo-os e destruindo-os.

Este gigantesco esqueleto, medindo 2 metros e 15, é o resultado duma experiência médica. O doutor John Annelsey julgou que a raça humana definhava, e propôs-se criar uma raça superior de gigantes. Desajudado de todos, pôs em prática as suas idéias numa criança miserável que recolhera por caridade. Depois de 15 anos de tratamentos dolorosos, o infeliz alcançou a altura já mencionada, mas a saúde ressentiu-se tanto, que morreu com a idade de 20 anos.

Um pormenor curioso: descobriu-se mais tarde que a vítima das experiências de John Annelsey era o próprio filho do médico, ausente da casa do pai quasi desde o nascimento.



CRIMES CÉLEBRES

O relógio assassino

EM 2 de Fevereiro a 21.ª esquadra, recebeu uma chamada urgente da Rua Saint Florentin.

— Alló — atendeu o sargento Jacquier — está lá... Sim... assassinado... Bem... punhal... sim... vou imediatamente... mande fechar tudo... ninguém... sim... vou já... sim... Depois voltou-se para Alberti.

— Foi assassinado o Delage. Sabes quem é?

— O milionário?

— Sim, Vanhos.

* * *

Na residência de Delage, já guardada por um piquete, somente residiam o velho milionário, uma dama de companhia e Herball, um mordomo que o servia há quarenta anos. Numa casa ao lado, habitavam os criados e um sobrinho da vítima, Victor Roge, sem profissão própria. Herball estranhara ao meio-dia o patrão ainda não ter chamado, para o pequeno almoço.

Bateu à porta do quarto. Ninguém respondeu. Bateu mais vezes, também sem resultado.

Finalmente, com a confiança que os seus 40 anos de serviço lhe davam, abriu a porta. O leito estava vazio e arranjado. Ninguém, certamente se deitara nele.

Angustiado já, Herball, com toda a velocidade que o seu andar trêpego lhe permitia, dirigiu-se ao escritório. Entrou e soltou um grito de pavor.

Delage, estava tombado sobre a mesa, ainda sentado na cadeira e com um punhal enterrado na nuca.

Herball telefonara imediatamente à 21.ª esquadra e chamou o piquete.

M.^{ma} Frieda, uma velhona com pretensões a rapariga, não sabia de nada, nem ouvira barulho algum durante a noite.

Victor não dormira em casa.

O escritório tinha uma janela fechada por dentro. A porta fora aberta por Herball e se possuíse algumas impressões digitais, tê-las-ia perdido nessa altura.

Nada demonstrava ter havido luta. Todas as coisas estavam no seu lugar. Delage fora surpreendido a trabalhar.

O mistério apresentava-se, pois, com pequenas possibilidades de ser imediatamente esclarecido.

Alberti encarregou-se do caso. Soube que Delage tinha estado para casar com M.^{ma} Frieda. Que Victor era um grande jogador viciado e que por isso caíra no desagrado do tio. Tanto assim que Delage o deserudara para pôr toda a sua fortuna em nome de M.^{ma} Frieda.

Apresentava-se pois, um confuso dilema ao célebre detective.

a) Teria Victor assassinado Delage por vingança?

b) Teria M.^{ma} Frieda tirado a vida ao antigo amante, para mais depressa, herdar a fortuna?

* * *

Passaram-se alguns dias, sem que nada se esclarecesse.

Alberti, todavia, ia juntando elementos. Na manhã do crime, Victor estivera no escritório do tio, a consentar o relógio. Recebera por isso uma miserável quantia, que à vista de Herball jogara fora desdenhosamente.

M.^{ma} Frieda estivera também no escritório por volta do meio-dia, a arrumar um livro.

Daí em diante tudo se misturava. Era certo, porém, que das cinco da tarde em diante, só Delage entrara para o escritório. Herball podia jurar.

Estivera nesse mesmo pavimento, das duas horas da tarde, até ao jantar.

Dia 10 de Fevereiro, Alberti levou Jacquier consigo. Dirigiram-se ao palacete Delage.

Alberti mandou chamar Victor, M.^{ma} Frieda e Herball.

Juntaram-se todos no escritório. Alberti falou:

— Já sei quem foi o assassino. E sei também o processo que empregou. O relógio tem um juízo central que fica paralelo à cabeça dessa pessoa normal sentada na cadeira. Foi colocado um dispositivo no relógio, de maneira que à 1.ª badalada das oito horas, um punhal saía do orifício e apanhava a pessoa, que estivesse sentada na cadeira.

Ora, Mr. Delage tinha o hábito inveterado de fazer meia-hora de repouso, sentado e sem se mover, na cadeira do escritório.

Assim o mataram. Quem foi?

Os três da casa, desfizeram-se em alibis e subterfúgios.

Alberti não se enervou. Sentou-se na cadeira e disse, pausadamente:

— Quando o relógio der sete horas, o punhal sairá...

Deram sete horas mas nada de anormal sucedeu.

— Então? gritou Victor.

— Então — disse Alberti — Jacquier, pode prender M.^{ma} Frieda como instigadora e o velho Herball como assassino.

* * *

Nessa noite, à mesa do «Petit-Europe», Alberti explicava, ao seu companheiro:

— Soube que o casamento se tinha desmanchado por Delage desconfiar da dama. Com quem, é que não consegui descobrir. Ela era ambiciosa e extravagante. Por dedução, concluí que fora alguém instigado por ela — a única herdeira — que cometera o assassinato. Ou Victor ou Herball. Afinal o velho mordomo é que se deixara subjugar pelos pseudo-encantos da solteirona. A história do relógio foi inventada por mim. Era simplesmente para descobrir a reacção deles. Mas já sabia que o assassino fora Herball. Era o único que podia entrar no escritório sempre que queria, sem Delage desconfiar de nada e além disso mentiu-nos quando nos disse ter aberto a porta do quarto do patrão. Na manhã não se encontraram as impressões digitais dele...

MISTÉRIO E AVENTURAS

PROBLEMA N.º 1

O crime do iate "Igo"

INCIAMOS hoje esta série de problemas policiais. Em todos os números de «Vida Mundial Ilustrada» é proposto à argúcia e à inteligência dos nossos leitores um caso de investigação criminal, cuja solução sã daremos oito dias depois. Assim, os nossos leitores poderão enviar-nos a resolução do problema, e todos que o decidirem, conforme a solução oficial, serão registados num quadro de mérito policial.

Portanto, atenção, leitores: se descobrirem o assassino do crime do iate «Igo» enviem o vosso relatório até ao próximo dia 7 de Junho. E agora vamos à história...



Depois de jantar no seu iate «Igo», Keith Pryor traz os seus seis convidados até ao cais. Enquanto o inspector Hannibal Cobb, um dos convidados, o segura, Alan Dean ameaça de morte o riquíssimo Pryor por este namorar a encantadora Inês Vale, sua antiga noiva. Contudo, como que indiferente, Inês olha para Pryor provocantemente. Um pouco mais longe, Paul Byron, encostado à balaustrada, sorri irónico. Todavia, não está tão calmo como parece, porque viu June Lee, a sua namorada, beijar Pryor nessa tarde. June, cherosa e triste, é consolada pela sua boa amiga Lucy Drake.

Pryor, que passa as noites sózinho a bordo do iate, sorri prazenteiro e afasta-se do cais, gargalhando clinicamente: «Tive muito prazer em vos receber como convidados!». E lá vai, tranqüilo e sorridente...



2

3

Na manhã seguinte, o inspector Cobb telefona para o «yacht» mas ninguém responde de lá. Cobb dirige-se ao cais e inesperadamente encontra ali June Lee, um pouco aflita. O cais está deserto — porque o pessoal só costuma aparecer, quando Pryor o chama. Então Cobb e June metem-se no gasolina e tomam o rumo do «yacht». Cobb vai desconfiado de qualquer coisa de anormal...

A bordo, encontram o cadáver de Pryor, estendido ao comprido no solo da cabine. Apresenta uma ferida na cabeça.

Os convidados da noite anterior, convocados imediatamente por Cobb, negam ter regressado a bordo. Mas o inspector vê no chão do beliche um ramo de flores de pôr ao peito e a boquiha de Byron. Inez Vale confessa logo que as flores são dela. E Byron acrescenta: — «Sim, Byron arrancou-lhe o ramo de flores, antes de nos irmos embora — e foi nessa altura que perdi a minha boquiha». O inspector Cobb impõe silêncio. Ele já sabe quem é o assassino. Quem é?

(Ver a solução no próximo número).

A Feira Popular ao serviço de ricos e pobres

Abriu a Feira Popular! Lisboa, que há muitos anos não tinha à mão um passatempo tão dentro das suas tradições e suspirava saudosos de belos tempos das feiras — teve, a partir do ano passado, por iniciativa de «O Século», o seu recinto de faturas, sardinhas, vinho, «pim-pam-pum» e tudo o mais que era o seu regalo de moço e de velhote. Este ano, e porque da primeira experiência se colheram os melhores frutos, a Feira Popular voltou a funcionar. Mas, agora, ampliada na sua missão, pois não é já somente o recinto onde se come e bebe e onde as diversões estão ao alcance de todas as bolsas — mas também, uma parada do nosso comércio, da nossa indústria, da nossa arte. De facto, pela Feira Popular perpassam todos os expoentes da nossa actividade. E, assim, a simpática Feira, organizada para dar fundos que revertam a favor da Colónia Balnear Infantil de «O Século», obra monumental que Pereira da Rosa superiormente orienta — não é só como no milagre das rosas transformadas em ouro, o pão dos humildes e o ar lodado para centenas de crianças pobres — mas uma grande afirmação de vitalidade da nação portuguesa. Por ali, passa de tudo — e o público, que todas as tardes, até altas horas por lá passa, sabe tão bem que assim é.

Grande obra, a da Feira Popular — a favor de outra grande obra, a da Colónia Balnear Infantil de «O Século»!



Ao inaugurar a grande Feira Popular, o sr. Presidente da República ouviu os esclarecimentos que lhe prestou o director do «Século», sr. João Pereira da Rosa, sobre a directriz seguida para a instalação do alegre parque de diversões e de propaganda comercial. Atrás do Chefe do Estado notam-se alguns membros do Governo e, a seu lado, o escritor Matos Sequeira e o sr. Carlos Alberto Pereira da Rosa, administrador da Sociedade Nacional de Tipografia.



O interesse do sr. General Carmona era manifesto. Se repararmos bem na sua atitude, não se recorre esse mesmo interesse? A Feira Popular de Lisboa, dentro dos seus humanitários objectivos e porque de facto corresponde a uma necessidade do nosso povo, mantém já uma tradição que veio ligar as gerações presentes ao passado.

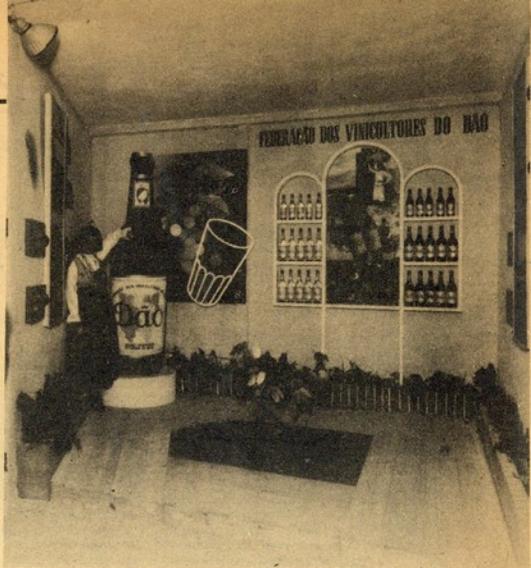
Com as receitas obtidas na Feira Popular é possível dar melhores instalações à já modelar Colónia Balnear do «Século». A foto mostra o Chefe do Estado ouvindo da boca do sr. João Pereira da Rosa as explicações acerca do projecto para a ampliação da grande instituição de assistência infantil de S. Pedro do Estoril.



V
I
S
I
T
E

M OS MELHORES

"S
T
A
N
D
S"
DA



«Stand» da Federação dos Vinicultores do Dão



«Stand» «Joal»: móveis e decorações -

— Av. Almirante Reis, 233-B

FEIRA POPULAR

«Stand» de «Atlântida, L.» — Praça do Município, 31.



NOTAS

RÁPIDAS

A palavra de SALAZAR

A volta da perspectiva de um discurso de Salazar, cria-se sempre um ambiente de curiosidade, um desejo de resposta que nem sempre, diga-se em abono da verdade, terá, como agora, correspondido às interrogações de cada um de nós. Quasi sempre a nação gostaria de saber em que lei vive, senão perante cada consciência, pelo menos segundo cada um dos responsáveis. A voz do Chefe do Governo ergue-se, então, calma e solene, traça um enunciado que é sempre uma peça magistral do ponto de vista do pensamento e da forma. Mas nunca, como no seu último discurso, Salazar teria respondido às interrogações que cada um de nós fazia perante o desenrolar dos acontecimentos no mundo. De facto, nunca talvez, como agora, Salazar se abriu para com a nação, nunca como agora teria respondido a tantas angustiosas interrogações, nunca como agora se teria desvendado nos seus propósitos futuros e na sua posição presente.

Portugal e as outras nações sabem agora publicamente — se é que o não sabiam pela via das chancelarias — quais são os pontos de vista do Governo, até onde podem ir as suas transigências e onde param, irredutivelmente, as concessões. Tudo isto se lê e deduz do notável documento que é o último discurso do Presidente do Conselho — e, citando-o, consideramos uma só peça literária, política e ideológica o discurso no Liceu Filipa de Lencastre e o outro no banquete de encerramento do II Congresso da União Nacional — com uma clareza em que as omissões formam presença e as afirmações revelam algumas vezes uma renúncia a tudo que não seja manter a nossa posição de escusa a entrar na dança e contradança das nações, ou mistura de credos políticos.

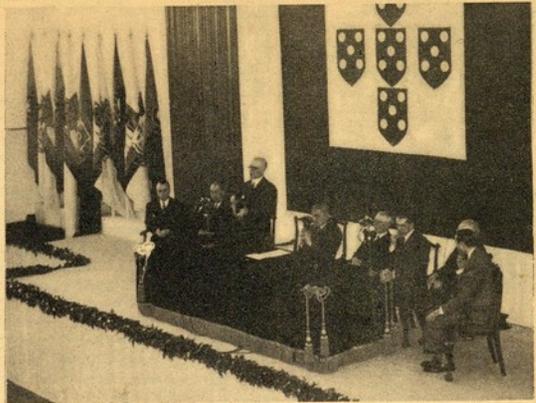
Salazar disse, uma vez, que tínhamos uma doutrina, uma organização de trabalhos e uma vontade estrénuia de vencer as muralhas interiores para conseguir o lugar que nos cabe entre as nações. Dir-se-ia que, para o concerto final dessas nações, faltava uma nota que o discurso de Salazar acaba de enunciar e que é todo o programa oficial, firmado na mais sã doutrina e no mais honesto dos propósitos de contribuir para o bem estar do mundo — para a afinação total do concerto das nações, como poderemos parafrasear.

E, no entanto, nas palavras do Chefe do Governo não há prognósticos com funções especulativas. Desvendando-nos o seu pensamento, Salazar dá-nos conta das suas razões, amadurecidas no estudo, na reflexão e na observação dos acontecimentos. Por isso as suas palavras têm um som de clarim — uma evocação geral, um toque a reunir, para a parada final, a fim de que o mundo saiba quantos somos, de que forças morais dispomos para assegurar o prestígio da Nação e de um propósito anunciado ao mundo.

E, neste ponto, cremos que não há desertores. Ninguém se furtará à convocação nem deixará de compreender que a sua presença representa uma função histórica que não se situa no tempo — mas no espaço, que é o da terra que é nossa e o dos princípios que acabam de ser anunciados ao mundo, pela boca de Salazar.



A Câmara Municipal, mais uma vez quis dar-nos um espectáculo de suma beleza: na Tapada da Ajuda, está exposta uma brilhante colecção de flores de Portugal — uma mensagem de beleza e de amor pelas coisas de arte, porque de arte se trata, quando falamos de flores. A exposição foi inaugurada pelo sr. general Carmona que, assim, quis significar aos floricultores do país e a quem lhes proporcionou este certame, que as coisas do espírito são tão gratas ao Estado, como os problemas das coisas materiais.



Foi um grande acontecimento o II Congresso da União Nacional. Debateram-se os mais altos problemas da Nação, definiram-se as atitudes presentes e futuras do Estado em relação ao mundo exterior. A Sessão inaugural foi presidida pelo sr. Presidente do Conselho, cujo discurso, de que nos fazemos eco noutro lado, realizou-se no Liceu Filipa de Lencastre.



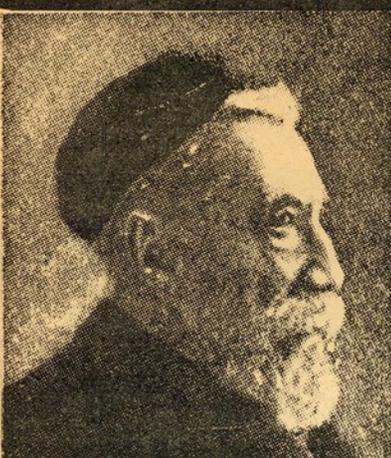
Inaugurou-se a Feira do Livro, com a presença de um representante do Chefe do Estado. O sr. Ministro da Educação não quis, porém, de deixar de marcar com a sua presença, todo o interesse que lhe merece a iniciativa do Grémio dos Livreros. No primeiro plano da foto, além do sr. general Amílcar Mata, representante do Chefe do Estado, vimos o sr. Dr. Mário de Figueiredo e António Maria Pereira.



Ventura Abrantes, amigo e conhecedor da sua terra como poucos, levou à Casa do Ribatejo, recentemente criada, um público numeroso que o quis ouvir e aplaudir na sua conferência sobre «Boas toiradas em terras do Alentejo». O conferencista, que teve a sua palestra ilustrada pitorescamente foi no final caloroso e justamente aplaudido.

A verdadeira expressão de Anatole France

(Recordações inéditas)



ERA uma lojeca poelrenta da rua do Sena, na margem esquerda de Paris. Preparava-me para folhear febrilmente umas coleções de desenhos, na esperança de encontrar uma obra-prima por dez «sous»... Mais uma! Porque, nessa altura, descobrimos-las; «croquis» dos séculos XVII e XVIII, pelo preço de uma passagem no «metro», aí por 1935...

Um homem entrou apressado. Estatura forte. Rosto expressivo. Mãos admiráveis de pelado. Um gabão muito comprido fazia-lhe de sobretudo.

— «Chut!» — murmuraram os clientes do «bric-à-brac» — «é ele!»

«Ele!» Ele, que ia ali todos os dias! Anatole France, fanático de Prudhon, queria coleccionar tudo quanto de belo a pintura do 1.º Império havia deixado em lápis negro, realçado no branco. Está a ver-se se não haviam de fabricar-lhe Prudhon por bom preço! Não havia espertalhão de Montmartre que não lhe conhecesse a mania e não abusasse para o enganar.

...Contemplava-o e ouvia-o; entretanto, ele folheava as páginas dos cadernos ainda mais febril do que eu. Que juventude! Que brilho no olhar, na voz! Falava das coisas mais diversas: arte grega, comparada à nossa; Montaigne, em oposição aos clássicos do tempo de Louis XIV; o perigo do romantismo, a bondade do povo, quando não é infeliz... Mas, principalmente, ele falava da história de Paris. Paris!... A palavra repetia-se continuamente nos seus lábios:

— «Sou um parisiense de Paris. Um dos poucos. Nós somos muito poucos, sim. Paris, a filha da França, a pátria da minha pátria... Beljaria de boa vontade a sua terra, para lhe demonstrar o meu amor filial...»

E explicava aos outros — a ele próprio, porque falava sem se preocupar com quem o ouvia — o encanto parisiense, a beleza, não só dos monumentos, mas também das ruas, das suas muitas «vilas», das suas encruzilhadas, mesmo as mais despidas de graça aparente.

...De repente, deteve-se. As mãos tremeram-lhe. Aproximou-se da janela com uma folha de papel, para examinar à luz a filigrana e verificar a autenticidade do desenho de... Prudhon. Depois, satisfeito do exame, perguntou ao dono da casa:

— Quanto?

— Para o senhor France, são dez francos...

— Dez francos?... (e ao mesmo tempo radiante e fingindo achar o preço exagerado, acrescentou): Compror-o; mas é caro.

— Oh! sr. France, veja bem, é de graça! Bem sabe que é de...»

E France, não querendo que se pronunciasse assim o nome sagrado de Prudhon, cortou a conversa, pagando os dez francos.

Assim que ele saiu da loja, o comerciante murmurou gentil:

— Está tão contente! Até dá prazer ver a sua alegria. Por isso se lhe fabricam tantos Prudhon, quantos é possível... Felizmente, é ele quem julga que nos enganar...

Algum tempo depois, voltei a encontrar Anatole France em casa de Madame Caillavet, como se sabe de uma grande amiga. Certamente, ele era ainda o mesmo. Mas, agora, ele era o France mundano, era o homem de salão que estava na minha frente. Quanta urbanidade! Quanta distinção na maneira como falava às mulheres! Que modo de ter sempre o ar de quem nada sabe, de lhes deixar a elas a idéia de presença de primeiro lugar!... Era encantador. Ensinava a todos quantos podiam compreender a lição, a maneira de instruir, dando a impressão de que recebia lições dos outros. Acariciava a péra muito bem tratada. E sempre, sem se desfazer do seu sorriso,

consultava as suas belas ouvintes que, naturalmente, aproveitavam a ocasião para, cada uma delas, se julgar superior à vizinha... Lembromo de que uma delas quis de uma «lição» de gramática transcendente diante de France que, calando-se, aprovava. Enfim, a senhora voltou-se para ele, apesar de tudo intimidadada pela sua presença silenciosa:

— Não sou eu que tenho razão, sr. France? Não se diz (aqui, uma frase correctamente francesa) mas, antes... (e, aqui, uma frase detestável).

E France:

— Por Deus, Madame, se o seu adversário fôsse um homem, eu dar-vos-lhe razão imediatamente, porque as mulheres têm sempre razão contra nós. Mas... como o seu adversário é também uma senhora, é-me difícil não lhe dar razão...

E logo que a «gramática» vaidosa se afastou, France disse-nos:

— Se eu lhe fizesse ver francamente o seu erro, não adiantaria nada e ficava com uma inimiga. Por que não contentar a todos, quando se pode?

«O France» da lojeca e este do salão completam-se. Não é preciso dizer mais nada, para que cada um de nós tire deduções sobre o que havia neste génio das letras francesas — de juventude, galante e bondade ingénua; de modestia e de arrebatamento; de impertinência e lenta paixão pelo estudo...

E completarei estas duas anedotas com algumas notas desconhecidas do France sociólogo... que talvez algumas vezes tenha sido deformado. Por

exemplo; ele disse um dia, mais ou menos nestes termos: «Quando proclamamos a Paz e, do mesmo modo, quando proclamamos a Fraternidade, a Liberdade e a Justiça, é para guardar, enterrada no mais profundo da nossa alma, a idéia de que nós não devemos dizer que somos maus macacos, movendo-se na violência e egoísmo, vivendo numa sociedade que não é mais que hipocrisia e desilusões».

E acrescentou: «Se faço um tão mesquinho juízo do homem, é porque sou seu amigo e tenho pena dele... A certeza das enfermidades humanas cria benevolência». E prossegue, mais inquieto: «Aspiro por que a Justiça não tenha necessidade de chegar por um caminho de injustiças e que a futura cidade da Paz não seja alceçada em sangue».

Quero ainda, com orgulho, transcrever este apontamento que mostra um France menos conhecido: «O mais difícil não é dispor de liberdade, mas sermos dignos dela».

Nestes tempos de mecanização, tenho orgulho de citar. «Não descuidemos a humanidade. Todos nós dispensamos muito mais a nossa melhor atenção a formar máquinas do que indivíduos».

...E terminamos com esta serena frase, tão evocadora do mestre que todos admiramos: «O silêncio do pensamento é a única condição que torna a vida tolerável...»

— Não é verdade que, para celebrar bem o centenário do seu nascimento, conviria mostrar, ao menos uma vez, a verdadeira expressão de Anatole France?

CHARLES OULMONT

O RIO DO DIABO

PELO céu acarvoado daquela tarde de fins de Outubro de 1297 caminhavam montanhas negras, sem dúvida preséguas de tempestade. Dir-se-ia que, a cada mugido do vento, se romperia dum momento para o outro, o espesso algodão das névens, e que uma vergastada barulhenta de chuva, tombaria sobre o silêncio da cidade. O vulto gigantesco daquela mole de pedra, trabalhada com requintes de ourives, projectava já, magnífico de audácia, o esplendor do seu domínio. Mestre Gerardo, de pé sobre a torre do norte, meditava na rapidez com que

o tempo corria para tornar mais mesquinha a pequenez do homem e fazer-lhe ver a inutilidade dos seus esforços. A sua inspiração de arquitecto fora posta nessa obra que ele desejava, a todo o custo, concluir. Dera-lhe toda a poesia da sua imaginação exuberante de artista, delinheira-a como se vivesse num sonho, insufalara-lhe como que a mais íntima parcela da sua alma. Essa maravilhosa floreação de pedra, visão de Beleza quasi irreal, era o milagre do seu génio. Expressiva na concepção delicada, dum leveza etérea, a graça sobrenatural dos êxtases religiosos, apaixonado dum fantasia cheia de força. Tal conjunto de emoção fluida e de potência imaginativa, produto dum ascensão gloriosa de Fé e dum prodígio de habilidade estética, era a catedral de Colónia. Devotára-lhe grande parte da existência. Desperdicara vinte e dois anos para concluir o obra. Agora atormentava-o o horror de não conseguir terminar a sua obra grandiosa. De s'bito a tristeza destas reflexões, foi desviada pelo espanto: estava a seu lado um homem que o artista não compreendia como tivesse surgido ali, sem sequer o pressentir. Silencioso como uma aparição, o desconhecido sorriu. Estava ricamente vestido como os príncipes da época e trazia na cabeça um gorro de veludo preto com uma pluma encarnada.

— A sua obra — disse a estranha personagem — é a cristalização dum pensamento profundo. E, porém, de lamentar, que não possa realizá-la por completo.

Estas palavras feriram o amor-próprio do arquitecto:

— Quem se atreverá a impedir-mo?

— A pouca duração da vida humana, esse relâmpago de tempo na grande noite que se chama Morte.

— Eu aposto que acabarei aquilo que principiei! — replicou em tom áspero mestre Gerardo. O sorriso do desconhecido tornou-se sardónico:

— Eu aposto — disse elle — que abrirei um rio subterrâneo, de Trier a Colónia, com patos a nadar, antes que tenhais acabado a vossa catedral. Ganhareis dez almas se eu

perder: — se eu ganhar é minha a vossa alma.

Firmado o terrível pacto, a estranha personagem sumiu-se como a neblina da madrugada afugentada pela aurora.

Apareceu pouco tempo depois, em Colónia, um feiticeiro. Grande devia ser o poder deste magico para conquistar a confiança da mulher de Gerardo, e a convencer a dar ao marido uma misteriosa beiragem, que tinha o condão de dissipar a tristeza e o acabrunhamento do artista como a água apaga o fogo. Depois de a beber, mestre Gerardo sonhou alto nessa noite. Contou o que se tinha passado com o desconhecido e revelou então o seu segredo:

— «O rio só poderá correr se elle abrir buracos no canal de quarto em quarto de légua e nisso não penso o desconhecido da apostola».

A mulher apressou-se a contar ao magico o que ouvira. Este rio como devia rir Satanaz, e desapareceu.

Lá estava no dia seguinte, sobre a plataforma dum das torres, mestre Gerardo. As névens negras que na véspera anegavam o céu, tinham guardado para esta manhã o desencadear da tempestade. Eram como monstruosos insectos que lentamente se moviam. Em breve, com o pavoroso fragor dum tambor que rebentava, explodiu o primeiro trovão, imenso e medonho. Quando o eco deste se abafou ao longe, o ruído surdo dum rio que corre chegou aos ouvidos de Gerardo. Nesse rio grasnava um casal de patos.

— Ele ganhou a aposta — murmurou trémulo — mas não me apanhará vivo.

E do alto da torre atirou-se para o abismo. Atrás dele saltou o diabo na figura dum cão.

Durante séculos um fantasma vagueou à volta da catedral, até que no século XIX se concluiu a sumptuosa basílica de Colónia. Desde então as gentes supersticiosas não mais se deterram no chão para ouvir correr o rio do diabo. Mas outra encarnação de Satanaz — esse terrível diabo que se chama Guerra — converteu num montão fumegante de ruínas a mais bela catedral do mundo!

JORGE RAMOS



Catedral de Colónia

Uma cantora finlandesa em Lisboa



POR todo o quarto, um cheiro de flores. Aune Antti, a cantora finlandesa que o público de Lisboa ouviu e gostou, está reclinação num «maple», preguiçosa, dolente, requebrada por este dia bonito de Lisboa.

O repórter bate à porta e entra lentamente. Aune Antti sorri por entre os «bouquets» de flores. Diante dela, na mesinha, um prato com cerejas, outro com laranjas, outro ainda com bananas e tangerinas.

— Lisboa é adorável! — começa ela por dizer. — Que lindo, que extraordinário dia de sol!...

Reclina-se mais. A sua cabeça, de cabelos loiros, parece oiro iluminado por aquela réstea de sol que se esgueira da janela aberta de par em par sobre a cidade ruidosa e movimentada.

Aune Antti sorri de novo.

— Adoro Lisboa... e a fruta de Lisboa!

Depois, fala-se de música. Aune Antti, cantora de fama mundial, já pisou os palcos de quasi todos os países da Europa e da América. Recordações? Tem tantas, tantas!...

A sua estreia, não oficial, foi feita aos sete anos de idade, numa festa da escola, mas onde Aune Antti maravilhou todos quantos a escutaram.

Animada por este êxito, Aune Antti matriculou-se no Conservatório de Helsinquia, estudou, estudou. Depois, foi aperfeiçoar-se para Viena e para Paris, onde foi aluna do grande Professor Lescaetitzky.

Em 1931, na Finlândia, dava Aune Antti o seu primeiro recital. Foi um acontecimento. Aune Antti passou para as primeiras páginas

À ESCUTA

Lia Estela deu o seu segundo recital de canto no Rádio Renascença. A voz é bem timbrada, mas sente-se que Lia Estela está ainda no começo. A última peça que cantou foi a pior de todas, sobretudo nos graves.

* * *

Que os pequenos postos, que lutam com tão grandes dificuldades, se vejam obrigados a usar por vezes repetidas os mesmos discos, pode-se compreender e quasi aceitar. Mas que postos de categoria de Rádio Clube Português usem o mesmo processo, então já pia muito mais fino.

Há dias, por acaso, ouvimos um disco que, a meio, desata a remoc sempre as mesmas notas de tão gusta que estava.

Porque não experimenta o R. C. P., os seus discos antes de os usar na emissão?

dos jornais. Mas a sua carreira triunfal havia de começar poucos anos depois, em 1935, quando ela deu um concerto em Viana. Desde então, não mais descansou. Concer-tos atrás de concertos, Suécia, Dinamarca, Noruega, em Berlim, com a orquestra sinfónica que há pouco esteve entre nós, hoje aqui, amanhã acolá, até que saltou à América, dando concertos e trabalhando numa companhia de ópera em «tournées» por 74 cidades. Aune Antti cantou sob a direcção do grande Toscanini, Para a N. B. C., americana.

O repórter pede que lhe conte a sua impressão aquando da estreia.

— Tive menos receio na festa da escola do que na minha estreia oficial.

Dá um jeito aos seus cabelos bonitos e exclama:

— Receio não de cantar, mas que não gostassem do meu vestido... Como eu era aos sete anos!...

Aune Antti faz parte das «Lottas», a associação feminina finlandesa de socorro social.

— Tenho cantado muito para os soldados, no «front» — diz ela — O meu marido é oficial do exército. — E não tem medo? — pergunta o repórter.

Sacode a cabeça, os cabelos oscilam.

— Não! E os soldados adoram-me — e eu adoro os soldados!

Aune Antti também já tem cantado nos abrigos subterrâneos.

— Distrair os outros é uma grande tarefa! — exclama.

— Como lhe pareceu a nossa orquestra sinfónica? — interroga o repórter.

Ela responde com entusiasmo:

— Foi uma agradável surpresa! Imagine que só consegui chegar a Lisboa no mesmo dia em que teve lugar o primeiro concerto no S. Carlos! Apenas tivemos um ensaio!

Enquanto fala, Aune Antti vai depenicando nas cerejas. Elas têm a cor dos seus lábios.

— E o movimento musical na Finlândia? — quis o repórter saber. Quasi se engasga, mas, depois, responde:

— Apesar da guerra, a nossa vida musical é florescente!

Há, todas as tardes, muitos concertos, duas vezes por mês concertos sinfónicos e todos os domingos recitais populares.

— Conhece o fado?

Ela diz que não.

— Ainda não tive tempo — declarar com Pena.

— E na Finlândia, conhecem música portuguesa?

Um murmúrio, quasi envergonhada:

— Não... Mas eu penso levar daqui algumas para cantar lá.

O repórter também provou as cerejas. Estavam deliciosas. E tinha terminado a entrevista.

REPÓRTER UM

O sorteio dos prémios do nosso concurso

Como temos publicado, o sorteio dos prémios será feito publicamente por forma que a êle possam assistir todos os concorrentes que o desejem. A respectiva data será oportunamente indicada em virtude de estar ainda dependente da escolha do local onde o sorteio deverá ser feito.

Os prémios — dizem-lo mais uma vez — serão sorteados entre todos os que votaram. A cada cupão será dado um número. Entre esses números serão tirados, à sorte, seis — precisamente os que correspondem aos seis prémios oficialmente instituídos. Entre os que votaram no 1.º classificado, será sorteado o 1.º prémio; entre os que votaram no 2.º, o 2.º prémio; e assim sucessivamente. Cada concorrente só terá direito a um prémio, mesmo que tenha votado em dois ou mais artistas classificados, e se, por acaso da fortuna, o sorteio o favorecer com mais de um prémio. Para poder ter direito ao prémio, o vencedor terá de provar a sua identidade. Só se esta corresponder à do respectivo cupão o poderá receber. Isto porque supomos ter havido vários concorrentes que votaram com nomes supostos. Queremos, assim, proceder com a máxima correcção até ao fim deste nosso concurso.

Na previsão destas eventualidades, na ocasião do sorteio serão tirados dois números por cada classificado.

OUTROS PREMÍOS

Por amável oferecimento da Casa Sasseti, da Rua do Carmo, editora dos números de música mais populares dos nossos artistas de rádio, serão entregues aos seis vencedores do nosso concurso as seguintes músicas publicadas por aquela casa:

«Noite de luar», fado serenata, criação de Luiz Pizarra; com o 2.º, «Se eu fosse aquela em quem tu pensas...», valsa do repertório de Maria

da Graça; com o 3.º, «E tudo o vento levou!...», samba, criação em Portugal de Maria Sidonia; com o 4.º, «Porque sim...», uma valsa, criação de Maria Gabriela; com o 5.º, «Concerto para dois» (sobre um motivo do concerto de Tschaiikowsky), cantado por Fernando Curado Ribeiro; e com o 6.º, «Quero-te longe... para ter saudades», criação de Maria da Graça.

A NOSSA FESTA DE ARTE

Como temos noticiado, vamos levar a efeito, possivelmente no decurso do corrente mês, uma grande festa de arte. Essa festa coroará assim o êxito deste concurso. Festa de artistas de rádio, incluirá igualmente no seu programa — pelo menos assim o esperamos — alguns números de variedades por algumas das nossas mais populares figuras de teatro e de cinema. Não está ainda definitivamente assente o local da realização dessa festa, mas é possível que, devido à época já quente que atravessamos, ela venha a ser feita num dos mais elegantes recintos de diversões da Feira Popular de Lisboa. O seu produto revertirá a favor de uma simpática obra de beneficência.

Eis mais uma revelação que hoje fazemos — e com a qual, certamente, só damos prazer aos nossos leitores. As outras novidades virão depois...

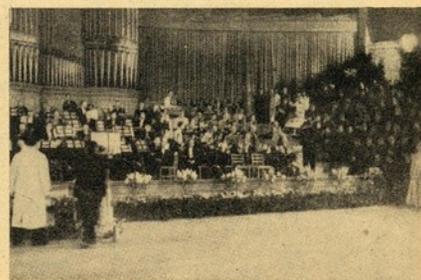


Televisão

Na célebre sala das Cúpulas, no Campo de Desportos da Alemanha, realizou-se, agora, o jubiléu da televisão.

Foi nesta sala que, em 1933, durante as Olimpíadas, os portugueses prestaram algumas provas.

Na primeira foto vemos a orquestra de variedades, pronta a executar o número de abertura. Na segunda, dois motociclistas executando um número de grande efeito.



No seio de "La Sinfonica" Ou a narrativa da primeira viagem da Orquestra Sinfónica Portuguesa a terras espanholas

(Uma reportagem indiscreta de Matilde Taveira Santos)



No Cine Monumental, às 11 horas da manhã, os madrilenos apresentaram-se em massa para aplaudir «La Sinfonica Portuguesa» no seu último e consagratório concerto, em que foi solista Leonor Alves de Sousa. Por causa de exigências da partitura, a orquestra estava muito reduzida.

PELA primeira vez, uma orquestra sinfónica portuguesa saiu a fronteira para levar a um país estrangeiro uma demonstração das suas possibilidades. «Vida Mundial Ilustrada» quis acompanhar de perto essa embaixada artística e pode, assim, apresentar aos seus leitores alguns instantâneos, relatando-lhes episódios de «género ligeiro» que, sem a sua indiscreção, ficariam ignorados do público. Não irá fazer-se aqui a crítica dos quatro concertos realizados em Madrid, pois deles se ocuparam a imprensa e a T. S. F. Que foi o nosso maior êxito em matéria de música, já todos o sabem...

trazer meias de seda!—dizia outro. «Como serão os hotéis?»—pensavam todos, porque a comida tornara-se a mais séria preocupação, desde que se soube que, lá como cá, funciona o racionamento...

Da bagagem faziam parte latas de bolacha, algumas conservas, chocolates e... açúcar! A paisagem passava pelos quadros das janelas como um filme sem fim, enquanto dentro das carruagens se organizavam jogos de cartas, concertos de harmónicas e partidas de xadrez.

Cafu a noite mas não amorteceu, nos viajantes, a alegria que os caracteriza: as anedotas cruzam-se de carruagem para carruagem, os risos, as insinuações mordentes e directas, nessa irreverência que só a camaradagem, cem por cento boa, dos meios artísticos, sabe usar sem perigos de ressentimento—circulam sem perigo de incêndio...

As 5 horas da madrugada, soube-se que o comboio chegaria a Madrid com algumas horas de atraso! O pequeno almoço que, na hora devida, esperava os viajantes em Madrid desaparecia, assim, do programa... Desde então, as rodas do comboio pareciam ter a sua engrenagem ligada ao aparelho digestivo de cada viajante... e, passado pouco tempo, Carlos Ribeiro, organizador da «embaixada» começou a sofrer as torturas da responsabilidade perante cento e trinta e tantos estômagos que lhe pediam café!

Mas êle que é homem para tudo resolver com acerto, rapidez e elegância... fêr retimir as campanhas telefónicas de «Talavera» onde mobilizou o necessário para que os viajantes ficassem «amparadinhos» logo que ali chegassem.

Enfim, Madrid! Estação das Delícias! António Ferro, o Dr. Pires Cardoso, Pereira de Carvalho e outras individualidades portuguesas e espanholas aguardavam-nos na «gare». Depois de uma troca de cumprimentos, mais afectuosos do que protocolares, um grupo de camionetas levou os portugueses ao seu destino: «Palace», «Nacional», «Ritz», «Paris», «Victoria» e «Alfonso 13»...

Salvo durante os ensaios e na hora séria dos concertos, os músicos, em Madrid, disfrutaram quanto puderam, embora o câmbio não lhes fosse favorável...

Desde o Museu do Prado ao «Pasapoga», passando por quantas celebrações se costumam indicar aos olhos do turista, foi tudo apreclado como



Na «gare» da Estação das Delícias as solistas Nella Basola Matissa, Leonor Alves de Sousa, António Ferro, dr. Pires Cardoso, Pedro Prado e Pereira de Carvalho esposaram gentilmente para a nossa objectiva.



Depois de vinte e uma horas de viagem, chegaram, enfim, à Estação das Delícias!



No camarote do nosso embaixador, dr. Teotónio Pereira, assistiam aos concertos o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Conde de Jordana, e o Ministro da Educação Nacional, acompanhados das respectivas esposas.



O maestro Pedro de Freitas Branco e sua esposa Marie Antoinette Levê-de Freitas Branco—solista de piano—quando chegaram a Madrid eram aguardados pelo cônsul de Portugal.

preendeu e aplaudiu calorosamente a «La Sinfonica Portuguesa» e os seus dirigentes, especialmente Pedro de Freitas Branco, «o melhor intérprete de Ravel»—como lá o conhecem—e que, num verdadeiro sentido da oportunidade... fechou o último concerto com a célebre «Vals» daquele autor. «Vida Mundial Ilustrada» junta o seu aplauso às palmas cerradas e frenéticas dos madrilenos, gritando em bom português: Muito bem! Muito bem!

* * *

Comecemos, assim, por registar o entusiasmo com que partiram para Madrid, em comboio especial, os componentes da Orquestra Sinfónica, os solistas, os funcionários superiores da Emissora, um locutor e muitas esposas de músicos que levavam os maridos guardados à vista, não fossem eles perder-se pelos caminhos desconhecidos e traiçoeiros... da capital espanhola... Madrid, para muitos, era um ponto de interrogação. Todos, porém, levavam já feito o seu programa: «Eu hei-de ver matar touros!»—dizia um. «Eu hei-de



Depois de um ensaio, o maestro Rui Corlho e D. João da Câmara trocam impressões com a nossa repórter.



Papéis e mais papéis para preencher! Na fronteira, as paredes do comboio serviam de escrevaninha...



Silva Pereira deixou entre-aberta a porta do seu quarto e a nossa objectiva surpreendeu-o em mangas de camisa! Não importa, Silva Pereira, mesmo sem casaco, parece que tem casaca...



O timbaleiro António Maria Valente, de todos o mais gordo, e a violinista Camila Santos, de todas a mais magra, só na aparência estão em desarmonia...



Enquanto o café não chega fala-se de música... Na parede, um tanto sumido na suavidade das cores, vê-se o cartaz da «Orquestra Sinfónica Nacional de Lisboa».



Nella Basola Matissa sorriu ao ver no «A. B. C.» a caricatura que lhe fizeram e a crítica elogiosa que a acompanhou.



O violinista Álvaro Leitão assenta mais uma verba de pesetas gastas pela esposa— a pianista Regina Cascais—que parece fechar os olhos à tentação dos «escaparates» com medo de fazer mais disparates...



A saída do Hotel Nacional— chamaram-lhe o «Hotel dos Casais» porque ali se alojaram todos os artistas que levaram «acompanhamento»—a nossa repórter e seu marido, o violinista Manuel Pereira dos Santos.



Casaca, o grande violoncelista espanhol, em animada conversa com os seus colegas portugueses.



O elemento feminino foi largamente representado. Nada menos de onze artistas! Houve até quem alvitrasse que poderiam organizar um «team» de futebol...

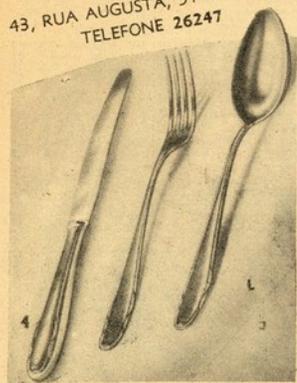
PÁGINA DAS UTILIDADES



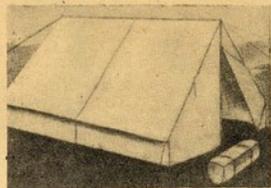
Artigos para menage

CUTELARIA e UTILIDADES

Horácio Alves, L.^{da}
43, RUA AUGUSTA, 51 — LISBOA
TELEFONE 26247



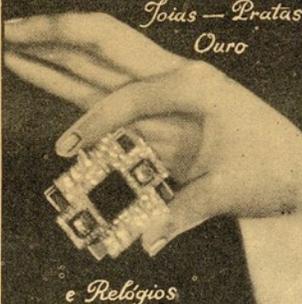
O CAMPISMO É SAÚDE E ALEGRIA



TENDAS E TUDO PARA CAMPISMO

VIEIRA CAMPOS
(ANTIGA CASA FIGUEIREDO)
215—RUA DA PRATA—217
TELEFONE 27606

Jóias — Pratas
Ouro



e Relógios

Joalharia Morais
RUA NOVA DO ALMADA, 98
Telefone 27682



O SÁBOR AGRAABILÍSSIMO DO CREME DENTAL NOSEL

NÃO É UMA PASTA VULGAR

Todas as vantagens de qualidade e preço

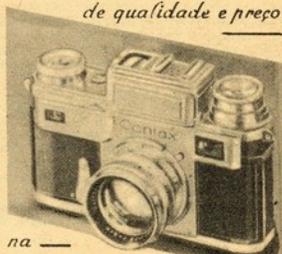


Foto Central

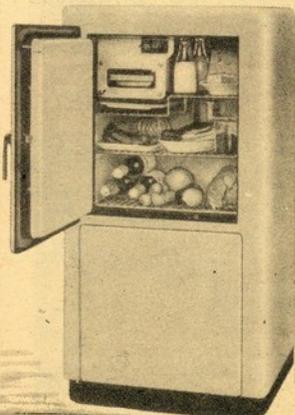
Cópias e ampliações perfeitas
Record de rapidez (em 5 horas)

MATERIAL FOTOGRÁFICO IMPECÁVEL

RUA DA PALMA, 37 — LISBOA
TELEFONE 23716

Frigoríficos Domésticos

Therma



CASA CAPUCHO

121, RUA S. PAULO, 139—LISBOA
139, R. MOUSINHO DA SILVEIRA, 163—PORTO

O essencial para uma boa habitação



UMA INSTALAÇÃO da casa MÁRMORES DE SOUSA BATISTA, L.^{da}

PRAÇA DO MUNICIPIO, 30 — LISBOA — TELEFONE 27643

Preferiam

SHEAFFER'S

A caneta de tinta permanente n.º 1



Use

Skrip

O SUCESSOR DA TINTA



Tudo para um belo lar no **LARBELO**

195, RUA DA PRATA, 197 — LISBOA

Antes de fazer as suas compras consulte esta página

OS NOSSOS FIGURINOS



Vestido azul e branco em «peau d'anges».



Para o «tennis» um modelo de Génova.



Para andar de bicicleta, um vestido prático, fazendo conjunto com as luvas, meias e saco, arrendados.

CONSELHOS PRATICOS

A melhor maneira de limpar as estatuetas de gesso, é passar-lhes uma camada de papas de amido, as quais, depois de secas, se desprendem, deixando a superfície completamente limpa.

* * *

Para suavizar as dores produzidas por picadas de insectos, são excelentes as compressas de água e sal. Mas devem ser renovadas constantemente até desaparecerem a inflamação e a comichão produzidas.

* * *

O filó negro deve ser limpo com água e vinagre ou éter que se embebe numa esponja e passa-se por ele, previamente esticado numa tábua sobre um pano grosso. Em seguida, passa-se o ferro com um papel paraf. por cima do filó e assim ele readquire o aspecto de novo.

As flores emurchecidas recuperam a sua frescura se lhes cortarmos uns três centímetros da haste, orvalharmos com água fresca e colocarmos novamente no vaso com água bicarbonatada.

* * *

Se o seu marido tem uma camisa larga no colarinho, ponha-a a ferver durante 10 a 15 minutos em lume brando, depois de muito bem lavada.

Correspondência



EDELWEISZ — A sua carta é bastante curiosa e creia que tenho pena que o tempo me não deixe responder-lhe, pelo menos por estes dois meses mais próximos, onde ele está contado minuto a minuto!...

Tive pena, também que não tivesse enviado a sua opinião ao nosso 5.º inquérito, mas compreendo, contudo, as razões que expõe.

Obrigada pela amabilidade da sua carta e continue escrevendo sempre que o deseje.

LURINDA — Se, na verdade, o seu marido gosta muito de cabelos loiros e lhe pede para descolorar os seus, entendo que ninguém melhor do que os dois, podem resolver esse assunto, aliás, não tão grave como julga.

M.

PAGINA FEMININA

O casamento é uma experiência química — eis a curiosa afirmação duma doutora portuguesa em França



PELO menos assim o noticia um semanário francês. Ao que parece, a jovem sábia, nossa compatriota, estudou com cuidado a psicologia humana e basta inclinar-se um pouco sobre a nossa alma, para a deixarmos de ser mistérios, para ela!

Não sabemos o seu verdadeiro nome. Ela adopta um outro que já não é nosso: Yonge! Mas sabemos que essa curiosa mulher, tão sábia como simpática e simples, nasceu em Portugal, é jovem, inteligente e está espantando o povo francês com a sua revelação. Conseguiu esta coisa extraordinária: reduzir-nos a uma fórmula química, dividindo toda a humanidade em vinte e dois grupos principais, segundo os elementos químicos componentes do nosso corpo. Estes elementos são justamente — segundo a sábia opinião — os determinantes do carácter e da personalidade. E de súbito, vimos-nos perante este facto cheio de pitoresco realismo:

Desejamos um bom casamento, duradouro, feliz? Pois bem. Não importa que ele ou ela sejam bonitos ou feios, simpáticos ou irritantes. Olhar para o rosto? Não vale a pena. Antes, porém, tratemos de saber qual o elemento que o caracteriza. Depois, estudemos, então, bem o caso e descansemos de futuro. Assim ficará vencido o perigo de «escória! Mas, cautela na escolha. O cavalheiro «Ácido sulfúrico» não tente sequer aproximar-se da menina «Fósforo»... Que tragédia! Essa união seria uma verdadeira catástrofe!...

Ainda segundo o estudo da jovem Yonge, o marido ideal será o cavalheiro «Calcium». É terno, sossegado, alegre, trabalhador, inteligente. Uma verdadeira perfeição... Mas esse cavalheiro «Calcium» seria em absoluto desgraçado se casasse com a menina «Nitrogénio» que é «coquette», frívola e... multíssimo infiel!

Como vêem, esta menina «Nitrogénio» não é nada recomendável!... Fugam dela, os senhores «Calcium» e todos os outros que desejem sossego!...

Em contraste, porém, com a «Nitrogénio» temos a menina «Carbono». Esta, sim. Será uma esposa perfeita, encantadora, amável, distinta, indulgente e terna. Mas... há sempre um mas — a menina «Carbono» tem um leve ou grande defeito — segundo as opiniões — uma tendência enorme para engordar. Portanto, para aqueles que preferem as magras, talvez seja recomendável a menina «Oxigénio» que se revelará inteligente e ótima companheira. Para aqueles que apreciam acima de tudo o espírito, escolham então uma ou um «Azúcar e Azoto».

Porém, acutelai-vos todos — senhoras e senhores — com aqueles a quem faltar o ferro. Nesta categoria, enfileiraram os criminosos, os escravos, os denunciante! Cuidado, portanto. Muito cuidado! É preciso haver ferro!...

Quanto à arte, essa está incluída no elemento «Matrium». Onde não existir «Matrium», não existirá Arte!...

Eis, mais ou menos, as revelações da doutora Yonge. E segundo o espírito do jornal francês que lançou esta descoberta, de futuro, fácil será ouvir travar-se os seguintes diálogos:

— Olça, Fernanda, qual é a vossa composição química?

— A minha? É à base do carbono.

— 2º Perfeitamente. Maravilhoso! Tenho, portanto, o prazer de pedir a sua mão.

— Perdão, mas antes de assentarmos nisso, pode você dizer-me qual é a sua composição?

— Oh! A minha é o Cálcium.

— Bem. Assim está bem. Nesse caso consinto em ser sua esposa!

Ou então, anúncios deste género absolutamente invulgar, mas que será sincero:

«Cavalheiro elegante, catalogado em Azoto, com trinta anos de idade e uma renda de 100.000 francos, procura menina alotrada, da «classe «matrium» para fins matrimoniais».

Em que época se tornará isto realidade? Será possível que já os nossos filhos amem desta maneira tão diferente?

Pelo menos, assim o afirma a nossa jovem doutora. E nessa ordem de idéias que turbilhão de mistérios haverá ainda para desvendarem por intermédio da química!...

MARIALIA

OS NOSSOS INQUÉRITOS SEMANAIS

5.º Inquérito: Q problema económico

Série B

AO que parece, quasi todas as nossas leitoras recream um pouco a responsabilidade da resposta. Este quinto inquérito teve apenas 32 cartas das quais só 13 se aproveitaram. Tenho pena que as vossas opiniões não tivessem chegado aos montes como das outras vezes. O problema económico no momento presente, é um dos de maior interesse para todas as leitoras em geral e muito em particular para aquelas que vão constituir um lar, encarando assim a vida bem de frente.

Segue hoje a série B do 5.º inquérito:

«Tenho passado alguns bocados livres a fazer contas e cálculos. Desejo ser razoável, não ambicionando muito, nem desprezando factores que possam influir num orçamento. Tenho feito listas, tal como se fosse já uma dona de casa. E cheguei a esta conclusão: pagando de renda ao senhorio não mais de 500\$00, poderei

viver com certo desajógo com a quantia mensal de 1.800\$00. Isto se a vida não continuar a aumentar de dia para dia».

JULINHA

«É difícil, devido à instabilidade das circunstâncias, estipular um orçamento único para a vida de um casal. Depende em grande parte dos hábitos e da educação de ambos. No entanto, creio que 2.700\$00, talvez fosse suficiente. No entanto, existindo boa orientação, procura-se não gastar mais do que a receita e dividir esta em partes de modo a satisfazer as necessidades mais urgentes e dentro de cada parte não ir além do estipulado. Essa divisão, não deve ser feita em partes iguais, mas sim proporcionalmente às despesas. E incha dispensável saber «colocar» os investimentos para que não se dê por mal empregado o dinheiro gasto».

MAGDY

«Sou casada há três anos. Não tenho filhos nem criada. Pago 300\$00 de casa, como bem, visto razoavelmente, sem construídas caras, arrajo sózinha o meu lar e passeio quasi todas as noites boas. Pelo menos uma vez por semana vou ao cinema. Compramos revistas, jornais e por vezes um bom livro. A porta, dou esmolas de vez em quando. Compramos meias que não excedem nunca 40\$00 e no fim de cada mês, ainda deposito 70\$00 na «Caixa dos Correios» para o caso duma doença, que espero não pense tão breve em nós. E sabem quanto ganha o meu marido? 1.550\$00 mensais».

MARIA

«É para mim difícil responder ao vosso 5.º inquérito, visto nunca ter tido a meu cargo o governo de casa. Mas, responderei conforme penso e espero um dia governar o meu lar, se o tiver».

(Continua na pág. 20

SELOS E L O S SELOS

A Exposição Filatélica 1944 foi um sucesso retumbante!
Quer principiar a coleccionar selos?
Visite a casa:
A. MOLDER
R. 1.º DEZEMBRO, 101-3.º
Telefone: 2 1514

Orquestra Sinfónica Portuguesa

(Continuação da pág. 17)

estudo ou diversão. A capital espanhola pode gabar-se de ter caído, de modo geral, no agrado dum grupo de artistas que, por serem artistas... exigem, sempre, o máximo em matéria de beleza...

Mas não só «divagando» o homem se distrai: houve também quem se divertisse não saindo do seu quarto... O violinista Herberto de Aguiar, espírito vivo e brincalhão, que, facilmente imita a voz de qualquer resolveu, numa certa manhã, telefonar para várias entidades em nome de outras, organizando, assim, intrigas de todo o tamanho que muito o divertiram a êles mas arreliaram as vítimas...

Desde então, alguns telefones de Madrid passaram a ser objectos indesejados, tal era o medo de se cair em lóbro, quando a êles se era chamado...

* * *

A maloria dos nossos artistas viu «Tolros de morte» na Praça Monumental. A corrida foi uma lástima, prejudicada pelo vento e pela chuva. Mas, porque os cavalos dos picadores já não arrastam as tripas pela arena, à maneira de cauda, pois são envolvidos numa espécie de «sedrons» que os protege com eficácia, os portugueses, mesmo os mais sentimentais, suportaram o espectáculo e afirmaram que tinham gostado... Êles, de resto, nesse dia, gostavam de tudo. Viviam ainda embalados na recordação do seu último concerto que nessa manhã se efectuára. Viam, ainda e sempre, aquela massa compacta de espectadores entusiasmados levantar-se, completa, aos últimos compassos de Ravel, numa ovação que tinha tanto de grandiosa como de justa...

Todos os concertos tinham sido coroados de êxito mas o último, no Cine Monumental que tem excepcionais condições de acústica e uma imponência acima do que possa imaginar-se, fóra, sobre todos, o melhor.

* * *

O último dia de permanência em Madrid foi, justamente, o dia de

Santo Isidro — «Dia festivo» em que todo o comércio fecha! Agora, só a alegria nos campos da diversão, multiplicados em «verbenas e espectáculos de toda a natureza. Que havia, então, de ser da sorte dos portugueses, apinhados de surpresa e a debater-se perante duas contrariedades? Sim, porque o descanso do comércio, para êles inesperado, vinha impedidos de comprar as ambicionadas meias de seda e «el recuerdo cariñoso» para o ente querido que ficara em Lisboa... E, como a lei não permite que a peseta passe a fronteira, os portugueses sofreram, pela primeira vez na sua vida, uma tortura desconhecida: a tortura da abundância!

* * *

Dia 15 às 21 horas. Novamente a Estação das Delícias cheia de portugueses. António Ferro lá estava na «gare» a dizer «Boa-Viagem». O seu sorriso, para todos os que partiam, tinha agora qualquer coisa de gratidão: — o prestígio dado ao país por aquele grupo de artistas, era uma página mais a acrescentar ao livro de ouro da sua obra de inegável merecimento.

Depois, veio a arrumação da bagagem, a instalação, o problema da boa vizinhança, o sossêgo, enfim, e o projecto de um sono descansado e repousante. Quem o conseguiu, porém? Ali, naquela meia-dúzia de compartimentos estreitos, ninguém pôde conciliar o sono: o canto incessante de «Fleta» atordoava todos os ouvintes!

Naturalmente, o leitor julga que viajou connóco o célebre tenor espanhol... Mas não. «Fleta», a «macote» da orquestra, é um grilo madeirense «brilhante, luzido» que não sabe estar calado e canta, dia e noite, a linda música do seu acanhado repertório!

«Fleta», porque se impunha pelos seus gritos, passou a ser o assunto das conversas na carruagem em que viajou. Alguém, entendido em assuntos de higiene, observa que sendo a alface tão rica em vitamina B — a célebre vitamina do crescimento — não se compreende que os grilos sejam tão pequeninos...

* * *

No regresso, como sempre, o caminho parecia menos longo e nem custou a passar aquela pausa longa em Marvão...

Aí, utilizando como palco uma janela do comboio e como platéa a «gare» dessa linda estação florida, realizou-se um espectáculo de fantoches sob a rubrica «Bonecos desanimados» que divertiu imenso os viajantes e tornou mais rápido esse forçado «compasso de espera»...

* * *

Lisboa, essa mancha de tons claros que nos sabe falar ao coração, avista-se, finalmente, e cada um se prepara para a chegada. Na «Gare» do Rossio agita-se uma verdadeira multidão ansiosa pelo comboio que vai chegar... «Lá vêm êles! Lá vêm êles!» Uma salva de palmas eleva-se entre apitos dos comboios... Foi a última ovação e... a mais tocante de todas.

Os nossos inqueritos semanais

(Continuação da pág. 19)

Ora, como estamos numa época em que tudo está por um preço exorbitante, acho que com um método bom de economia cheguem 1.200\$00 sendo 400\$00 para as várias despesas incluindo renda de casa, água e electricidade e as diversas despesas que são o martírio da dona de casa onde vê ir aos poucos o dinheiro sem saber como. Temos depois 800\$00 pouco mais ou menos, para a alimentação, pois acho que 20\$00 diários chegam para duas pessoas. Se uma dita se gasta mais, vêm outros em que se gasta menos. Na minha opinião, acho que se devem comprar os artigos que durem bastante tempo, mensalmente, pois ficam muito mais baratos e sempre é bom terem-se as coisas em casa, por causa de visitas inesperadas.

Teremos o resto do dinheiro para o vestuário indispensável e para o recreamento do espírito que acho necessário para contribuir para a felicidade no lar. Agora o que acho supérfluo são os cházzinhos das 5 horas nos cafés e as eternas manias de certas mulheres que para mostrarem o vestido novo e o quão invisível chapéu, vêm à Baixa fazer comprinhas desnecessárias que depois no fim do mês os pobres maridos sofrem, ouvindo ainda da sua «scarametade» que ganham pouco para manterem um lar.

MARIA HELENA

«Não é possível dar uma resposta acertada. Entre o extremamente pobre e o imensamente rico há um

sem-número de posições que se podem considerar medianas, em relação a outras, imediatamente superiores ou inferiores. Mas, tomando para tipo, funcionários públicos, por exemplo, professores primários, chefes de famílias, etc., etc. aos quais é exigida uma certa cultura e criaram por consequência, umas certas necessidades, eu julgo que o orçamento mínimo, indispensável, hoje, é o de 2.000\$00.

A despesa varia com a localidade onde se reside, evidentemente, sobretudo pela renda de casa.

O segundo ponto deste problema é de mais difícil resposta, ainda, por quanto aquilo que a uma mulher parecerá supérfluo, a outra parecerá uma necessidade... urgente.

Eu não trocaria uma dúzia de bons livros por um casaco de peles de algumas milhares de escudos.

Considero necessários: uma alimentação abundante, variada e simples; os agasalhos — certo conforto no inverno, umas férias no campo, se se vive na cidade; um banho de «civilizações»... se se vive na aldeia; a leitura de livros, revistas, jornais e um bom espectáculo — teatro ou cinema de vez em quando.

...E considero supérfluo, tudo o mais.

Sem pôr de parte o recreamento do espírito, não é possível o equilíbrio caseiro, se o dinheiro é pouco.

— «Mens sana in corpore sano»

MARIA DOS TOJOS — ESPINHO

Um drama no polo

(Continuação da pág. 32)

Com álcool e água a ferver, Brent fez o primeiro penso. Depois, pouco a pouco, a rapariga voltou a si.

— «É você, Jorge? — perguntou ela. — O pai está muito doente e disse-me: — «Val buscar um médico, passa pela cabana, que estão lá os rapazes de Montreal. Diz-lhes que os cães estão doentes e que eu tinha a intenção de...»

Depois, a rapariga explicou tudo: que ela devia ir preparar-lhes auxílio, que dentro de oito dias, o máximo, lhes trariam, que êle estava muito desgozoso...

A viagem foi longa e penosa. Gastaram sete dias para alcançar a primeira aldeia. E, entretanto, perdida no deserto, ficava uma cabana cheia de fardos com raposas «argentês», sem ninguém que as cuidasse nem guardasse...

Mas, talvez que, se hoje alguma mulher elegante de Paris, goza o contacto de uma riquíssima «argentée», o deva à viagem de núpcias que Jorge e Solange fizeram à pequena cabana abandonada...

ESCUTE!

Só traz nódoas na roupa quem não usa o incomparável

CASULO Limpa-Fatos

síntese maravilhosa de 6 substâncias químicas inofensivas que suprime por completo LUSTRO, NÓDOAS, MAU CHEIRO E TORNA OS FATOS COMO NOVOS E MAIS DURÁVEIS.

Só custa 2\$00

Em todas as drogarías

Revenda:

SCHROETER & ALMEIDA

R. da Madalena, 128, 2.º LISBOA

A EDITORIAL GLEBA
na Feira do Livro

Coleções: Romances Célebres, Contos e Novelas, Cultura, Estudos Portugueses e Homos (Memórias e Biografias).

VISITEM A BARRACA N.º 24

Editorial Gleba, Lda.

RUA DA MADALENA, 211-3.º
TELEPHONE 2 8933 LISBOA

A BOLSA DO LIVRO

Fraça de D. João da Câmara, 4-4.º
LISBOA TEL. 28470

compra, vende troca, empresta e leilão livros em todo o país.

Informações bio-bibliográficas, etc.

Única organização no seu género

TEMA CURIOSO E TALVEZ INÉDITO

¿Porque não influencia o desporto, os artistas das Belas Artes?...



Ressano Garcia

NA Grécia antiga, na Grécia das Artes, dos Pensadores, na Grécia dos Desportos, houve sempre a preocupação de relacionar todas as actividades, ligando-as pelo sentimento do Belo.

A Grécia ditou leis. Alma admirável de um povo que soube ser grãnde pelo poder do cérebro, do sentir e da força, através da sua história encontramos trechos das mais sublimes e humanizadas generosidade.

A Grécia dos intelectuais, da plástica escrita e da plástica desenhada, — permita-se-nos a imagem, — jámais renegou amplexar a Grécia dos músculos!

Lido, o mitológico filho de Hércules, nos intervalos dos exercícios onde exhibia a sua desmesurada força, delectava-se na leitura de excerptos paradisiacos, diz a lenda. E a lenda, encerra afinal, um mundo de fantasia. Seja como for, há um elo de ligação profunda, entre o Espírito e a Matéria, existe um manto que cobre delicadezas de formas, e formas vigorosas, másculas e viris.

Um atleta constituiu sempre uma sugestão de Arte para um pintor ou para um escultor. Mais talvez, para este do que para aquêle.

Motivo de análise, de observação cuidadosa para o artista de génio, filtrava-se de cada um dos seus movimentos uma expressão de leveza que se não desperdiçava e bem trabalhada, se transformava numa soberba e convincente afirmação de estética.

O desporto foi assim, na Grécia, um tema inesgotável de idéias e de figuras, de que se aproveitaram os nomes mais famosos da pintura e da escultura. A posteridade, legaram-se obras monumentais, padrões imorredouros duma sensibilidade apurada, que nem as mais crueis agruras do Destino, acionado pelo Tempo, conseguiram apagar ou desvirtuar!...

...Isto era — e é, — e será, porque não profetizá-lo? — na Grécia.

Transportemo-nos, agora, para o nosso País.

Em Portugal, — ¿quem haverá que tenha reparado no facto? — a dissociação entre o Desporto e a Arte é completa. Não sabemos — e com que agrado, fariamos acto de contrição! — que até hoje um pintor tenha gravado na tela, ou um escultor no gesso, um trecho, — attitude individual ou acção de conjunto, — de qualquer modalidade desportiva. Poderão lembrar-me que na Avenida da Liberdade existiu a figura de um lançador de disco. Essa, porém, não foi uma manifestação espontânea de um artista, mas tão somente uma encomenda para determinado fim. Enfermava ainda de defeitos: a configuração dos músculos no desenvolvimento do esforço estava errada anatomicamente e a técnica do lançamento estava longe de ser perfeita, como de resto, se bem me recorda, foi oportunamente alvo de controvérsia dos entendidos. Por conseguinte, essa figura não passa de um mero acidente que não pode contar, para o caso vertente.

E afinal, — continuando o pensamento — o Desporto é um manancial de attitudes magistraes, de belezas incomparáveis, com uma «nuance» nova, em cada movimento, consoan-

te a característica de cada Atleta, e a modalidade de que se tente.

Desporto é Arte? Ou melhor: Jogo é Arte? No seu curioso livro «Desporto, Jogo e Arte», o dr. Sílvio Lima, autor de uns «Ensaos sobre o Desporto», que o meio desportivo tão bem acolheu há sete anos, diz, logo, no prefácio: «...continuo a encerrar o desporto não só como livre actividade em si mesmo, mas também como livre actividade humana em relação com outras actividades, como por exemplo o trabalho, a arte, a ciência, a moral, a religião, etc.». E a página 60: «Todo o jogo não é, por necessidade interna, artístico. Mas o jogo pode revestir uma forma estética. O fundamental é que o jogador seja... um artista. Quere dizer, o jogo em si mesmo não é artístico nem inartístico: é matéria neutra susceptível de *estetizar-se*, de (permita-se-me o barbarismo) *artealizar-se*, quere dizer, de fazer-se arte. Claparão afirma: «Todo o jogo reveste um determinado carácter artístico quando é executado com perfeição». Sem dúvida, a pericia técnica, o saber, a execução impecável são condições necessárias, mas não suficientes. Um quadro, um jogo, podem ser tecnicamente perfeitos mas não belos; e inversamente, pode haver uma arte ingénua, tósca de expressão material, mas bela!».

E mais adiante: «O jogo — como Jogo — pode, mediante certas condições psicológicas, suscitar profundas emoções estéticas. A esse Jogo — provocador de beleza — chamarei eu, para maior clareza mental, o *Jogo-arte*; é a beleza fascicante que ressalta numa disputa de ténis, numa luta gregoromana, numa corrida de quadrigas, num campeonato de dardo, numa prova de remo ou natação. Aquil há Jogo, há desporto e há beleza; o Jogo encerra e desperta emoções de arte».

Não se pode ser mais claro, realista e profundo. Estamos perfeitamente de acórd e o raciocínio do dr. Sílvio Lima, quadra-se admiravelmente com o nosso tema.

O Jogo — ou o desporto — encerra e desperta emoções de arte!...

Simplesmente... Entre nós tal não succedeu ainda. Salvo a poesia, onde António Botto é o esgrimista número um, quero dizer: o único da beleza desportiva, a pintura e a escultura não se detiveram um momento, não vibraram ainda com as fulgurações que irradiam do desporto. Excluo a caricatura. Essa já foi conquistada há muito. Compreende-se. A caricatura é o retrato convencional da verdade. O artista joga com ela à vontade, sem receio de errar ou adular qualquer pormenor, e se tal acontecer em excesso o ridículo mascarar-se-á de, intencionalmente, gracioso — ou cómico!...

— ¿Porque será que os artistas portugueses não escolhem um tema desportivo para as suas obras? Eis uma pergunta sem dúvida curiosíssima, possivelmente inédita, que foi sugerida ao jornalista durante uma visita ao Salão da Primavera, na Sociedade Nacional de Belas Artes. Pintura a óleo e escultura. A natureza morta, dando a mão ao movimento e à vida pujante. Mas... nem o mais pequeno vislumbre de uma remota idéia de desporto!...

A pergunta era de tentar... Pô-la a um artista era trazê-lo a um campo novo, floresta virgem a desbravar... Pela resposta, seria interessante advinhar o efeito e a reacção causados. Conseguimos trazer a colaborar nesta página de desporto três art-

tas, três nomes consagrados das Belas Artes.

O acaso, só elle, reuniu aquêlla hora três intérpretes de modalidades diferentes: escultura, pintura e caricatural! Para dar satisfação à nossa pergunta, chegavam...

Primeiro. A escultora Ana de Gonta Colajo.

— Porque será que os artistas portugueses não escolhem um tema desportivo para as suas obras?...

Ana de Gonta Colajo fita-nos com severidade... Mas é gentil, compreensiva — e, passados segundos de meditação, responde: — Creio que o desporto deveria fornecer maravilhas de beleza plástica. No caso específico da escultura, digo-lhe, todavia, que as dificuldades de realização são grandes em todo o sentido.

— Gosta de desporto? — Apreço, sim. Por exemplo: o futebol, o atletismo, o remo, o «basket», prestavam-se admiravelmente para a escultura. Não esqueço, porém, que é indispensável, uma vez que se queira interpretar uma modalidade, conhecê-la muitíssimo bem na sua técnica.

— O hipismo... — Também ótimo para o efeito, mas já muito explorado em gravuras inglesas. Permite-me mais uma opinião?

— Por quem é! Mais duas... — Não. Só uma. Se é facto que os artistas plásticos se devem interessar pelo desporto, também os desportistas se deveriam interessar pelas artes plásticas. Uma aproximação mútua seria de grande alcance!

Segundo. Val responder o pintor Raúl Carapinha. Não esconde a sua surpresa. Teria de pensar bastante tempo para dar uma resposta calma. Mas nós queremos-la para já. Das suas dúvidas e hesitações extraímos-lhe um pensamento, com o qual elle concorda:

— Na dificuldade em ser espontâneo no apanhar dos movimentos está a causa do alheamento dos artistas das Belas Artes, em irem ao desporto buscar temas para as suas obras. É preciso saber o que se faz. Trabalhar o assunto com segurança. Um artista nem sempre se sai bem com uma attitude. E isso é perigoso, muito perigoso. No entanto, não há dúvida, o desporto é um tema muitíssimo sugestivo.

Terceiro e último inquirido. O presidente da Sociedade Nacional de Be-

Respondem:

**UMA ESCULTORA
UM PINTOR
UM CARICATURISTA**

las Artes, coronel Ressano Garcia, professor catedrático da Faculdade de Ciências. Caricaturista que dispensa quaisquer adjectivos.

Sabe o que é desporto porque o praticou no antigo Real Ginásio. Foi ginasta distinto. Exímio jogador de pau — a esgrima nacional. José Maria Saloio iniciou-o. Mas Artur dos Santos foi o seu grande mestre. Participante normal dos célebres saraus organizados pelo infante D. Afonso.

Sorri à nossa pergunta. Redargue, calmamente:

— Para a pintura ou escultura há grande dificuldade em aprender a técnica do movimento. Sobre tudo, há que ter um cuidado extraordinário com a faceta anatómica de qualquer interpretação desportiva, se esta não for estática, mas de plena acção.

— A caricatura é mais fácil!...

— Não, ainda que tal possa parecer. Afirimo-lhe: é mesmo difficilima.

A sua pergunta é interessante. Parece-me que as razões que apontel justificam o abandono do desporto e suas plásticas attitudes como tema inspirador de obras que seriam incontestavelmente belas. Todavia, é um facto. Os artistas fogem de fazer desporto. Há talvez o medo ao aspecto de cartaz, do anúncio banal duma reunião desportiva. Será? Não sei.

O assunto foi exposto. Os artistas deram-lhe bom acolhimento. E justificaram seus motivos de renúncia aos temas de desporto, presentindo-se-lhes, porém, que o desejo de conhecer novas «paisagens» talvez os leve, em breve, a embrenharem-se nos domínios da perfeita execução técnica de qualquer especialidade.

Seria admirável. E o jornalista ficaria imensamente satisfeito por ter agitado a idéia. Em troca nada pediria... Nem sequer um quadro a óleo para legar ao Museu das Saudosas Recordações!...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

Para desporto e para turismo
Vistam com elegância!

Modelos Exclusivos
Gaby Couturier
RUA BRAÑCAMP, 6 r/c Dt.º



Ana Gonta Colajo



Raúl Carapinha

HISTÓRIA DUM SABONETE

VIDA E MORTE DE UMA FLOR QUE SE TRANSFORMA EM PERFUME PELA GRAÇA DO HOMEM...

QUANDO ao acordar, seja a que horas for, o dia começa para nós, a actividade natural desperta levamos a uma série de ligeiros afazeres que realizamos quasi maquinalmente.

Quer o sol brilhe a iluminar as mimosas em flor, espalhando a sua poeira de ouro sobre as plantas dos jardins, quer o inverno se mostre agreste e os raios luminosos mal consigam romper através de espessas núvens, tódas as pessoas para quem a civilização não é apenas uma miragem

irmanam-se num hábito comum: a água a correr nas torneiras e o prazer do seu contacto com a pele, num inconsciente sensualismo pagão, aumentado ainda pela espuma suave do sabonete, a dar à epiderme uma agradável sensação de bem-estar.

Costumamo-nos ao perfume que se evola e espalha no ambiente. Agrada-nos prolongar o mais possível o tempo gasto a tomar banho, mas raro nos virá à mente este pensamento tão simples: — afinal como é que se faz um sabonete?

Sabemos escolher a massa que mais nos agrada. Conhecemos os bons e os de que não gostamos. Uns de aroma discreto, outros vulgares, outros ainda exalando essências preciosas. De uma forma simplista reduzimos tudo à classificação de caro ou barato, sem nos lembrarmos que a origem da diversidade de aspectos vem das profundas diferenças de fabrico.

No desejo de vermos como se faz um sabonete — dos bons — fomos assistir à laboração numa fábrica, onde já três gerações da mesma família têm aplicado o seu esforço para a perfeição técnica dos produtos.

Ao chegarmos, na enorme caldeira procedia-se à operação de, por decantação, vasar para dentro dos primeiros moldes a massa que levava seis dias a preparar. Dois homens vasavam a pasta liquefeita para enormes recipientes. Cada um comporta mil quilos.

Na caldeira haviam sido deitadas dez toneladas de matérias-primas: óleos de côco, de ricino e de amendoim, sébo animal, azeite vegetal, sal e lixívia alcalina, ou seja soda cáustica, tudo nas proporções que formam a base fundamental das marcas da casa.

Por um sistema de aquecimento a vapor, a mistura começa a ferver e

fica assim dia e noite durante cinco dias. Operários mexem com cuidado a massa em ebulição, e o laboratório, que já analisou tódas as matérias-primas lançadas na caldeira para se certificar da sua qualidade, passa a analisar todos os dias a pasta em preparação.

Ele é que diz se o trabalho corre bem ou se é preciso corrigir a composição para ficar equilibrada. Se houver sal a mais, o sabonete parte, com soda demasiada fica áspero e prejudica a pele, excesso de água torna-o mole, o que constitue defeito. Portanto, os analistas têm nesta altura uma grande responsabilidade a seu cargo. Das suas indicações depende a perfeição do produto.

Ao quinto dia, se tudo está em ordem, corta-se o vapor do aquecimento. Na manhã seguinte, nova análise, antes do sabão fundamental ser declarado perfeito.

Se está bem, passa-se para os primeiros moldes, como assistimos à entrada, mas só enquanto a pasta se apresenta clara, porque, na parte inferior da caldeira, nas horas em que esteve em repouso e a perder calor, ficaram depositadas tódas as impurezas. Uma cor acinzentada indica o começo das impurezas e que já não se pode aproveitar mais. Fica abandonada para outros fins.

Porém, o que de momento nos interessa é o sabonete que rivaliza com os que a indústria estrangeira nos mandava e que exige cuidados rigorosos.

Os moldes, dois dias depois de cheios, são abertos e, já frio o bloco, é cortado em barras. Estas, à medida que vão sendo necessárias são introduzidas num engenho e desfeitas em pequenas virutas, que depois entram em estufas de vapor para perderem a umidade.

Dali passam para a máquina misturadora, onde lhes agregam o perfume e a cor. Em média, cada sabonete contém de 10 a 15 gramas de óleo essencial, sem álcool.

O perfume aplicado, mais ou menos caro, consoante a marca que se pretende fabricar, torna variável o preço. As essências mais raras são sempre de custo mais elevado.

A composição do perfume faz-se no laboratório, que estuda as fórmulas das misturas dos óleos básicos, para se conseguir este ou aquêle aroma inédito, em exclusivo de marcas, cujo segredo repousa nos trabalhos laboratoriais.

Perfumada e colorida, a massa mudou de aspecto e segue para a máquina de cilindros onde sofre forte trituração de que lhe resulta a homogeneidade necessária. Sai dos cilindros em tiras delgadas, a lembrar um caudal de fitinhas de seda, a fugir rápidas e caprichosas pelas calhas do maquinismo.

Depois, outra máquina. As tirinhas, montão acetinado, entram e transformam-se. São comprimidas e ligam-se de tal forma que saiem convertidas numa longa tira cilíndrica, de maior ou menor diâmetro conforme o molde aplicado à boca de saída, constantemente aquecida electricamente.

Estamos quasi no final. Pouco falta para que apareça feito um sabonete.

O cilindro de massa é cortado em pequenos pedaços, e, depois, colocados um a um numa prensa.

Basta um ligeiro movimento na alavanca e surge um sabonete: «Fêno de Portugal» — os que fabricavam na ocasião — com as suas características de formato e indicações impressas.

O sabonete está pronto. Nasceu nu como toda a gente... Falta vesti-lo e dar-lhe o embelezamento exigido para a apresentação à venda.

Um numeroso grupo de raparigas procede à embalagem. Envólucros de cartonagem luxuosa para as «Flôres do Minho», simples vestidos de papel com dizeres já consagrados no mercado, aspectos variados conforme o sabonete que se está a «vestir», para que todos possam seguir ao seu destino e

apareçam bem-postos na parada final da concorrência nos mercados compradores, porque, apesar de se dizer que o hábito não faz o monge, sempre agrada à vista uma embalagem bem apresentada.

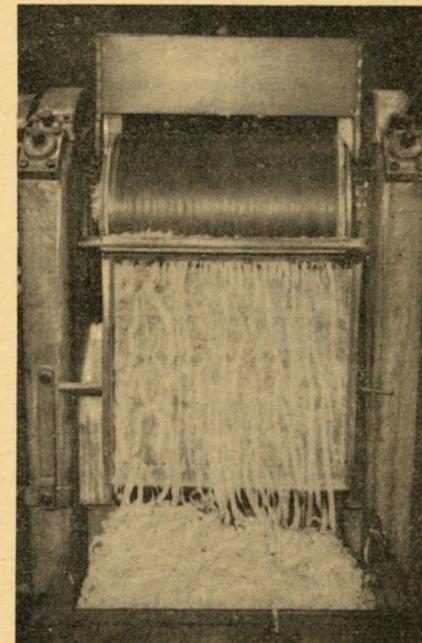
* * *

Sabonetes, fiéis companheiros do nosso dia-a-dia, quando lhe pegamos distraidamente e lhe aproveitamos a utilidade, nem pensamos quantos cuidados foram precisos para que a sua espuma nos ofereça o prazer do seu contacto perfumado!

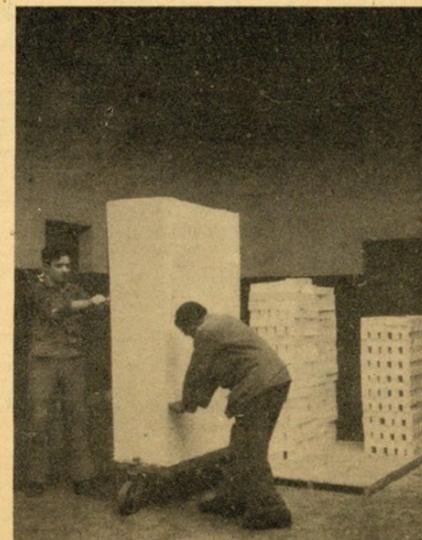
GERMANA BRAZ DE OLIVEIRA



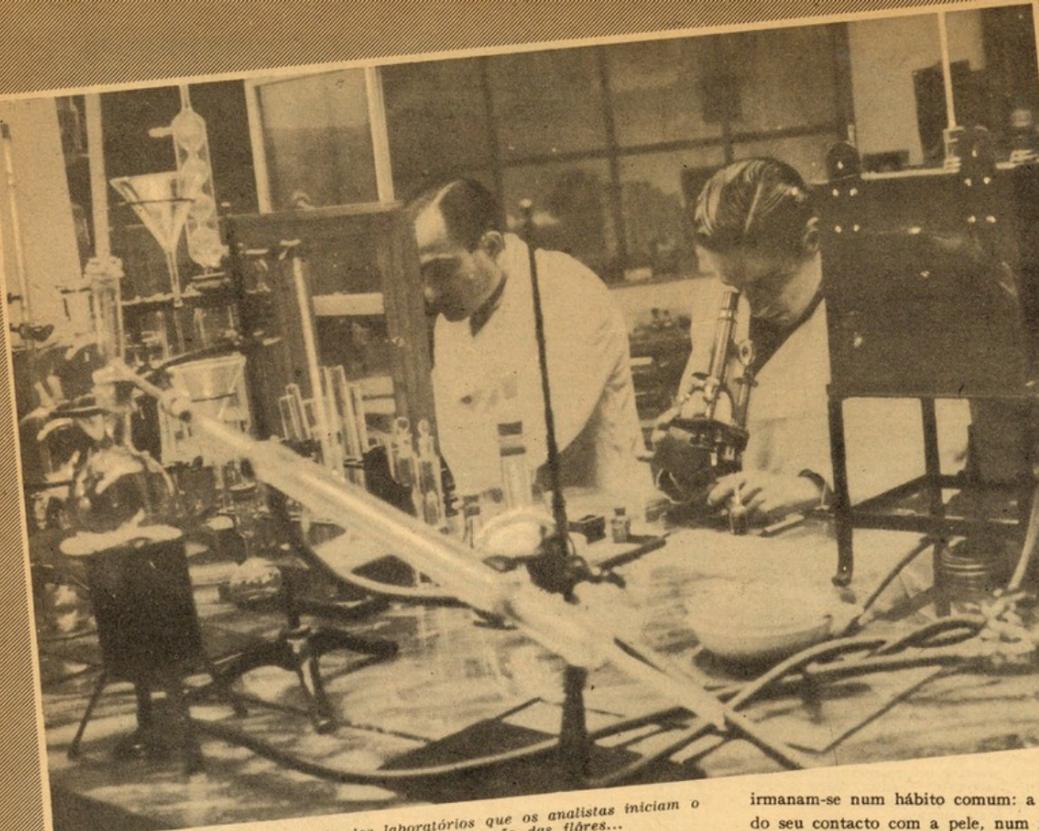
Mas, para isso, foi preciso transformar as barras de sabão em pequenas virutas...



...Fitas de fitinhas cetinosas que este cilindro vai deixando cair em caudal.



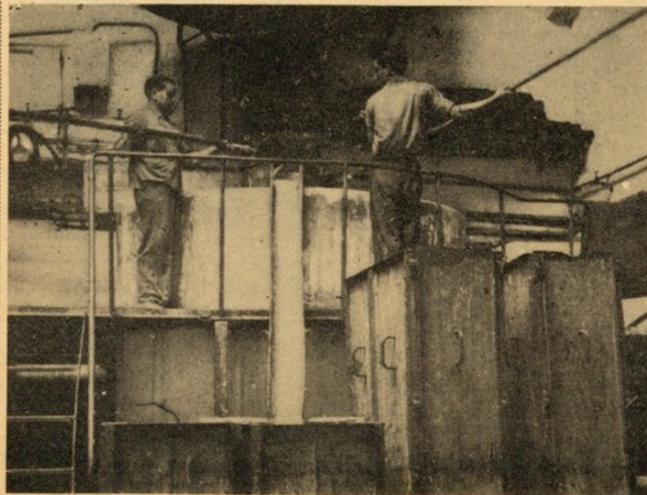
Que foram metidas em moldes deste tamanho e depois separados os blocos em sabonetes, como se vê ao lado, na outra foto...



É no segredo dos laboratórios que os analistas iniciam o milagre da transformação das flôres...



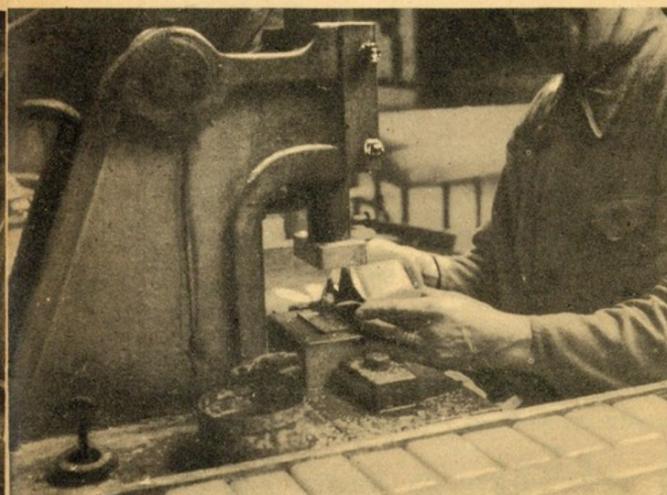
O sistema de decantação está à vista e não é original. O sabão fundamental tem de ser retirado da caldeira.



Esta faixa branca que desce lá de cima para o primeiro molde é ainda uma pasta líquida sem forma, sem cheiro e sem colorido.



Mas, daqui a pouco, a massa terá cor: a operária está a lançar a anilina que dará ao sabonete um tom de pérola ou verde delicado.



O sabonete está pronto — um produto de fábrica, flôres feitas perfume pela graça do homem. Cheiram aos campos súdios de Portugal que nos dão o pão!

O violino de João

Um filme comenta-se apreciando os diferentes elementos que constituem o seu todo e que dele fazem um espectáculo. São eles: o argumento, a planificação, o diálogo, a interpretação, a fotografia, a música e a realização. Eis como a crítica, que desta vez exerceu o seu pleno direito de não usar da menor benevolência para com um filme português, classificou esses diferentes valores:

CONSIDERAÇÕES GERAIS

«Fora dos «clans», das panelinhas cineastas, em que só uns tantos dão cartas, o Sr. Braz Alves quis fazer um filme.....»

Este aspecto de independência não deixa de ser simpático e de louvar, desde que o Sr. Braz Alves teve recursos para se meter nestas aventuras. Correu risco e não comprometeu o dinheiro de ninguém.

Disto não se podem gabar alguns Pabst de trazer por casa, que fazem fogo com pólvora alheia».

A. I. — «REPÚBLICA» de 23-5-1944

«Sabemos quanto é custosa, não só a arte, como a indústria cinematográfica. Avaliamos o esforço de quem trabalha no cinema e o risco de quem investe nas filmagens os seus capitais, especialmente em Portugal. Tanto se gasta para realizar um bom filme como para fazer um mau e, às vezes mais, nos segundos. Trabalho e capital são dois valores primordiais e confiantes num filme que leva duas escassas horas a exhibir e facilmente se critica.

Além disto é estéril pretender demolir sem propósitos de melhorar ou refazer qualquer obra. Por conseguinte, não podemos exigir que «O Violino de João» se equipare aos grandes modelos cinematográficos ou mesmo à produção média da América ou da Europa.»

Eugénio Navarro — «A VOZ» de 24-5-1944.

REALIZAÇÃO

«E elogiemo-lo (a Braz Alves), com sinceridade total, por ele ter revelado inegáveis qualidades na maneira por que contou a história... ..foi superior a algumas pessoas que, ao contrário dele, são muito conhecidas e louvadas e ainda hoje não foram capazes de saber contar uma história, mesmo mal, mesmo péssimamente».

C. L. — «DIÁRIO DE NOTÍCIAS» de 23-5-1944.

«O Violino de João» é uma nova produção com méritos, que devem ser destacados, porque representam por parte do realizador, um sentido honesto de bem servir o cinema português».

«JORNAL DE NOTÍCIAS» de 23-5-1944.

CONCLUSÕES

«Em síntese: «O Violino de João» nada acrescenta às glórias do cinema nacional... Mas resta ao realizador a consolação de que outros com mais propaganda têm feito o mesmo, senão pior...».

A. I. — «REPÚBLICA» de 23-5-1944.

«O Violino de João» não é melhor nem pior do que outros filmes portugueses que fizeram carreira e deram lucro».

António Bôto — «OS SPORTS» de 24-5-1944.

Argumento, planificação e diálogo:

«O argumento, dentro de certa unidade, tem interesse. O diálogo é leve, portanto corrente. A planificação é equilibrada».

«JORNAL DE NOTÍCIAS» de 23-5-1944.

«Em defesa do argumentista e do realizador há a louvar em ambos a falta de espírito industrial e, duma maneira geral, honestidade de processos».

C. L. — «DIÁRIO DE NOTÍCIAS» de 23-5-1944.

Interpretação:

«Na interpretação colocamos acima de todos João Villaret. A sua personagem era a melhor e foi ele, também, em mérito, o melhor. Merece, sem favor, a referência feita. Ada Luftmann teve brio, excepcional boa-vontade.....»

Erico Braga à vontade, num papel em que deu provas das suas excelentes qualidades artísticas. O barítono António Coutinho tem voz bem timbrada, sabe cantar e merece ser mais bem aproveitado. Igrejas Caello defende-se bem no «João violinista» e acusa até alguns progressos».

C. L. — «DIÁRIO DE NOTÍCIAS» de 23-5-1944.

«Erico Braga recorta com brilho o curto papel de um galanteador, a quem a fortuna permite todas as liberdades. Igrejas Caello, no protagonista, conquista, definitivamente, um lugar de relêvo entre os nossos melhores galãs de cinema. Figura, máscara, voz de belo timbre e mobilidade diante da câmara.....»

Outra referência merecida à surpreendente naturalidade de Emília de Oliveira. António Rosa desenhou, com intenção, um moço do circo. Todos os outros sem alterarem o ambiente».

A. L. — «Século» de 23-5-1944.

«Ada Luftman é mais uma artista a aproveitar nos nossos filmes.....»

Emília de Oliveira bem numa pequena rábula. Erico Braga pode ser um bom intérprete de cinema».

Silva Brandão — «DIÁRIO DA MANHÃ» de 24-5-1944.

«O seu bailado inicial (de Ada Luftman) é de extraordinário efeito coreográfico. Igrejas Caello e João Villaret, dois artistas de enorme talento, enriquecem a interpretação».

«JORNAL DE NOTÍCIAS» de 23-5-1944.

«João Villaret, formidável nesta cena com a rapariga. Grande actor de máscara prodigiosa!.....»

Ele é a razão de ser da existência desta película. A composição da figura e a maneira como a vive são a grande virtude admirável

desta última produção nacional. Nada escapou ao artista para que a personagem saísse inteira e bem modelada».

António Bôto — «OS SPORTS» de 24-5-1944.

«Na interpretação, Villaret é de longe o melhor.....»

Emília de Oliveira, na simplicidade do seu papel, destacou-se. Erico Braga atravessa parte do filme, inexecidível de elegância. Os cabelos brancos tornam-no mais novo. Igrejas Caello, dentro da sua maneira e António Rosa uma máscara expressiva».

Visor 42 — «DIÁRIO DE LISBOA» de 23-5-1944.

Fotografia:

«A fotografia de Octávio Bobone magnífica, sobretudo nos exteriores».

A. L. — «SÉCULO» de 23-5-1944.

«Na fotografia Octávio Bobone reafirma as suas qualidades de bom «camaraman» do nosso cinema».

Silva Brandão — «DIÁRIO DA MANHÃ» de 24-5-1944.

«Fotografia excelente de Octávio Bobone».

António Bôto — «OS SPORTS» de 24-5-1944.

«Agradável a fotografia de Octávio Bobone».

«JORNAL DE NOTÍCIAS» de 23-5-1944.

«A fotografia de Octávio Bobone valoriza o filme, por forma superiores».

M. M. — «JORNAL DO COMÉRCIO» de 23-5-1944.

Música:

«Canções confiadas às belas vozes do barítono português António Coutinho e do tenor Luís Piçarra. A partitura de Jaime Mendes, brilhantemente ajustada ao carácter do filme. Admiráveis os solos de violino executados por Silva Pereira».

A. L. — «SÉCULO» de 23-5-1944.

«A partitura de Jaime Mendes é excelente».

Eugénio Navarro — «A VOZ» de 24-5-1944.

«Música de Jaime Mendes, agradável e com a intensidade trágica que o ritmo emocional do argumento impunha».

Pedro Moutinho — «DIÁRIO POPULAR» de 23-5-1944.

«A música de Jaime Mendes — de feliz inspiração».

Silva Brandão — «DIÁRIO DA MANHÃ» de 24-5-1944.

«Esplêndidos os solos de violino de Silva Pereira e os bailados de Charles; agradáveis as canções de António Coutinho».

«JORNAL DE NOTÍCIAS» de 23-5-1944.

A última conclusão já a tirou o público que, não se deixando influenciar e com o seu alto sentido de justiça, aplaude tôdas as noites

O violino de João

FILME PORTUGUÊS

QUANDO ELAS ENSAIAM

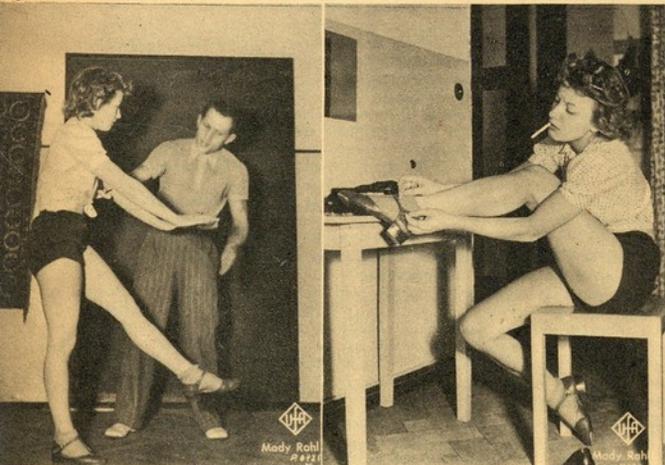
MADY Rahl é uma artista vienense, que se celebrou como bailarina. A sua ambição, porém, segundo ela própria, consistia em interpretar o mesmo tipo de papéis desempenhados pela malograda Jean Harlow, em que se mostrava simultaneamente, uma ingénua travessa, uma «vamp» perturbadora e uma rapariguinha romântica, com o ar de inexperiência colegial.

Mady nasceu para dançar. Mas os seus ballados são o fruto de um labor intenso. E senão vejamos:



Em frente do espelho, Mady Rahl controla escrupulosamente a gestualidade e a mímica durante os passos do sapateado.

Sob a direcção do professor, Mady estuda, sempre diante do espelho, um novo bailado, destinado ao cinema.



O professor parece estar satisfeito com a sua isca, e em muitas horas de treino constante sou eu a adquirir o inteiro domínio dos do corpo e dos músculos.

E finalmente um minuto de descanso, para fumar um cigarro e ajustar a fitela do sapato. Mady Rahl, a fulgar pela expressão, está preocupada com o desenvolvimento do seu trabalho.

A vida de Woodrow Wilson

Hollywood está a realizar um filme à glória de Woodrow Wilson, presidente dos Estados Unidos, durante a guerra de 1914-1918, e que foi o homem que sonhou a Paz eterna, sob o signo da Sociedade das Nações. É um capítulo emocionante da história da América — e o tributo do cinema a um homem para quem a morte foi tão piedosa, que lhe poupou a visão dramática do desmoronar das suas melhores ilusões!

Por causa de um T... um francês deixou de ser Luís XIV

EM França, os estúdios mantêm-se em actividade, não obstante as contingências da guerra. Jean Paul Paulin está a filmar — ou antes, começou os trabalhos preparatórios do filme — nada menos que «Echec au Roy» — qualquer coisa em

que será evocada a vida de Madame Maintenon e Luís XIV. Todos os papéis foram já distribuídos — só o de Luís XIV continuando por atribuir, não obstante serem muitos os artistas experimentados. Entre os muitos, foi indigitado Bacquet, um actor que do cinema do Teatro Odéon, não tinha experimentado. Um dos comanditários do filme interessa-se particularmente. E fala-se aos financiadores, aos produtores, a toda a gente, interessada na filmagem. Por fim, convocou-se o «artista», prepararam-se cabeleiras e trajos de estílim.

Para que haja Luís XIV — falta só uma assinatura de contrato. Maurice Bacquet vai ser o intérprete de «Echec au Roy». Mas Bacquet — aparece com um T... E a pessoa que se interessava pela apresentação de Bacquet, do Teatro Odéon, quando lhe apresentam este sr. Bacquet com um T... fica muito admirado.

«Eu?! Eu não conheço este senhor! Tudo se explica, como nos filmes. Este sr. Bacquet é um modesto funcionário dos escritórios do Odéon, a pessoa que lhe dirigiu o convite para as filmagens, em nome da casa produtora, enganara-se na redacção do envelope e acrescentara-lhe um T... O homem apresentou-se mas, por causa do T... não foi Luís XIV...

CINEMA

A LIÇÃO DOS FACTOS

NAS vésperas de se iniciarem as filmagens de «O violino de João» focámos, nesta página, as invulgares condições em que tal película ia ser levada a cabo, dada a total inexperiência do seu produtor-realizador e a tendência, por este manifestada, de prescindir ou menosprezar a colaboração de elementos técnicos, em proveito de uma aborrecida e pouco afortunada prática condenou formalmente, não apenas em Portugal como no estrangeiro. Dissensos, então, que não aceitávamos na possibilidade de, por inspiração natural ou sobrenatural, se adquirirem, no momento próprio, os conhecimentos técnicos indispensáveis, que só se obtêm à custa de uma longa e persistente aprendizagem, teórica e prática. E que, sem ela, ninguém se sentiria à vontade para construir em imagens uma história, por mais simples que seja.

Aparentamos, nessa altura, que não pretendíamos, com tal arrazado, marcar uma posição de hostilidade contra o «violino de João», que toca a questões de doutrina cinematográfica, logo que imperioso — mas que não podíamos admitir, por outro lado, o repúdio, ostensivo e total, da experiência custosamente levada a cabo pelo cinema português, ao longo de uma marcha de muitos anos, tarda e lenta. Frizámos também que a persistir-se em semelhante orientação, o insucesso recitaria não só sobre o realizador, como ainda, o que era mais grave, afectaria o prestígio e o crédito público do cinema nacional.

Fernando Garcia, no «Diário da Manhã», e Domingos Mascarenhas, na Emissora, entre outros, pronunciaram-se, oportunamente, nos mesmos termos. E se bem que não houvessem prosseguido em tais considerações, quando nos convencemos de que seria menos inglorio pregar aos peixes; muito embora as nossas palavras tivessem aparecido numa altura em que eram úteis e construtivas, porque se poderia ter emendado a mão; não obstante haverem sido ditadas sobre o «Violino de João», e no que toca a questões de doutrina cinematográfica, logo que imperioso — mas que não podíamos admitir, por outro lado, o repúdio, ostensivo e total, da experiência custosamente levada a cabo pelo cinema português, ao longo de uma marcha de muitos anos, tarda e lenta. Frizámos também que a persistir-se em semelhante orientação, o insucesso recitaria não só sobre o realizador, como ainda, o que era mais grave, afectaria o prestígio e o crédito público do cinema nacional.

Fernando Garcia, no «Diário da Manhã», e Domingos Mascarenhas, na Emissora, entre outros, pronunciaram-se, oportunamente, nos mesmos termos. E se bem que não houvessem prosseguido em tais considerações, quando nos convencemos de que seria menos inglorio pregar aos peixes; muito embora as nossas palavras tivessem aparecido numa altura em que eram úteis e construtivas, porque se poderia ter emendado a mão; não obstante haverem sido ditadas sobre o «Violino de João», e no que toca a questões de doutrina cinematográfica, logo que imperioso — mas que não podíamos admitir, por outro lado, o repúdio, ostensivo e total, da experiência custosamente levada a cabo pelo cinema português, ao longo de uma marcha de muitos anos, tarda e lenta. Frizámos também que a persistir-se em semelhante orientação, o insucesso recitaria não só sobre o realizador, como ainda, o que era mais grave, afectaria o prestígio e o crédito público do cinema nacional.

Aparentamos, nessa altura, que não pretendíamos, com tal arrazado, marcar uma posição de hostilidade contra o «violino de João», que toca a questões de doutrina cinematográfica, logo que imperioso — mas que não podíamos admitir, por outro lado, o repúdio, ostensivo e total, da experiência custosamente levada a cabo pelo cinema português, ao longo de uma marcha de muitos anos, tarda e lenta. Frizámos também que a persistir-se em semelhante orientação, o insucesso recitaria não só sobre o realizador, como ainda, o que era mais grave, afectaria o prestígio e o crédito público do cinema nacional.

Toda a publicidade, que vem, foi orientada no sentido de «dar um bigode» àqueles que tiveram a audácia de pôr restrições, em tempo, à obra que se ia encetar. E a estrela fez-se em ambiente de gala com o rótulo de «Noite de festa do cinema nacional».

Dolorosa e confrangedora ironia. Mais do que a romântica ingenuidade da história, a pobreza dos processos cinematográficos, a deficientíssima gravação e o mau desempenho, do seu realizador, quereria a atitude da plateia rindo — com razão! — onde o realizador quereria tê-la feito chorar, trocando do drama do «amor mais forte do que a morte», como se estivesse a assistir ao espectáculo dos «reisinos da Maia». O ridículo atingiu o nosso cinema em noite de festa... E que assim é, que não nos enganámos quando dissemos que ele seria a vítima inocente no caso do insucesso, prova à evidência a primeira frase da crítica do «Echec au Roy»: «Amanhã infeliz do cinema português».

Renunciamos a fazer a crítica do filme, porque não a suportamos. Não queremos deltar de tirar algumas conclusões da amarga experiência que constitui. Que se aproveitem, ao menos as lições dos factos.

Em primeiro lugar, uma verdade aparece. O cinema não é para ignorantes. O desejo de acertar, a sinceridade, a honestidade das intenções — muito respeitáveis, aliás — não bastam para suprir o desconhecimento do princípio fundamental que regem a técnica cinematográfica. Pela mesma razão, afinal, que cairá ao chão aquele que pela primeira vez se aventurar a andar no arame...

A sub-divisão de cargos e funções é fundamental. A técnica de cinema, pela sua própria complexidade, exige os especialistas. O produtor de «O violino de João» foi argumentista, planificador, autor dos diálogos, realizador e, na fase final, até montador. Por muito talento que tivesse, não poderia suprir, por certo, os conhecimentos técnicos dos outros. E é consolador verificar que os verdadeiros profissionais que intervieram no filme — Octávio Bobone (fotografia), António Vilar (caracterização), Jaime Mendes (música), etc. — deram quasi sempre boa conta de si. Não sei francamente o que seria «O violino de João» se o realizador tivesse ainda preenchido as funções que aqueles desempenharam...

Audácia, arrojo, inconformismo são qualidades admiráveis, na justa medida. Mas perigosas, porque vivem parades meias com a inconsciência, com o desatamento e com a ignorância. Em face da morte, pelo poder de «ampliação» do cinema, torna-se necessário travá-las, com a razão e o bom senso e equilíbrio, a noção das proporções. Se estas últimas qualidades estivessem presentes, o «Violino de João» seria melhor do que é, porque ter-se-ia reconhecido, por exemplo, que a protagonista não estava dentro do papel; que um filme tão intensamente romântico não pode viver no «clima» de 1944, que está presente, constantemente, a desilusão da história; que há trinta anos; e que a literatura é uma coisa e o cinema outra, verdade que não deve esquecer quando se criam situações ou se escrevem os diálogos que as servem.

Outra conclusão evidente: a técnica não se impõe com a finalidade única de «decorar nomes em francês ou inglês». É indispensável para descrever, cinematograficamente, situações, estados de alma ou intenções. Está para o cinema como a gramática para a literatura. E se o realizador tivesse conhecimentos de ordem técnica, teria feito da literatura e o cinema um momento culminante, e haveria estabelecido, por exemplo, a relação indispensável entre o espectáculo de «florestas húngaras» e o público, como entre este e o primeiro bailado da protagonista — «intermezzo» e dança que só com muito boa vontade se admite desenrolarem-se à vista das bancadas do circo.

Mas não levemos mais longe estas anotações críticas. Interessamos apenas colher do leitor as lições que lhe comporta. E se, no futuro, houverem «experiências» análogas, uma indicação segura e resultante elucidativo de uma experiência «rústica», «O violino de João» será como o automóvel danificado no meio da estrada, a lembrar os perigos das corridas vertiginosas a todos aqueles que, embora pouco seguros, gostam, desvairados, de andar depressa...

FERNANDO FRAGOSO

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXV - A campanha africana



Atlee que leu nos Comuns a histórica descrição das diferentes fases da batalha.

ROMMEL NO ATAQUE

A primeira notícia de que a batalha se reacendera no deserto foi de origem inglesa. O comunicado do Quartel General do Cairo, de 27 de Maio de 1942, anunciava: «Grandes formações blindadas do inimigo avançaram durante a noite do ocidente para o sul, em direcção às nossas posições de Bir-Hakeim. Ao princípio da manhã de hoje, as formações inimigas foram atacadas pelas nossas forças blindadas. Não são ainda conhecidos pormenores do ataque.» Assim, pode dizer-se que o dia 26 de Maio foi a data do início desta nova fase da campanha da Líbia que devia conduzir a um grande êxito estratégico e político para as potências do Eixo.

No dia 28, o comunicado do Cairo referia-se mais pormenorizadamente ao curso da batalha, revelando que as forças do Eixo se haviam dividido em duas colunas, e que uma terceira coluna marchava pela estrada costeira, em direcção a Gazala. Bir-Hakeim era o principal objectivo da ofensiva e era, portanto, o flanco esquerdo da frente britânica que aparecia directamente ameaçado. Era por ali que Rommel tentaria infiltrar-se e fazer ruir o conjunto dessa frente.

No dia 29, o Alto Comando alemão referia-se, pela primeira vez, às operações em África mas ainda duma forma lacónica e imprecisa, dizendo apenas: «As nossas tropas iniciaram ontem uma ofensiva. Desde então, trava-se luta renhida.» A verdade é que a ofensiva a que o comunicado alemão se referia fôra iniciada dois dias antes e se encontrava, nessa altura, em pleno progresso.

Rommel dirigira aos seus homens, antes de os lançar ao ataque, em uma ordem do dia entusiástica, dizendo-lhes que a sua missão consistia em dar na Líbia uma batalha decisiva contra as forças britânicas, afim de as aniquilar e que, para esse efeito, dispunha dos necessários elementos, cuja acção seria vigorosamente suportada por uma força adequada à magnitude dessa tarefa.

NOS ÚLTIMOS DIAS DE MAIO

A batalha prosseguiu durante os últimos dias de Maio com uma intensidade crescente. O comunicado do Cairo do dia 29 continha, porém, uma revelação curiosa: «Pequenos elementos avançados duma das colunas alemãs — revelava esse documento — atingiram El Dada e Sidi Rezegh evitando dar combate. Foram repellidos mas, mais tarde, a mesma coluna foi avistada com outras forças nas proximidades de Knightsbridge».

Era em torno deste último ponto, uma encruzilhada de caminhos no deserto, como o seu próprio nome indicava, que ia travar-se a batalha principal cujo desfecho poria em risco todo o sistema pacientemente montado pelos ingleses para defesa das suas posições vitais no Próximo Oriente. A coluna do Eixo, que parecia caminhar para leste, em direcção a Bir Hakeim, inflectira inesperadamente para o sul e parecia agora querer atingir El Adem. Esta manobra deixou perplexo o comando britânico que não sabia qual era a verdadeira finalidade que Rommel procurava alcançar com esta primeira surpresa. Assim, os planos britânicos apareceram subitamente transformados e os seus chefes admirados.

A manobra de Rommel era, de facto, audaciosa. As suas formações blindadas em Knightsbridge passaram a estar particularmente expostas a qualquer tentativa de envolvimento do adversário, envolvimento que podia registar-se dum momento para outro. No seu avanço audacioso, essas formações tinham aberto uma brecha no dispositivo britânico criando, no meio deste, como que uma bôlsa. Essa brecha podia ser colmatada, e se esse facto se produzisse, as forças blindadas alemãs, assim arriscadas, não teriam qualquer possibilidade de se libertar de novo.

A confiança que o comando britânico afirmara, durante os dois primeiros dias da ofensiva, e que transparecia no teor dos comunicados do Cairo, baseava-se, essencialmente, na superioridade da sua artilharia. Mas quanto aos carros, os ingleses iam fazer uma experiência que lhes sairia cara. Os tanks «General

Grant», postos em linha de batalha pela primeira vez, iam revelar-se inferiores aos carros dos seus adversários e essa seria uma das razões do desastre que devia verificar-se duas semanas depois.

AS CARACTERÍSTICAS DO ARMA-MENTO EM PRESENÇA

O aparecimento dos tanks «General Grant» constituiu, de início, uma surpresa táctica. Mas depressa as deficiências da sua construção foram verificadas e puderam ser plenamente exploradas pelos alemães. O carro, de construção americana, apresentava em matéria de armamento algumas inovações em relação aos modelos que os ingleses anteriormente haviam utilizado no deserto.

A principal dessas inovações era um canhão de setenta e cinco milímetros, idêntico àquêle com que estavam armados os carros do tipo «Mark IV». Esse canhão era, porém, montado de maneira que não podia mover-se, enquanto o armamento dos carros alemães se encontrava montado em torres giratórias, dispondo, por isso, de grande mobilidade.

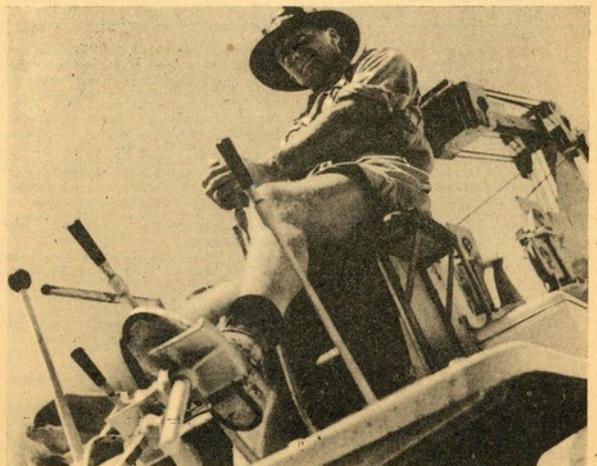
Esta vantagem exploraram-na os alemães imediatamente, e com um êxito total. O comunicado do Cairo, de 30 de Maio, anunciava infiltrações profundas de carros alemães nas linhas britânicas, as quais ameaçavam, já nessa data, Acroma. As formações empregadas eram, porém, ainda relativamente reduzidas e as infiltrações reveladas não constituíam um perigo imediato.

Nesse dia 30, porém, a face dos acontecimentos ia modificar-se sensivelmente. Favorecidos por uma violenta tempestade de areia, que diminuiu em proporções inesperadas a visibilidade no deserto, os alemães reforçaram a formação blindada que haviam feito penetrar em Knightsbridge, utilizando para isso as brechas abertas no campo de minas do adversário.

As tentativas feitas pelos ingleses para fechar essas brechas eram inutilizadas pela acção persistente e eficaz da artilharia anti-«tank» alemã. Enquanto elas pudessem ser utilizadas, Rommel estava em condições de alimentar a bôlsa que formara e de diminuir o risco inicial que haviam corrido as forças que nessa bôlsa tinham sido concentradas e que iam desempenhar um papel preponderante na evolução da batalha. Esta não deixaria de se intensificar, nos dias seguintes, que seriam decisivos para o conjunto do dispositivo britânico.

UM DISCURSO DE CHURCHILL

O pessimismo crescente de que os comunicados do Quartel General do Cairo pareciam impregnados e as primeiras informações sobre as deficiências do armamento ensaiado haviam suscitado, em Londres, uma ansiedade compreensível e



Os «General Grants» americanos pagaram com a experiência, um caro tributo aos alemães.

crescente. Como de costume, o assunto foi objecto dum debate nos Comuns, durante o qual o Primeiro Ministro fez algumas revelações interessantes sobre a marcha dos acontecimentos em África.

«Os reconhecimentos aéreos, declarou o sr. Churchill, tinham-nos revelado que o inimigo se preparava para desencadear uma contra-ofensiva. Nessas condições, as nossas forças aéreas tentaram desfazer esses preparativos, iniciando uma acção intensa contra os aeródromos do Eixo, a partir do dia 21 de Maio. Essa acção prosseguiu, ininterruptamente, durante os dias seguintes e foi conduzida por bombardeiros médios e ligeiros da R. A. F. O inimigo ripostou violentamente a esta nossa acção e perdeu um certo número de aparelhos».

«Na noite de 26 para 27 — continuou o sr. Churchill — o «Afrika Korps» passou ao ataque afim de desempenhar a parte que lhe havia sido confiada para a realização dos fins que o comando inimigo tinha em vista. As suas formações avançadas passaram ao sul de Bir-Hakeim e encaminharam-se, com grande rapidez; para o norte, em direcção a Acroma e, também, em direcção aos conhecidos campos de batalha de El Duda e de Sidi Rezegh. Estas localidades chegaram a ser atingidas, mas as forças que as atingiram foram expulsas pelos nossos contingentes blindados que entraram em acção. Alguns «tanks» do Eixo chegaram a atingir a escarpa que domina a estrada costeira, ao norte da Acroma, a fim de interromper as nossas comunicações com Tobruk mas este objectivo não foi alcançado. Esta cidade continuou em ligação com as tropas africanas que se encontravam nas suas proximidades. Na mesma noite, o inimigo tentou um desembarque, com o objectivo de reforçar essa posição, mas as nossas forças navais afastaram facilmente os barcos que transportavam os contingentes inimigos que deviam desembarcar e juntar-se aos que se encontravam nas proximidades de Acroma.»

A DESCRIÇÃO DAS OPERAÇÕES

A descrição do conjunto das operações foi minuciosamente feita nesse discurso do Primeiro Ministro britânico, que constitui o relato mais autorizado da primeira fase da batalha e que, portanto, há toda a vantagem em transcrever nessa parte.

«Antes de se terem aproximado de El Adem, vindas de Acroma, as forças do Eixo travaram combates com a 1.ª e 7.ª divisões blindadas britânicas que se encontravam apoiadas por formações de tanks pesados. O péso do avanço inicial do inimigo, a leste de Bir Hakeim, foi suportado pela 3.ª brigada indiana motorizada que foi repelida depois de ter infligido pesadas perdas aos atacantes. Estes tiveram, assim, o seu avanço retardado. O ataque, realizado pelos italianos contra Bir Hakeim, foi repellido pelos franceses livres que guarneciam aquela posição.»

«Entretanto, os nossos bombardeiros e caças realizavam incansavelmente ataques contra o inimigo. No dia 27 Rommel tentou pôr em prática a terceira parte do seu plano. Atacou, para isso, as nossas posições ao sul de Gazala mas os resultados conseguidos por ele não foram mais animadores. As forças de Rommel, que se aventuraram em Knightsbridge lutam com falta de abastecimentos e de água e são constantemente atacadas pelas nossas tropas. Rommel abriu duas brechas no nosso campo de minas, uma no sentido da estrada de Cappuzzo, outra quinze quilómetros para o sul. Estas duas brechas encontram-se à direita e à esquerda duma zona defendida pelas brigadas de infantaria inglesa que resistiu tenazmente às tentativas do inimigo, para fazer chegar o seu auxílio. No dia 28 o marechal do Ar, Cunningham lançou as suas esquadilhas em ataques sucessivos contra as formações blindadas do inimigo e contra o seu sistema de transportes. Esta acção prolongou-se ao longo de três dias, e atingiu o inimigo quando ele procurava fazer chegar os seus reforços.»

OPTIMISMO PREMATURO

As reacções verificadas nos meios britânicos haviam passado portanto, numa semana, por três fases diferentes. Inicialmente, registara-se uma confiança absoluta nos recursos e nos meios de acção de que dispunha o general Auchinleck. Depois, os comunicados do Cairo, revelando incerteza e perplexidade, haviam criado uma sensação de dúvida. Na terceira fase, o optimismo a que dera lugar o discurso do Primeiro Ministro generalizara-se rapidamente.

«Ainda não houve tempo — dissera o Primeiro Ministro — para avaliar exactamente a extensão das perdas sofridas pelas forças do Eixo. Mas calcula-se que tenham sido destruídos ou inutilizados duzentos e sessenta tanks. Como dominamos o campo de batalha, podemos recuperar os nossos carros avariados, coisa que não é possível aos alemães. A batalha — concluiu o sr. Churchill — está longe de poder considerar-se terminada. Mas, seja qual for o seu resultado final, não há dúvida de que os planos de Rommel se malograram completamente».

«Seja qual for o resultado final da batalha» — dissera o Primeiro Ministro. Esse resultado seria bem diferente daquele que havia sido previsto no seu discurso que, entretanto, incluía essa reserva final, na qual poucas pessoas atentaram, perturbadas pelas outras passagens mais optimistas e confiadas.

Nesse dia 2 de Junho, em que o sr. Churchill falou na Câmara dos Comuns, os comunicados do Eixo assinalavam um êxito local das suas tropas, as quais haviam feito três mil prisioneiros ingleses entre os quais se encontrava um general de brigada. As indicações fornecidas em Berlim e em Roma não eram de molde a destruir a impressão satisfatória deixada pelo discurso dos Comuns.

No dia seguinte, o marechal Smuts, chefe do governo da União Sul Africana, que seguia atentamente a evolução da batalha, fez declarações que confirmavam aquelas que haviam sido feitas em Londres pelo sr. Churchill. O marechal afirmava que não tinha dúvidas nem apreensões quanto ao resultado final da batalha que, àquela hora, se estava travando na Líbia.

O PRIMEIRO «ROUND»

Os ingleses haviam, graças à superioridade dos seus preparativos e à superioridade da sua aviação, ganho o primeiro «round» da batalha que ia continuar e mudar completamente de sentido. O dia 3 de Junho marcou uma viragem decisiva na evolução da luta. No relatório, elaborado mais tarde pelo general Auchinleck e que o sr. Atlee havia de ler na Câmara dos Comuns, a natureza dessa viragem aparece claramente assinalada.



O general Rommel, a alma, a vontade e a inteligência da nova fase da campanha no Norte de África, saltando de um «tanks», em competição com os modelos americanos.

«Esse foi — diz o relatório do general — o momento crucial da batalha. O inimigo estava completamente exausto. Se nós estivéssemos em condições de explorar a sua fraqueza, é quasi certo que teríamos alcançado a decisão. Mas nós encontrámo-nos, por nossa vez, completamente exaustos e era portanto impossível beneficiar dessa viragem.»

Rommel preparava-se para remediar a situação, fazendo chegar rapidamente reforços à zona de operações. Vinte e quatro horas depois de ter sido atingido o ponto crucial a que se refere o relatório do general Auchinleck, os alemães encontravam-se em condições de renovar os seus ataques contra as forças inglesas que, segundo fora revelado pelo Primeiro Ministro, guarneciam a zona situada entre as duas brechas abertas no campo de minas britânico.

O resultado deste ataque não tardou a fazer-se sentir, provocando uma reviravolta completa na situação. O general Ritchie, comandante do 8.º Exército britânico que comandava as operações no local, procurou contra atacar e os seus primeiros esforços pareciam destinados a ser coroados de êxito. Na verdade, esse êxito não chegou a verificar-se, pois, nos combates de carros, em que a batalha degenerou, a vantagem dos alemães começou a firmar-se e a concretizar-se de maneira inulduível. As deficiências de material britânico começavam a constituir um perigoso motivo de inquietação para o comando e para quantos seguiam atentamente o desenvolvimento da batalha, cuja intensidade não diminuía.

O RELATÓRIO DE AUCHINLECK

O relatório do general Auchinleck, lido pelo major Atlee nos Comuns, completa e constitui o complemento indispensável do discurso feito no mesmo local pelo Primeiro Ministro. Eis como esse relatório descreve o que se passou nos primeiros dias de Junho que se seguiram à explosão de optimismo prematuro registada em Londres:

(Continua na pág. 30)

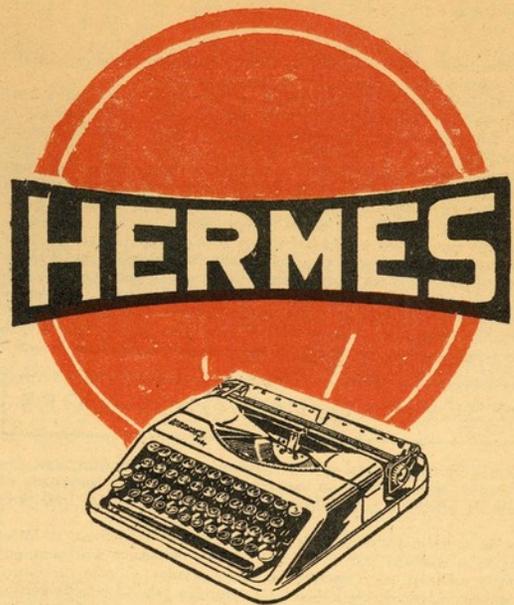


CREME
Eglon
DE DIA
DE NOITE
PRODUTO
VIREL

*Cuide da sua
Beleza*

PACO

INSTITUTO VIREL
R. DA SAUDADE N: 2 A



A maquina de escrever que triunfou em Portugal!

DISTRIBUIDORES — Sul: M. Simões Jr., Rua da Concelção, 46, 1.º (esquina da R. da Prata), telefone 21672, Lisboa.
Norte: Araujo & Sobrinho, Sucrs., Largo de S. Domingos, 50, e filial: Rua dos Clerigos, 8, telefones 235 e 2352, Porto.



**O CARTEIRO LEVA A ESCOLA
A CASA DE CADA ALUNO**

CURSOS PRATICOS: **AIEC** POR CORRESPONDENCIA

* GUARDA-LIVROS * CHEFE DE CONTABILIDADE * CONTABILIDADES ESPECIAIS
* CALIGRAFIA * DACTILOGRAFIA * TAQUIGRAFIA * LINGUAS * ETC.

PREENCHA CORTE E REMETA ESTE CUPAO

ACADEMIA INTERNACIONAL DE ENSINO POR CORRESPONDENCIA
Trav. do Queimado, 23, 1.º - LISBOA

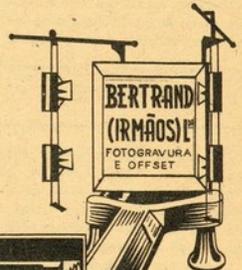
Quetram entrar-me, *gratita*, o folheto indicando as condições de matricula.

NOME _____

MORADA _____

Di 2

**FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
O F F S E T
LITOGRAFIA**



*Fornecedores
do Estado
Português*

TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 27
P. B. X. 21368 - 21227

P A P Y R U S

PAPYRUS — O melhor papel para escrever

PAPYRUS — O melhor papel para imprimir

PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito

PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.

PAPYRUS — Os melhores livros comerciais

PAPYRUS — Os melhores sobrescritos

PAPYRUS — O melhor papel para cartas

À venda nas Papelerias e Tipografias

Depósito geral:

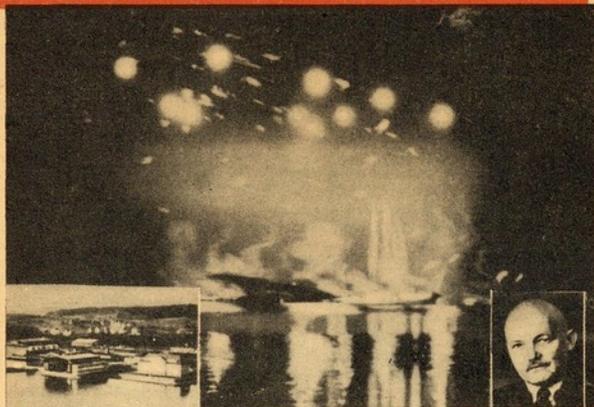
Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)

Rua dos Correiros, 70
LISBOA

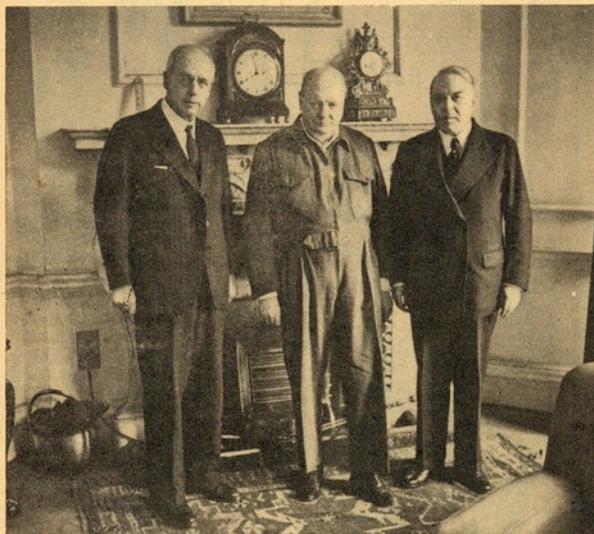
End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854

PAPYRUS
Extra Strong

NOTAS DE GUERRA



Uma vez mais, a R. A. F. bombardeou as fábricas de aviação Dornier, em Friedrichshafen, sobre o lago Constança. Visto da Sulça, o espectáculo teve aspecto prodigioso. Julga-se que as fábricas ficaram inteiramente destruídas — e isto constituiu, por certo, um doloroso presente para o seu fundador, o engenheiro Dornier, que se vê na foto e que completou, em 14 de Maio último, os seus sessenta anos...



Há pouco, os quatro governadores dos Domínios ingleses reuniram-se em Londres para assentar na resolução de múltiplos problemas, do presente e do após-guerra. Churchill, então, reuniu em sua casa os representantes do Canadá, da Austrália, da África do Sul e da Nova Zelândia. Aqui o vemos em companhia de Mackenzie King, Primeiro Ministro do Canadá, e do sr. Fraser, Primeiro Ministro de Nova-Zelândia, envergando o seu famoso traje de «macaco».



Recentemente, como foi noticiado, o coronel-general Hube, comandante de uma divisão blindada alemã, faleceu vítima de um desastre de aviação. Hitler, para significar o aprêço pelos seus colaboradores, assistiu às solenes exéquias, ao lado da viúva e outros membros da família de Hube.

FIGURA DA VIDA MUNDIAL



PROFESSOR EGAS MONIZ — Nesta galeria, cabe bem uma das mais altas figuras da actualidade, representativa do mundo científico do nosso tempo. O professor Egas Moniz, sábio de renome universal, cuja palavra é acatada em todos os grandes meios científicos, tem uma obra nobilíssima ligada à ciência médica contemporânea, e que as melhores revistas da especialidade do mundo registaram em centenas, senão em milhares de páginas. As suas comunicações aos Congressos internacionais — registemos o Congresso Luso-Espanhol das Associações para o progresso das Ciências, em 1921; XIII Congrès International de Hydrologie, Climatologie et Geologie Medicale; Congrès Neurologique International de Berne; Congress International of Neurology, de Londres, Semaine Medicale Internationale en Suisse; e Reunion Neurologique International de Paris — foram lições, ensinamentos de que a humanidade beneficiou, por intermédio do mundo médico que o leu, ouviu ou discutiu. No Brasil, em França, na Alemanha, em Inglaterra, na Espanha, por toda a parte, o nome do ilustre neurologista português é a maior e mais brilhante flamula do grau de cultura de um povo que não tem muitos grandes homens mas tem homens muito grandes para ressaltar em qualidade o que lhe falta em quantidade...

(Caricatura de SANTANA)



**EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA**

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

12.45	WRUS	30,9	WRUA	25,45	WKLJ	30,75	
13.45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGEO	19,66	
14.45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUW	25,58	WBOS 19,7
17.45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5	
18.45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5	
19.45	WRUS	19,83	WRUA	26,9			
20.45							
			(Meia hora de programa especial)				
21.15	WRUS	19,83	WRUA	26,82	WGEX	25,4	
21.45	WRUS	19,83	WRUA	26,82	WGEO	19,5	WGEX 25,4
22.45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WRUL	25,58	WKLJ 30,77
23.45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WKLJ	30,77	

«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.» das 19,45 às 20

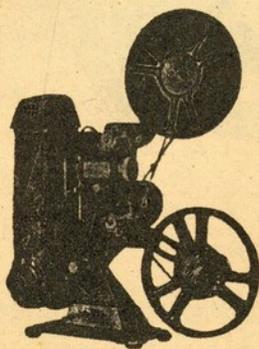
EMISSÕES DIÁRIAS

**OIÇA a VOZ da
AMERICA em MARCHA**

Uma defesa permanente contra as bactérias e uns dentes são o hoje terá V. Ex.ª na boca se usar:

Sulfadentina

A 1.ª Pasta Dentífrica com Sulfamida



Sempre que pense
fazer cinema

CONSULTE
A ÚNICA CASA
ESPECIALIZADA

Todas as marcas

PATTÉ-BABY PORTUGAL L.ª

LISBOA - Rua de S. Nicolau, 22
PORTO - Santa Catarina, 315

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (úmido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardências na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drogarias
Preço avulso: 11\$00



HISTÓRIA DA GUERRA

(Continuação da pág. 27)

«A partir de 4 de Junho, o inimigo concentrou os seus ataques contra a posição de Bir Hakeim, cuja defesa estava confiada a forças de franceses livres. Essa posição, que já estava a ser atacada havia nove dias, passou a ser objecto duma pressão insuportável. Fizemos, por isso, todos os esforços para aliviar essa pressão e para auxiliar a respectiva guarnição, do comando do general Koenig.

Os franceses livres defenderam a posição de Bir Hakeim heróicamente, enquanto isso lhes foi possível. Mas quando essa defesa fraquejou, o inimigo pôde utilizar as forças que estava empregando contra ela, para aumentar a pressão na zona de Knightsbridge—El Adem. Em consequência dessa pressão, fomos obrigados a abandonar algumas das nossas posições, e foi isso que permitiu ao inimigo realizar a rotura da nossa frente e tentar atingir a costa, isolando as forças que se encontravam na área de Gazala. Essas forças eram constituídas pela 1.ª divisão e pela 50.ª divisão britânica.

Perante o perigo que se desenhava contra elas, o general Ritchie resolveu fazer retirar essas duas divisões, o que se fez com habilidade e êxito. A retirada fez-se graças à protecção das nossas forças blindadas e com uma cobertura aérea adequada, não devendo esquecer-se que a R. A. F. estava precisamente nessa altura empenhada na protecção dum grande comboio que se dirigia a Malta. As duas divisões juntaram-se ao grosso das forças do 8.º Exército que se encontravam a leste de Tobruk.»

Tal era a situação no fim da primeira semana de Junho, quando Rommel se preparava para conseguir a decisão da batalha.

(CONTINUA)

APP

PRODUTOS DE BELEZA

Rainha da Hungria

W CAMPOS

O ENCANTO NATURAL DA MULHER QUE QUERE CONSERVAR A SUA BELEZA

FIXINA

O fixador de cabelo das pessoas distintas

A nova fórmula de «FIXINA», criada em 1944, fixa, dá brilho e não seca. Exija «FIXINA»

1944. Durante o mês corrente será ofertado a todos os compradores de «FIXINA» um lindo espelho mágico.

Botão maior, 15\$00
Botão menor, 10\$00

Vende-se nas boas drogarias, barbearias e outros estabelecimentos. Laboratórios Rudi—Rua S.ª Idefonso, 29, Porto—Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F. Lda.—Rua dos Fanqueiros, 135-3.ª, Dt.—Telef. 4.8582.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Composição e impressão:

Bertrand (Irmãos), L.ª

T. Condessa do Rio, 27

Telef. P. B. X. 21227-21368

LISBOA

composição / Mentolum 8 grs.—Methylum Salicylicum 8 grs.
Lanolinum Anhydricum 16 grs.

BAUME BENGUE

ANALGÉSICO

GÔTA, REUMATISMOS E NEURALGIAS

Dr. BENGUE, Farmacêutico de 1.ª classe pela Faculdade de Paris

O mais antigo Analgésico de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em todas as casas. Alívio rápido, após a primeira aplicação.

A venda em todas as farmácias do País.—Escudos: 15\$00

PASSATEMPO

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

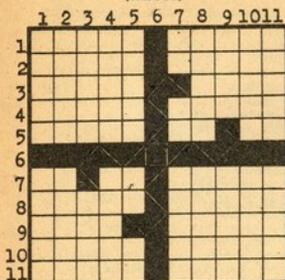
TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA A R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º - LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 30

Por Jorge Pessoa Pereira
(Lisboa)



ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1) Começas; problema de difícil resolução. 2) Demónio; administrar diligentemente. 3) Tornar êrmo; colarinho. 4) Nome do planeta mais distante de nós; atravessar. 5) Fazes girar (inv.); correr; curada. 7) Outra coisa; injusta; respeito. 8) Arrolhal; incêndios. 9) Pôr ovos; preparas. 10) Mulher de procedência mourisca; grito de gato. 11) Tentar atrevidamente; pessoas.

VERTICAIS: 1) Fica com Deus; insignificância. 2) Zanga; limpou, banhando. 3) Ramificação; nação. 4) Madeira escura e resistente; sacho para mondar. 5) Tratamento que se dá às freiras; grito de dor; aparência. 7) Esquadrão; examine!; torna célebre. 8) Unlr; casa escura e miserável. 9) Aroma; procediam. 10) Reduzes a pequenos fragmentos; rumor. 11) Fizera oração; restos mortais.

PROBLEMA N.º 29

Solução

HORIZONTAIS: 1) Fingimento. 2) Emir. 3) Ema. 4) Rampa; sol el. 5) Slara; sé; ia. 6) Ar; ut; iscar. 7) Li; adi. 8) Talpa; noa. 9) Namoro. 10) Associar.

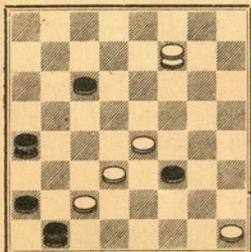
VERTICAIS: 1) Ressalto. 2) Ia; moíria. 3) Ala; ins. 4) Gê; pás. 5) Im; ma; tramo. 6) Miras; ia; oc. 7) Era; ri. 8) Canoa. 9) To; pelado. 10) Salarial.

DAMAS

PROBLEMA N.º 32

(Concurso)

Por Raúl Duarte Girão
(Pernes)

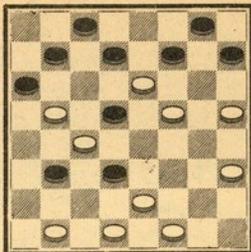


Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 33

(Concurso)

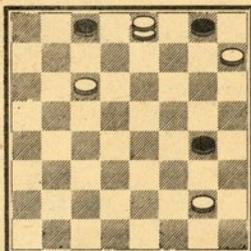
Por Edmundo Sant'Ana de Moraes
Vidigal (Lisboa)



Jogam as brancas e ganham.

FINAL DE JOGO N.º 11

Por Francisco A. Henriques
(Almeirim)



Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 30

(Concurso)

Solução

17-21 24-6-13 9-27-16-7 29-1
25-11 30-23 4-32 P. g.

PROBLEMA N.º 31

(Concurso)

17-26 30-20 9-22 32-7
8-29 24-15 29-19 P. g.

FINAL DE JOGO N.º 8

(Concurso)

Solução

1.ª hipótese
14-19 19-23 7-16
20-15 27-20 P. ganham.

2.ª hipótese
14-19 7-16
27-22 P. ganham.

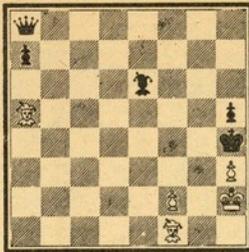
3.ª hipótese
14-19 7-3 3-7 7-3
20-16 26-21 21-17 B. g.

Nota — Se as pretas em vez de fazerem 26-21 jogarem 27-22 a branca val a «dama» e ganha em qualquer hipótese.

XADREZ

ESTUDO N.º 5

Por W. e M. Platow



As brancas jogam e empatam.

ESTUDO N.º 4

(a Troitzky)

Solução

1. Cc3, Bd2; 2. Tbl+, Bel; 3. Rh2, e 3; 4. Tal, e 2; 5. Cbl e mate.

CHARADAS

PROTÉTICAS

1) Frente a frente nunca se encontra um traçoistro. — 2-3 Lisboa Teimar

2) A dignidade é apanágio de homem sério. — 2-3 Lisboa Jim Joyce

PARAGÓGICAS

3) Trabalha com afã, para levar a cabo uma boa idéia. — 2-3 Lisboa Jim Joyce

4) A vaidade só tem cabimento nos presumidos. — 2-3 Lisboa Jim Joyce

5) A todo o obstáculo, devemos opôr uma resistência férrea. — 2-3 Lisboa Pato Bravo

6) Não ensaie, sem tomar precauções, o pequeno morteiro para experiência de pólvora. — 2-3 Lisboa Pato Bravo

7) Há quem fique alegre ao ver as avezinhas metidas em prisões. — 2-3 Lisboa Miúdiinho

8) Recuso sempre os «convites» suspeitos. — 3-4.

SOLUÇÃO DO N.º 158

1) Moderno. 2) Fundação. 3) Palhaço. 4) Indiligente. 5) Inquieta. 6) Dádiva.

CORRESPONDENCIA

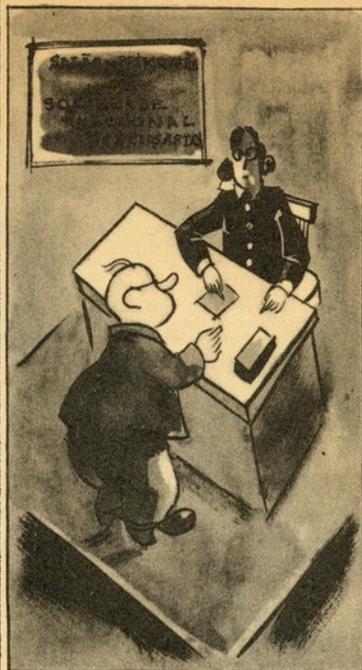
Vitorino de Sousa Valverde (Nazaré) — Pode remeter o problema. Tem que ser feito a tinta da China preta. Num outro desenho, com qualquer tinta, a solução. Não esqueça também de indicar os diccionários de que se utiliza para a confecção do seu trabalho. Lusitana (Lisboa) — Sem que ninguém me informe, mas somente pela boa apresentação dos seus problemas e do termo *simétrico*, julgo ter descoberto um grande e culto compositor de problemas de «damas» e, se assim é, as iniciais do seu nome são O. A. L.! Acerte! Não acerte!

Seja como for, os seus trabalhos inéditos são sempre bem vindos e serão publicados com muito prazer nesta secção.

Ali-e-Babá (Lisboa) — Achei bastante graça ao conteúdo do seu bilhete. Tem espírito e não ofende. Dentro em breve já terá mais espaço e evitarei precalços dessa natureza. Agradeça que me remette nome e morada. Aguardo essa gentileza.

Ventura nas Belas Artes...

Por ZÉCO



—Eu não posso atender o seu pedido, sr. Ventura. Faça favor de se dirigir à direcção.

— ?



—Tem a bondade de dizer...
—Eu vinha pedir a V. Ex.ª se me autorizava a entrar no Salão por metade do preço.
—Mas a que propósito?...
—Sou cego dum olho!...

Um drama no polo

NOVELA DE JEAN RIO

MORRER é o fim natural de toda a gente. Suicidar-se é já mais difícil. Mas matar...

Brent terminou a frase por um assobio, como que de admiração.

Isto era uma trágica patética. Mas, o caso era que tinha de ser, mesmo assim duro, por causa do luar que caía sobre o caminho gelado e da atmosfera da cabana, transportada para o último episódio dum filme de «cow-boys». Mas ninguém pensava em sorrir.

Havia vinte e quatro dias que a cabana estava isolada. Dos dez cães que para ali tinham levado, sete estavam mortos e os outros ganiam débilmente, deitados de lado, deitando de fora a língua fúndea e negra. Uma doença idiota, prostrára-os ali, paralizara-os completamente.

As peles de raposa estavam enroladas no oleado e isto fazia pensar, com agrado, com o próximo ano, em Nova York, e em Paris as mulheres elegantes trariam orgulhosamente sobre os corpos gentis todos aqueles despojos de animais.

Estava ali muito dinheiro. «Exactamente — tinha calculado Jorge — os rendimentos anuais dum marajá, dez anos de ordenados dum director bancário, oitenta anos de salários dum empregado de caminho de ferro e três séculos de trabalho dum «coolie».

Tudo isto tinha-lhes custado, a ele e aos dois companheiros seis meses de duros trabalhos. Com trinta e sete dias «de inferno no gelo» — segundo a frase de Charles e a morte dum camarada, que ficara com a mão colada no cano gelado da espingarda caçadeira. E, agora que o furacão, depois de vinte e três dias, punha tudo em desordem, ficavam só na cabana Jorge, Charles e Brent, os três cães e as peles. As peles!

Isso representava o rico vestuário de todas as raparigas duma capital e o começo duma fortuna. Mas ali, no deserto branco, eram apenas um fardo e nada mais. Um fardo inútil e pesado que se conserva instintivamente, como fazem os soldados, até ao último momento, com a lambarice que lhes enviam da terra, mesmo que ela lhes não seja nem útil nem indispensável...

O primeiro ser vivo estava a 100 quilómetros de Este. Era Hans, um velho do Norte, caçador de todos os tempos. Parecia que fazia parte da paisagem tão agarrado o viram sempre ao meio. Vivia com sua filha numa grande barraca, nas proximidades da costa. Os sócios de Jorge gracejavam, por causa da cara que fazia, quando se cruzava com Solange Hans, cujo pai havia dois anos, abandonara o comércio e a casa de peles:

— Estou muito velho para isto! — dissera ele.

E instalara um canil, alugava cães e vendia latas de *corne-beef* e armas aos caçadores.

Brent, uma vez mais examinou os cães:

— Tenho a certeza de que aquele grande patife sabia que os animais estavam doentes. Olha bem, Charles...

E Brent separou os pêlos do animal. A pele estava semeada de pequenas rosetas cor-de-rosa.

— Vê tu! Isto já tem pelo menos seis meses!

Jorge rotou nas mãos o cano do revólver. Ouviu-se um «clac-clac», como se fôsse a disparar. Um vapor forte escapava-se da marmita que aquecia na fogueira.

— Então, atira-se ao acaso?

— Jogo de palha! Vamos a ver a quem cabe a sorte!

Jorge disse isto com um riso forte e bateu com a ponta da navalha na tampa da caixa de conserva de pão.

Brent tirou um «poker» da algibeira. A partida arranjava-se...

Brent foi logo eliminado.

Jorge e Charles continuaram em campo, tão simplesmente, como se estivessem a jogar uma rodada de «whisky» num «bar» de Montreal.

E, entretanto, tratava-se da vida de um homem. Estava-se a 27 de Janeiro e, a 30, Hans devia ir à cidade. A pista de que ele se serviria passava a 5 quilómetros ao sul da cabana.

Jorge perdeu.

— Meus amigos, esta noite, jantarei com um assassino!

Era a única prancha de salvação: matar Hans. Eles tinham-no decidido na véspera: armar uma emboscada ao velho caçador e apossar-se dos seus cães. Era um «match» que se decidira entre o velho e estes três homens. A sua vida ou a deles.

Era, de resto, um combate igual, porque a ideia de Hans parecia simples: vender os cães doentes, depois deixar os homens sem recursos no deserto de neve e, três meses mais tarde, vir buscar as peles que ficariam ao lado dos cadáveres...

Foi Brent quem descobriu este plano, quando examinou os cães.

Agora, tudo lhes parecia claro. O preço ridículo do aluguer... o sorriso irónico de Hans, agitando a mão enluvada de peles, quando eles partiram para o Norte...

Agora, não lhes restava senão preparar-lhe uma emboscada. Jorge insinuou:

— Pensas que ele andará armado?

— Tenho a certeza.

Brent lançou uma olhadela no cronómetro e calculou:

— Se dentro de 18 horas não tiveres voltado, iremos procurar-te. Não te esqueças de levar a bússola. Não se vê nada, lá fora.

E foi tudo.

As primeiras horas passaram depressa. Brent e Charles começaram uma partida de cartas. Depois, cada estalido que se ouvia lá

fora, parecia-lhes que era um tiro de revólver. Uma chávena de chá, duas chávenas de chá. Jorge tinha partido havia já cinco horas. O tempo de espera era longo, penoso, monótono. Charles pensava que, no fundo, ele preferiria ter perdido. Sim, é que era o homem indicado para esta empresa. Mil vezes sonhei com um caso, assim, de legítima defesa...

Seis horas... Sete horas...

Quasi que já não havia lenha para o lume e o fumo dos cigarros tinha substituído o vapor da marmita. Dez horas... O dia tinha-se erguido, pálido, incerto. Um dia do Grande Norte!

Charles via Jorge escondido por detrás de um rochedo enorme, coberto de neve, fechando e abrindo as mãos, para que não enregelassem, no momento de disparar. Quantas vezes teria pensado em desistir? Quantas vezes pensaria que já assim estivera à espera, para atacar as feras? Ah! sim, mas agora tratava-se de um homem. Um homem com trinta anos de caça, que se armava, mesmo até quando ia à igreja, ao domingo, duas vezes por ano...

Os dois homens não haviam podido dormir durante toda a noite:

— Faltam só 35 minutos. É preciso preparar as «raquetas».

O tempo passou ainda, muito longe. Brent ajoitou:

— Dêmos-lhe ainda duas horas. Depois, partamos.

As duas horas escorram-se. Prepararam-se para sair. Mas, no momento em que transpunham a porta, viram o trenó de Hans que conduzia Jorge. Sobre o trenó, um fardo de peles. Gritaram, então, de longe ao camarada, mas este não respondeu.

— O velho deve estar apenas ferido. Jorge não deve ter tido coragem de acabar...

No fundo, eles não compreendiam este sentimentalismo que lhes parecia, já agora, idiota. Perante as circunstâncias, era lógico pensar: como conseguira Jorge transportar os fardos de peles e a vítima?

Jorge estava agora a dez metros de distância. Os cães desatrelados, vieram ladrar, por um instante, junto dos sete cadáveres dos cães, entrando em seguida na cabana.

Jorge, docemente, pegou no corpo inanimado e entrou, por sua vez, na cabana, depositando o corpo numa cama.

— Felizmente, não sou bom atirador — disse ele — Atirei sobre Solange. O pai está doente e ia de trenó buscar um médico. Disparei...

A rapariga, muito pálida, estava estendida numa cama. A bala tinha-lhe atravessado o braço, mas a ferida parecia agravar-se.

O dilema fora pôsto imediatamente. Era preciso levar a pequena à cidade e abandonar as peles e o material — o que equivalia a dizer que era preciso recomeçar de novo, com uma sorte de 100 por cento contra...

(Continua na pág. 20)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: R. DA EMENDA, 69, 2.ª — LISBOA — TEL. P. B. X. — 25844